

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA

CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS – CCT

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO - CAU

LETÍCIA DUTRA DE MATOS BASTOS

ARQUITETURA ECLÉTICA EM SÃO LUÍS -MA: análise de exemplares e o significado desse movimento para a São Luís do início do século XX.

São Luís -MA

2022

LETÍCIA DUTRA DE MATOS BASTOS

ARQUITETURA ECLÉTICA EM SÃO LUÍS -MA: análise de exemplares e o significado desse movimento para a São Luís do início do século XX.

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão como requisito para obtenção do grau de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dr^a. Thaís Trovão dos Santos Zenkner.

São Luís -MA

2022

Universidade Estadual do Maranhão. Sistema Integrado de Bibliotecas da UEMA

B327a

BASTOS, Leticia Dutra de Matos.

Arquitetura Eclética em São Luís – MA: análise de exemplares e o significado desse movimento para a São Luís do início do século XX. / Leticia Dutra de Matos Bastos. – São Luís, 2022.

106 f. : il.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Thaís Trovão dos Santos Zenkner.

1. Arquitetura Eclética. 2. Intervenções urbanísticas 3. São Luís – MA. 4. Século XX. I. Título.

CDU: 72.03”19”(812.1)

LETÍCIA DUTRA DE MATOS BASTOS

ARQUITETURA ECLÉTICA EM SÃO LUÍS -MA: análise de exemplares e o significado desse movimento para a São Luís do início do século XX.

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão como requisito para obtenção do grau de bacharel em arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: São Luís, 15/07/2022

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Thaís Trovão dos Santos Zenkner – Orientadora
Doutora em Urbanismo – UFRJ



Margareth Gomes de Figueiredo
Doutora em Engenharia Civil - Universidade de Aveiro



Andréia Mesquita Santos Marques
Mestre em Cultura e Sociedade - UFMA

À minha mãe, aos meus familiares e amado companheiro,
que sempre acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus por toda a força, coragem e perseverança, me segurando quando eu quis desistir. Sou grata pelo dom da vida e por todas as bênçãos que me foram dadas até aqui.

Aos meus familiares, em especial ao meu pai Francisco, que é a base da minha realização, à minha avó Maria, meu bem mais precioso, à Neide, que fornece todo o suporte que preciso, e à minha irmã Lorena, que passou junto comigo por esse momento, com uma troca incrível de força, conhecimento, carinho e incentivo. Ao meu cunhado Daniel, que compartilhou comigo os momentos de produção e me presenteou com doces. Aos demais familiares que eu amo imensamente, eu agradeço pela paciência e por nunca perderem a fé em mim, pelo eterno apoio e por compartilharem comigo todo o amor que possuem. Vocês são a minha base e me fazem mais forte.

Ao meu amor e fiel companheiro Pedro Luccas, pelo apoio incondicional, pelo carinho sem igual, pela ajuda sempre que fora preciso, pelo incentivo em todo o processo e por dividir comigo meus momentos de tristeza, frustração e cansaço. Por todo o amor, cuidado e afeto. Obrigada por estar sempre presente e confiar no meu potencial.

Agradeço, do fundo do meu coração, à minha orientadora Profa. Dra. Thaís Zenkner, que não soltou a minha mão nesse árduo processo até a conclusão, me orientando majestosamente e sempre me presenteando com sua calma e doçura. Agradeço também à Prof. Dra. Margareth Figueiredo, que brilhantemente contribuiu para esse trabalho com todo seu vasto conhecimento. À elas eu agradeço pelo tempo que fora a mim disponibilizado e ao incentivo constante.

Por fim, agradeço à mim mesma por ter conseguido superar uma barreira tão difícil e ter me mostrado capaz de atingir meus objetivos.

“A arquitetura deve falar de seu tempo e lugar, porém anseia por ser atemporal”.

Frank Gehry

RESUMO

O presente trabalho trata da prática da arquitetura eclética em São Luís do Maranhão no século XX, com uma análise de exemplares atualmente dispostos no centro histórico e observações acerca das mudanças que o movimento trouxera para a capital. Diante disso, traça-se inicialmente um panorama histórico do século XIX na Europa, abordando a chegada da Revolução Industrial na Inglaterra e as consequências para a ciência e o urbanismo, assim como o surgimento do historicismo, visto que ambos são eventos importantes e precursores do ecletismo. A partir disso, busca-se o entendimento do movimento eclético por meio de sua conceituação, da contextualização histórica a qual se apresenta e da análise de grandes exemplares europeus, além de retratar as Exposições Universais, palco para o ecletismo, e as intervenções urbanísticas do período, através do modelo de Haussmann, em Paris. Percorre-se, então, o panorama brasileiro com a chegada do movimento ao país e suas consequências, para enfim adentrar no ecletismo em São Luís, por meio da contextualização histórica da cidade nos séculos XIX e XX, as intervenções urbanísticas realizadas e a inserção da arquitetura eclética em uma presente arquitetura tradicional portuguesa. A pesquisa busca compreender o papel do ecletismo na capital nesse período e, para isso, catalogam-se exemplares de um recorte no centro histórico, mais precisamente da Rua do Sol, observando as principais características dos imóveis através de fotografias retiradas no local. Utiliza-se de livros, artigos, teses e dissertações para o embasamento teórico, assim como bancos de imagens em sites para a ilustração de exemplares ecléticos mundiais. Dessa forma, compreende-se o ecletismo como uma representação arquitetônica que promove a modernidade na São Luís – MA do século XX, quando a cidade almeja o progresso.

Palavras-chave: Arquitetura Eclética. Intervenções Urbanísticas. São Luís – MA. Século XX.

ABSTRACT

The present work deals with the practice of eclectic architecture in São Luís do Maranhão in the twentieth century, with an analysis of examples currently arranged in the historic center and observations about the changes that the movement brought to the capital. In view of this, a historical overview of the nineteenth century in Europe is initially outlined, approaching the arrival of the Industrial Revolution in England and the consequences for science and urbanism, as well as the emergence of historicism, since both are important events and precursors of eclecticism. From this point on, we seek to understand the eclectic movement through its conceptualization, the historical contextualization in which it is presented and the analysis of great European examples, in addition to portraying the Universal Exhibitions, stage for eclecticism, and the urban interventions of the period, through the Haussmann model in Paris. We then go through the Brazilian panorama with the arrival of the movement in the country and its consequences, to finally enter eclecticism in São Luís, through the historical contextualization of the city in the nineteenth and twentieth centuries, the urban interventions carried out and the insertion of eclectic architecture in a present traditional Portuguese architecture. The research seeks to understand the role of eclecticism in the capital in this period and, to this end, we catalogue examples from a section of the historic center, more precisely from Rua do Sol, observing the main characteristics of the buildings through photographs taken at the site. Books, articles, theses and dissertations are used for the theoretical basis, as well as image banks in websites for the illustration of worldwide eclectic examples. In this way, eclecticism is understood as an architectural representation that promotes modernity in São Luís - MA of the twentieth century, when the city aims for progress.

Keys – Word: Eclectic Architecture. Urban Interventions. São Luís – MA. Twentieth Century.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Museu Britânico, por Sir Robert Smirke, 1823	19
Figura 2 - Altes Museum, por Carl Friedrich Schinkel, 1822-30.....	20
Figura 3 - Parlamento Inglês, por Sir Charles Barry e A.W. N. Pugin	20
Figura 4 - Fachada da Ópera de Paris, Charles Garnier, 1875	29
Figura 5 - A grande escadaria da Ópera de Paris	30
Figura 6 - Fachada do atual Museu D'Orsay.....	30
Figura 7 - Interior do atual Museu D'Orsay	31
Figura 8 - Palácio da Justiça de Bruxelas, Joseph Poelaert.....	32
Figura 9 - Escadaria no interior do Palácio da Justiça de Bruxelas.....	33
Figura 10 - Palácio de Reichstag de Berlim, Alemanha, 1864.....	33
Figura 11 - Fachada da Galeria Vittorio Emanuele, Giuseppe Mengoni, 1887	34
Figura 12 - Galeria Vittorio Emanuele, Giuseppe Mengoni, 1887	35
Figura 13 - Parlamento de Budapeste, de Imre Steindl, 1896	35
Figura 14 - Palácio de Cristal, Joseph Paxton, 1851	37
Figura 15 - Interior do Palácio de Cristal, Exposição Universal de 1851	38
Figura 16 - Palais de l'Industrie, Exposição Universal de 1855	39
Figura 17 - Palais de l'Industrie, vista aérea, Exposição Universal de 1855	39
Figura 18 - Interior do Palais de l'Industrie, Exposição Universal de 1855	40
Figura 19 - Vista Geral da Exposição Universal de Paris em 1889	41
Figura 20 - Fachada da Galerie des Machines, Exposição Universal de Paris em 1889.....	41
Figura 21 - Detalhe das Estruturas de Ferro da Galerie des Machines.....	42
Figura 22 - Torre Eiffel, Exposição Universal de Paris em 1889.....	42
Figura 23 - Torre Eiffel atualmente.....	43
Figura 24 - Os novos limites administrativos de Paris em 20 arrondissements	46
Figura 25 - As 12 amplas vias radiais partindo do Arco do Triunfo	47
Figura 26 - Representação da abertura da Avenue de l'Opéra e os lotes desapropriados.....	48
Figura 27 - Avenue de l'Opéra, tela de Camille Pissarro, 1898.....	48
Figura 28 - Avenue de l'Opéra atualmente, com a Ópera de Paris ao fundo.....	49
Figura 29 - Champs-Élysées Boulevard atualmente.....	49
Figura 30 - Fachadas padronizadas segundo Plano Haussmann	50
Figura 31 - Les Halles de Paris, Victor Baltard, 1863.....	51
Figura 32 - Cité Napoléon, 1850	52
Figura 33 - Espaços Públicos implantados por Haussmann na Malha Urbana de Paris	53
Figura 34 - Bois de Boulogne após recuperação de Haussmann.....	53
Figura 35 - Foto de Paris nos dias atuais	54
Figura 36 - Pavilhão brasileiro na Exposição Universal de Paris, 1889.....	58
Figura 37 - Construção de Fachadas na Avenida Central	63
Figura 38 - Escola e Museu Nacional de Belas Artes, 1908	63
Figura 39 - Theatro Municipal do Rio de Janeiro na Avenida Central, 1910	64
Figura 40 - Fachada Theatro Municipal do Rio de Janeiro atualmente.....	64
Figura 41 - Fachada Biblioteca Nacional	65
Figura 42 - Detalhe Escadaria do Saguão da Biblioteca Nacional	65
Figura 43 - Exposição Nacional do Rio de Janeiro, 1908	66
Figura 44 - Estação da Luz, São Paulo.....	69

Figura 45 - Mercado Municipal de São Paulo.....	69
Figura 46 - Fachada Teatro Municipal de São Paulo	70
Figura 47 - Escadaria Principal Teatro Municipal de São Paulo.....	70
Figura 48 - Linha do tempo entre os séculos XVIII e XX	74
Figura 49 - Tipologias Térreas Coloniais	75
Figura 50 - Palácio dos Leões atualmente	78
Figura 51 - Biblioteca Benedito Leite atualmente.....	79
Figura 52 - RFFSA em recente reforma	79
Figura 53 - Mapa do Centro Histórico, Zonas e Limites de Proteção de Patrimônio	81
Figura 54 - Recorte dos Estilos da Rua do Sol, Mapa de Estilos	81
Figura 55 - Fachada Chanfrada, Sobrado Eclético, Esquina Rua do Sol com Rua Santa Rita, nº 660.....	82
Figura 56 - Fachada Frontal, Sobrado Eclético, Rua do Sol, nº 660.....	83
Figura 57 - Detalhe Portão, Fachada Lateral, Sobrado Eclético, Rua Santa Rita, nº 660	83
Figura 58 - Fachada Morada Inteira Descaracterizada, Eclética, Rua do Sol, nº 655	84
Figura 59 - Fachada Sobrado Eclético, Rua do Sol, nº 544.....	85
Figura 60 - Sobrado Eclético com Edificação Anexa, Rua do Sol, nº 544.....	85
Figura 61 - Fachada Meia Morada, Eclética, Rua do Sol, nº 535	86
Figura 62 - Fachada Morada Inteira, Eclética, Rua do Sol, nº 655	87
Figura 63 - Fachada Morada Inteira com Mirante, Eclética, Rua do Sol, nº 460.....	88
Figura 64 - Fachada Morada Inteira Descaracterizada, Eclética, Rua do Sol, nº 450	88
Figura 65 - Fachada Morada Inteira, Eclética, Rua do Sol, nº 412	89
Figura 66 - Fachada Morada Inteira, Eclética, Rua do Sol, nº 297	90
Figura 67 - Fachada Eclética, Sem Tipologia Definida, Rua do Sol, nº 231	91
Figura 68 - Fachada Meia Morada, Eclética, Rua do Sol, nº 223	92
Figura 69 - Fachada Meia Morada, Eclética, Rua do Sol, nº 246	93
Figura 70 - Fachada Morada Inteira, Eclética, Rua do Sol, nº 218	94
Figura 71 - Sobrado Eclético, Rua do Sol, nº 117	95
Figura 72 - Sobrado Eclético, Rua do Sol, nº 55	96
Figura 73 - Sobrado Eclético, Rua do Sol, nº 39.....	97

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	10
1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O SÉCULO XIX NA EUROPA.....	13
2.1 A Revolução Industrial e suas contribuições.....	14
2.2 O Historicismo na arquitetura.....	18
3 O ECLETISMO NO SÉCULO XIX.....	22
3.1 As doutrinas dos primeiros arquitetos e grandes obras da arquitetura eclética na Europa.....	27
3.2 As principais Exposições Universais do século XIX.....	36
3.3 As transformações urbanísticas do século XIX: o plano de Haussmann.....	44
4 O MOVIMENTO ECLÉTICO NO BRASIL E EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO...56	56
4.1 A paisagem urbana brasileira e a arquitetura eclética.....	56
4.2 As transformações urbanas e a arquitetura eclética em São Luís no século XX.71	71
4.3 Catalogação de exemplares ecléticos na Rua do Sol.....	80
5 CONCLUSÃO.....	99
REFERÊNCIAS.....	101

1 INTRODUÇÃO

A arquitetura esteve presente e associada a diversos períodos e acontecimentos na história, seja como obra decorrente da necessidade da época, arte ou forma de expressão. Sendo assim, características singulares tornam-se presentes nas representações arquitetônicas de cada época, o que produz os estilos arquitetônicos hoje conhecidos. Dentre eles, tem-se a vertente eclética, originada na Europa, no século XIX.

O ecletismo trata-se da junção, numa mesma obra, de dois ou mais estilos arquitetônicos já existentes, através da mistura de seus principais elementos, somado à utilização dos novos materiais da época: o ferro forjado, o vidro e o aço. Apresenta-se de forma fluída, sem regras rígidas, por meio da liberdade e pluralidade compositivas, da renovação da linguagem arquitetônica. A arquitetura eclética foi um instrumento poderoso na história da arquitetura e representa o período inovador e transitório do qual faz parte, pois trouxera a riqueza estética e construtiva a partir da mescla da atualidade com a antiguidade.

A elaboração desse trabalho justifica-se pela riqueza do período histórico em que o ecletismo está inserido, visto que tratava-se de uma época transitória ao modernismo, com inúmeras inovações e necessidades. Além disso, o movimento eclético possui uma vasta riqueza decorrente do resgate de outras importantes tipologias arquitetônicas, mas de uma forma conjunta e singular, já que a sua maneira misturava estilos e somava suas próprias contribuições. Dada a importância e disseminação do estilo, a arquitetura eclética chega à São Luís, que absorve suas características e as aplica, trazendo para a história da cidade uma modernidade que é incorporada ao conjunto arquitetônico colonial.

Nesse contexto, tem-se como objetivo estudar o movimento eclético em São Luís, Maranhão, por meio da análise de exemplares dessa arquitetura, para a compreensão do significado dessa inovação para a cidade. Busca-se pesquisar o contexto histórico em que se insere o surgimento do estilo eclético, estudar o ecletismo na Europa e suas contribuições, analisar o movimento no Brasil, destacando importantes edificações e catalogar alguns exemplares ecléticos em São Luís, conceituando os principais elementos tipológicos ligados ao movimento.

Para a realização do presente trabalho utiliza-se uma metodologia baseada, primeiramente, no levantamento de referenciais bibliográficos e fotográficos que retratem o contexto histórico do surgimento do ecletismo na Europa e sua disseminação pelo Brasil e São Luís. Ademais, destacamos alguns autores que abordam o estudo do movimento eclético e suas características, como: Leonardo Benévolo (2001), Nikolaus Pevsner (2002), Yves Bruand

(1991), Nestor Goulart (2000), Pedone (2002), Lopes (2008), Andrès (1998), dentre outros. Diante das informações adquiridas, segue-se para a elaboração do material escrito e produção em campo. Nessa fase, realizam-se fotografias de alguns exemplares da arquitetura eclética em São Luís para a composição de um acervo fotográfico que auxiliará na posterior análise desses imóveis e as conclusões acerca do ecletismo na cidade.

Diante disso, inicia-se o trabalho com a contextualização histórica do século XIX, período em que surge o ecletismo. Fala-se da Revolução Industrial, na Inglaterra, e suas consequências, principalmente para a arquitetura. Ademais, pontua-se o surgimento do historicismo arquitetônico. Buscou-se perceber a contribuição desses eventos para o desenvolvimento da arquitetura eclética.

O segundo capítulo trata do ecletismo propriamente dito, a conceituação da vertente, as características predominantes, obras marcantes da Europa e doutrinas de importantes arquitetos. Aborda-se as Exposições Universais, vitrines do movimento e grandes responsáveis pela exibição e disseminação da arquitetura do século XIX, com notáveis obras. Além disso, discorre-se sobre a intervenção urbanística de Paris através do Plano de Haussmann, os motivos pelos quais é referência de urbanismo e palco para o ecletismo.

O terceiro capítulo traz a discussão para o âmbito nacional, primeiramente com a chegada do movimento em São Paulo e Rio de Janeiro, as edificações construídas nesse estilo e as modificações urbanísticas das cidades. Por conseguinte, aborda-se a cidade de São Luís com o contexto da influência eclética, estuda-se as transformações urbanísticas, arquitetônicas e catalogam-se alguns exemplares do recorte escolhido.

Por fim, apresenta-se as considerações finais, com uma análise crítica acerca dos conhecimentos adquiridos e dos dados levantados, resultando na compreensão da influência do ecletismo na cidade de São Luís.

2 O SÉCULO XIX NA EUROPA

O presente estudo parte da premissa de que somente através da compreensão do contexto histórico em que se está inserido, será possível perceber a importância do ecletismo para a história da arquitetura, caminhando pelo seu surgimento no século XIX na Europa, o papel da revolução industrial e a influência do historicismo arquitetônico.

O século XIX corresponde a um período de transformações intensas e significativas iniciadas na Europa e gradativamente vivenciadas por todo o mundo. A história sofrera com revoluções importantes para os ideais políticos, a ciência expandira seus conhecimentos e a sociedade buscara o futuro. Filósofos e pensadores apresentaram teorias que nortearam a forma de vida e artistas trouxeram uma arte criativa e inovadora através de movimentos como: o Romantismo, o Realismo e o Impressionismo. Um período historicamente rico que transcorreu regado a mudanças e inovações também na arquitetura.

Sucessor do século das luzes, o século XIX inicia-se com os resquícios dos ideais iluministas disseminados no final do século XVIII, que trouxeram novas interpretações de economia, governo e sociedade. O pensamento iluminista era pautado na razão e buscava propagar o conhecimento, a fim de sobrepor o pensamento racionalista ao religioso, anteriormente dominante, inclusive em meios políticos. Além disso, valorizava a igualdade social, motivo pelo qual também fora guia para revoluções como a Revolução Francesa de 1789, que pôs fim ao absolutismo. Assim, o iluminismo apresentou-se como uma luz em meio a períodos de trevas e abriu portas para as inovações e evoluções necessárias, com o desafio ao tradicionalismo e o incentivo à liberdade de pensamento.

Diante dos ideais liberais e iluministas, em 14 de Abril de 1791 ocorre em Paris, na França, uma reunião que daria início a importante atmosfera precedente à Revolução Industrial. A União Fraternal dos Trabalhadores em Construção de Paris¹ promove um encontro a fim de instituir, em comum acordo com os empreiteiros, uma regulamentação salarial, para que gozem de um nível de vida adequado e possuam condições de defender seus próprios interesses. Contudo, os empresários abstiveram-se de qualquer posicionamento, o que acarretou em uma pressão por parte dos operários de um parecer do Município de Paris acerca da situação. Este, publicou um manifesto que expressava a condenação da existência das associações operárias e reafirmava os princípios liberais que culminaram na abolição das antigas corporações, que regulavam as relações de trabalho (BENÉVOLO, 2001). Afirmava-se que:

¹ A União Fraternal dos Trabalhadores em construção de Paris eram os operários das obras de Sainte-Geneviève, da Place de La Concorde, das novas pontes sobre o rio Sena (Benévolo, 2001, p.19).

A lei ab-rogou as corporações que detinham o monopólio da produção. Ela, portanto, não pode autorizar coalizões que, em substituição àquelas, iriam estabelecer um novo gênero de monopólio. Por isso, aqueles que entrarem nessas coalizões operárias, que as suscitarem ou fomentarem, são evidentemente refratários à lei, inimigos da liberdade e puníveis como perturbadores da paz e da ordem pública. (Assim, o pedido de determinar o salário por lei não pode ser acolhido). É bem verdade que todos os cidadãos são iguais em direitos, porém não o são, de fato, em capacidade, talentos e meios; é portanto impossível que eles se iludam pensando que podem todos obter os mesmos ganhos [...] (BARBAGALLO, apud, BENÉVOLO, 2001, p. 19).

Perante o exposto, estava claro o partido que as autoridades tomaram mediante a situação e acentuaram-se os conflitos entre as partes envolvidas. A insatisfação operária era crescente enquanto a relutância dos empresários era constante. Estes alegavam a imposição de interesses dos operários por meio de uma associação ilegal enquanto aqueles defendiam sua união como uma forma de representação justa na luta de seus direitos. Esse cenário expande-se pela França e chega na Inglaterra por volta de 1800, que decreta o *Combination Act*, a fim de proibir toda associação de categoria, medida semelhante à adotada na situação parisiense. Segundo Benévolo (2001, p. 20), “define-se, assim, no período crucial da Revolução Industrial, a conduta do poder político no campo das relações de trabalho segundo um enunciado teoricamente inatacável”. Assim, da mesma forma que mostrou-se ineficaz para solucionar o problema na capital francesa, a solução inglesa fora inadequada para regular a situação, sendo assim abolida em 1824.

Nesse contexto, com intensos conflitos e insatisfações de classes que não abriram mão de seus privilégios em prol de maior igualdade social, irrompe na sociedade europeia, mais precisamente na Inglaterra, a Revolução Industrial, acontecimento decisivo para mudanças sociais e econômicas pela Europa e, posteriormente, pelo planeta.

2.1 A Revolução Industrial e suas contribuições

No final do século XVIII houve a construção da atmosfera social e econômica pautada nos ideais iluministas que culminaram na explosão da Revolução Industrial no início do século XIX na Inglaterra. Visando o progresso e impulsionada pela classe social burguesa que ansiava pela ampliação de sua riqueza, há um grande investimento no setor industrial, resultando no advento da máquina à vapor, determinante marco da revolução. Nesse contexto, as mudanças iniciadas no campo da indústria influenciaram durante todo o século transformações em diversas áreas, principalmente o avanço da ciência e tecnologia, responsáveis por melhorias significativas para a sociedade e para as cidades.

Diante do advento das máquinas, a classe operária sofre um impacto significativo. Estes, que até então supriam as necessidades da indústria, veem-se perdendo espaço para uma produção cada vez mais mecanizada, resultando em uma mão-de-obra que deixa de ser artesanal e passa a ser manufaturada. O mesmo processo acontece com a produção no campo e os trabalhadores rurais, que na busca por uma nova forma de sustento, migram para as cidades e ocupam as vagas de trabalho no crescente mercado industrial, transformando, assim, uma economia agrícola em uma economia industrial.

A Revolução Industrial trouxe, segundo Benévolo (2001, p. 21), “aumento da população, aumento da produção industrial e mecanização dos sistemas de produção”. O aumento populacional, impulsionado pela revolução, fora resultado principalmente da redução significativa da taxa de mortalidade da época, fator proporcionado por progressos científicos na medicina e sobretudo nas melhorias de ordem sanitária na cidade. Entrelaçado a isso, o aumento da produção industrial ocorre de modo quantitativo e qualitativo, visto que há não só o alargamento mas também a diversificação de produtos nas indústrias. Com isso, fora necessário a implementação de um sistema de produção industrial que pudesse suprir o aumento da demanda decorrente do aumento populacional, resultando em uma rápida mecanização da produção, visto que havia desequilíbrio entre a mão-de-obra e as exigências do mercado. Surge então a máquina a vapor (BENÉVOLO, 2001).

Nesse contexto, ressalta-se que a relação entre o acréscimo demográfico e o industrial é entrelaçada, de modo que em determinado ponto um é influenciado pelo outro. O aumento populacional fora um dos pilares da industrialização, proporcionado, dentre outros fatores, pela melhoria higiênica, como já citado anteriormente. Entretanto, essa melhoria só fora possível devido ao próprio avanço do sistema industrial. Além da maior fabricação de produtos de limpeza, como sabão e roupas de algodão mais acessíveis, houveram condições de moradia mais dignas e saudáveis, com a separação da casa e oficina, e melhorias nos sistemas de infraestrutura de água e esgoto, proporcionado pelo avanço técnico da engenharia (BENÉVOLO, 2001).

Diante das inovações acarretadas pela revolução, o século XIX torna-se um divisor de águas em diversos setores, dentre eles o do conhecimento. Além do uso da mão-de-obra pautada nas máquinas, o avanço da medicina e dos sistemas de infraestrutura, há uma vasta produção de conhecimento e de materiais que impulsionara a sociedade e conseqüentemente mudanças na arquitetura. Segundo Benévolo (2001, p. 35), “as mudanças principais podem ser resumidas em três pontos”:

Em primeiro lugar, a Revolução Industrial modifica a técnica das construções [...] Os materiais tradicionais, pedra, tijolos e telhas, madeira, são trabalhados de modo racional e são distribuídos de maneira mais liberal; a eles, juntam-se novos materiais, tais como o ferro gusa, o vidro e mais tarde o concreto [...] Em segundo lugar, aumentam as quantidades postas em jogo [...] A economia industrial não seria concebível sem um novo aparelhamento de edifícios e de instalações novas – fábricas, lojas, depósitos, portos – que devem ser construídos em tempo relativamente curto [...] Finalmente, os edifícios e os implementos, atraídos para o giro da economia capitalista, adquirem um significado um tanto diverso daquele que possuíam no passado. Não são mais vistos como arranjos feitos de uma vez por todas mediante o desembolso de um capital que, no fundo, está perdido, mas como investimentos amortizáveis regularmente, juntamente com os outros meios de produção (BENÉVOLO, 2001, p. 35-36).

Posto isso, os novos materiais, ferro e vidro, sobressaem-se nas novas construções em relação aos materiais já existentes, e sua empregabilidade torna-se possível devido ao progresso científico, ao aparelhamento com máquinas nos canteiros assim como nas fábricas, melhoria na representação dos projetos com o uso mais rigoroso da geometria e a capacitação de profissionais treinados em escolas especializadas. Além disso, há o aumento da demanda, visto que, como já explicitado, tem-se um aumento populacional nas cidades, logo necessita-se de mais estradas para transporte – não só de pessoas mas também de mercadorias – mais casas para moradia e ampliação de edificações públicas. Por fim, as construções adquirem um caráter dinâmico, não mais estáticos, condição que permitiu a distinção entre o valor do edifício e do terreno, onde este tornou-se independente e estável quando aquele possuía tempo limitado (BENÉVOLO, 2001).

As pressões sociais e tecnológicas, decorrentes da revolução Industrial, afetaram de modo mais direto a arquitetura que as outras artes. As mudanças nos padrões de colonização e trabalho, mudanças técnicas envolvendo o uso de novos materiais, mudanças econômicas devido ao aumento na rentabilidade do desenvolvimento dos países, mudanças no método de distribuição de pessoas e bens alteraram radicalmente a infraestrutura arquitetônica (PEDONE, 2002, p. 89).

A arquitetura, antes abordada por meio de estilos claros e fixos que traduziam as determinadas épocas de atuação, encontra-se agora congruente com o século XIX. Assim como o período fora um intervalo transicional e inovador na história, a arquitetura também fora. Dessa forma, a arquitetura sofre uma ruptura de seus moldes e começa a questionar e experimentar novas abordagens, visto que surgira novos materiais, tecnologias e métodos construtivos, buscando a sua melhor forma para atender as necessidades do século XIX.

A partir da Revolução Industrial expandem-se as possibilidades técnicas que, associadas aos novos programas decorrentes dos desdobramentos sociais e políticos do período, vão impulsionar as mais diversas correntes de atuação arquitetônica. Ao longo da segunda metade do século XVIII e todo o século XIX, surgem várias manifestações no campo da arquitetura que representam a diversidade do pensamento naquele período (D'ELBOUX, 2005, p. 24).

A partir das ideias iluministas e da racionalidade que nortearam o período, a arquitetura buscava a visão futura. Havia incrementos populacionais, urbanos, sociais, econômicos, industriais, técnicos, trazendo consigo diversas necessidades e a velocidade com que essas mudanças ocorreram exigiu respostas rápidas. Além disso, estas soluções deveriam ser pensadas a longo prazo, para que fossem funcionais por um extenso intervalo de tempo, resultando na necessidade de se projetar, visto que projetar traria os melhores resultados para as necessidades solicitadas e de modo duradouro.

Pela própria natureza dos fatos que se desenrolam nessa época – urbanização acelerada, necessidades de consumo e de deslocamento em massa, aumento populacional pela queda da mortalidade infantil e melhoria – ainda que relativa, quando observada de um ponto de vista contemporâneo – dos níveis de qualidade de vida e das decorrentes necessidades habitacionais – várias ações ligadas à vida cotidiana devem, necessariamente, ser projetadas. Projetar implica visão futura, pensar o futuro (D’ELBOUX, 2005, p. 24).

Nesse contexto, observa-se o começo da cisão entre o papel do arquiteto e do engenheiro, com divisões mais claras entre a parte teórica – a arte de projetar – com a prática. Aponta-se dois fatores principais, sendo o primeiro deles o olhar sobre o futuro, com as crescentes demandas industriais e a conseqüente busca por mais conhecimento e especialização, com destaque para a *École Polytechnique* que oferecia o curso referência na Europa. Ademais, o segundo é o olhar para o passado, permitido pelo avanço da arqueologia e o advento das ciências sociais que trouxera maior conhecimento sobre os povos antigos e funcionamento da sociedade (D’ELBOUX, 2005).

As duas nações pioneiras nesses processos foram a Inglaterra e a França, esta palco da Revolução Francesa enquanto aquela berço da importante Revolução Industrial. Segundo D’elboux (2005, p. 27), “de uma maneira geral, podemos considerar que a contribuição francesa foi o avanço da teoria e a contribuição inglesa se deu no campo prático”. Ela ressalta ainda que os franceses trazem o racionalismo, com o desenvolvimento científico, o princípio cartesiano e a matemática, enquanto os ingleses o empirismo através do empreendedorismo e da liberdade de espírito (D’ELBOUX, 2005).

Diante disso, a Revolução Industrial, influenciada pelos ideais iluministas do século XVIII, trouxera para o século XIX uma atmosfera de inovações e conhecimento, com o conseqüente desenvolvimento da sociedade em suas inúmeras esferas, políticas, econômicas, sociais. A partir dela, o panorama das cidades mudara, pois a população aumentara, conseqüentemente as demandas, a forma de produzir mudara devido aos novos conhecimentos adquiridos e a tecnologia emergente. Somado a isso, as inovações trouxeram novos caminhos

para a arquitetura, com métodos diferentes de construir, materiais mais resistentes e novas concepções de arquitetura.

2.2 O Historicismo na arquitetura

O século XIX trouxera diversas transformações na sociedade e a Revolução Industrial proporcionou avanços significativos. O anseio pelo conhecimento, incentivado pelos ideais iluministas, motivou o estudo da arqueologia e de escavações, principalmente à Roma e Grécia, a fim de entender melhor os elementos dos estilos arquitetônicos passados e utilizá-los em novos projetos. A busca pela antiguidade e o papel primordial da arqueologia levaram a um olhar voltado para o revivalismo da arquitetura, resultando em um período conhecido como *revivals* ou historicismo (PEDONE, 2002).

[O historicismo] consiste em reconstituir, em uma síntese sempre aproximativa, os elementos diversos de um conjunto de obras que, através da história, foram objeto de uma classificação estilística, até aplicar essa reconstituição a um edifício moderno e lhe atribuir assim o sentido, os valores ou as significações desse estilo. O historicismo construiu representações da história para sustentar representações sociais ligadas a projetos políticos e culturais (IBIDEM, apud, PEDONE, 2002, p. 95).

O historicismo inicia-se no século XVIII, mas apenas no século seguinte toma forma como uma vertente arquitetônica significativa. Trata-se do resgate e da reutilização de um determinado estilo arquitetônico do passado em novos projetos e difere-se dos renascimentos anteriores, pois não faz referência a apenas um único estilo e sim dá liberdade para a utilização de qualquer um. Além disso, busca-se reproduzi-lo não só esteticamente, mas também os seus ideais e virtudes morais (PEDONE, 2002).

Segundo Pevsner (2002, p. 361), “o tratamento livre e fantasioso dos estilos desenvolveu-se na direção da exatidão arqueológica. Isso se deve ao aprimoramento dos instrumentos de conhecimento histórico que caracteriza o século XIX. É, de fato, o século do Historicismo”. Diante disso, em um período transitório e de muitas incertezas, a arquitetura historicista parte da evasão do presente e apresenta-se como uma forma segura de projetar. Entretanto, essa configuração não agradara a todos e alguns teóricos a enxergam com maus olhos. Como explicita Pevsner (2002, p. 361): “esse foi um grave sintoma de um século doentio cujos arquitetos se satisfizeram em ser contadores de histórias ao invés de artistas” e afirma ainda que “o século XIX parece satisfazer-se com o estudo histórico e comparativo das filosofias existentes ao invés do estudo da ética, estética, etc”.

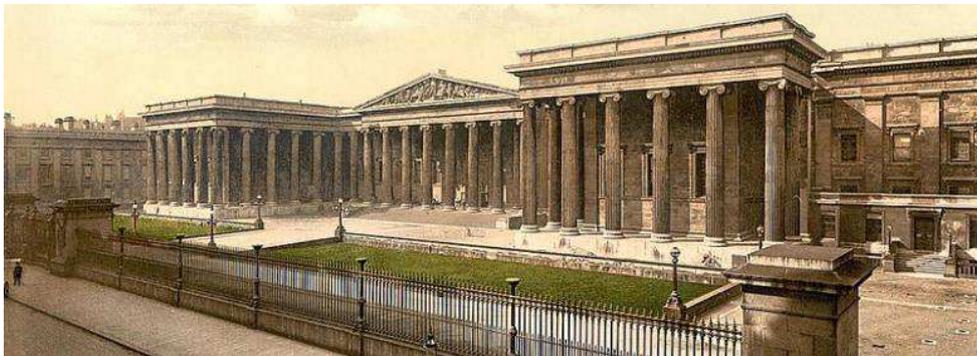
Por volta de 1830, observou-se que grande parte dos arquitetos julgavam as obras da época inferiores a qualquer obra dos séculos anteriores. Não havia o desejo em desenvolver um estilo próprio do período e assim, estilos como clássico e gótico começaram a reaparecer, com a associação de alguns deles a certas funções, como o uso de castelos amuralhados para as prisões. Dessa forma, com a possibilidade de utilização de inúmeros estilos anteriores, apresentou-se o historicismo (PEVSNER, 2002).

No historicismo, mesmo com divergências teóricas quanto a função do arquiteto, houve a contribuição histórica com edificações importantes e papel fundamental nas necessidades da sociedade do século XIX. As cidades almejavam expansão, visto que a população aumentara, conseqüentemente careciam de mais serviços como hospitais e escolas. Nota-se, assim, uma mudança arquitetônica quanto a funcionalidade do edifício.

Mas a grande maioria do que poderíamos selecionar seriam edifícios para órgãos governamentais, prédios municipais e, posteriormente, edifícios privados, para escritórios, museus, galerias, bibliotecas, universidades e escolas, teatros e casas de concerto, bancos e bolsas, estações ferroviárias, lojas de departamentos, hotéis e hospitais, ou seja, todas construções executadas não para o culto ou a ostentação, mas para o benefício e o uso diário do povo, representado por diversos grupos de cidadãos (PEVSNER, 2002, p. 367).

Entre os anos de 1820 e 1840 desenvolveu-se o que fora considerado as representações mais corretas do estilo neogrego, referência ao clássico. Norteadas pelas classes mais altas e a ideologia humanista liberal, essa vertente fora responsável pela ampliação e reorganização da educação, dando vida as primeiras galerias de arte, teatros nacionais e museus públicos (PEVSNER, 2002). Um grande exemplo fora o Museu Britânico, em Londres, por Sir Robert Smirke, iniciado em 1823, com uma grande fachada de ordem Jônica.

Figura 1 - Museu Britânico, por Sir Robert Smirke, 1823



Fonte: página Great Buildings²

² Disponível em: <http://www.greatbuildings.com/cgi-bin/gbi.cgi/The_British_Museum.html/cid_1123544627_08563v.html> Acesso em: 24 de Maio de 2022.

O neogrego apresentou-se em outros países da Europa e atravessou o oceano chegando também as terras norte americanas. Outro exemplo está em Berlim, com o Altes Museum, por Carl Friedrich Schinkel, iniciado em 1822 e concluído em 1830.

Figura 2 - Altes Museum, por Carl Friedrich Schinkel, 1822-30



Fonte: PEVSNER, 2002

Um estilo com importantes obras fora o neogótico, com destaque para a participação da Inglaterra, a maior representante. Em 1836, inicia-se a construção de um dos maiores símbolos da vertente e uma edificação ícone inglesa até os dias atuais, o Parlamento Inglês, também conhecido como Palácio de Westminster, dos arquitetos Sir Charles Barry e A. W. N. Pugin. Segundo Pevsner (2002, p. 366), “pensava-se muito mais na estética do que na funcionalidade. Entretanto era novidade construir um palácio para um governo democrático e um para a cultura do povo. Edifícios públicos eram raros antes de 1800”.

Figura 3 - Parlamento Inglês, por Sir Charles Barry e A.W. N. Pugin



Fonte: página Archdaily³

³ Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/879375/classicos-da-arquitetura-palacio-de-westminster-charles-barry-e-augustus-pugin>> Acesso em: 24 de Maio de 2022.

Nesse contexto, outros estilos apresentaram-se também pela Europa como o neobarroco, neobizantino, neocolonial, neorromânico, entre outros. Entretanto, ao passo que essas obras eram projetadas e executadas, houve uma reação contrária à prática historicista, vista como um modo superficial de arquitetura. Dizia-se que a Revolução Industrial trouxera oportunidades novas de criação, com outros conceitos de ordem e beleza, além de oferecer inovações técnicas, no campo dos materiais e do planejamento arquitetônico (PEVSNER, 2002). Assim, a arquitetura eclética nasce, mas não como um contraponto ao historicismo e sim como uma evolução arquitetônica.

A arquitetura do historicismo refletiu a influência que o conhecimento da história exerceu sobre os arquitetos quando os exemplares catalogados na história da arquitetura passaram a ser utilizados como repertório de projeto. As formas antigas foram adaptadas a novos usos, originando uma nova atitude em composição, que abriu caminho para a expressão do espírito eclético (PEDONE, 2005, p. 125).

A partir disso, o ecletismo surge para complementar a ideia de resgate aos estilos anteriores, mas de forma funcional e inovadora, com a implementação dos novos materiais e técnicas construtivas. Paralelamente ao historicismo, ela traz ao século XIX a própria identidade arquitetônica que o período necessitava.

3 O ECLETISMO NO SÉCULO XIX

O seguinte capítulo aborda o surgimento do ecletismo na Europa do século XIX, conceitua-se o movimento, explana-se as características e cita-se algumas obras, a fim de compreender a contribuição eclética para o período. Estuda-se, ainda, as principais Exposições Universais, palcos para a disseminação do ecletismo, através das edificações ecléticas nelas construídas. Por fim, aborda-se a reforma urbanística ocorrida na França, por Haussmann, visando compreender o modelo urbano que fora referência para toda a Europa e Brasil.

O termo eclético, derivado da palavra "*eklekticós*" significa “aquele que escolhe”. Oriundo, inicialmente, de correntes filosóficas trazidas pelo iluminismo do século XVIII, tem seu significado definido, segundo Abbagnano (2000, p. 298), como “a diretriz filosófica que consiste em escolher, dentre as doutrinas de diferentes filósofos, as teses mais apreciadas, sem se preocupar em demasia com a coerência dessas teses entre si e com sua conexão aos sistemas de origem”. Sendo assim, o ecletismo designa-se como a escolha de determinados elementos em detrimento de outros, sem que necessariamente haja conexão entre eles.

O *Penguin Dictionary of Architecture and Landscape Architecture* (Pevsner et al., 1998, p. 167) define eclético como “um termo aplicado a obras de arte e especialmente arquitetura dos séculos XIX e XX que combinam elementos de dois ou mais estilos históricos”.⁴ Trata-se do resgate e utilização de mais de um estilo arquitetônico em uma mesma obra, seja em elementos estruturais ou estéticos. Dessa forma, diferentemente do historicismo, a arquitetura eclética trabalha com as referências históricas no intuito de conceber uma nova arquitetura e não apenas reproduzi-las, a fim de levar para o século XIX o estilo que lhe melhor define.

Tanto o historicismo quanto o ecletismo se situam em um momento da história da arquitetura no qual não existe mais doutrina arquitetônica suficientemente reconhecida para impor a forma das novas edificações. Enquanto o historicismo inscreveu a arquitetura moderna em um estilo antigo, renunciando à procura de uma nova doutrina, o ecletismo percebeu essa ausência de doutrina mas não renunciou a inventar uma arquitetura adaptada aos novos tempos (PEDONE, 2002, p.118).

Na busca para notabilizar a arquitetura, a corrente eclética incitou a discursão e o confronto de doutrinas, ao optar por não se fechar em uma única doutrina, mas sim caminhar por todas e extrair de cada uma as melhores características para cada edificação. Nenhuma

⁴ No original: a term applied to works of art and especially C19 and C20 architecture combining elements from two or more historical styles.

doutrina ou teoria era considerada como definitiva e a arquitetura estava acima e não subordinada a elas. Nas palavras de Pedone “o ecletismo não poderia se reduzir a uma delas, pois consistia em permitir todas, em confrontá-las, e buscar nessa confrontação a resposta adequada às questões levantadas pela sociedade moderna” (PEDONE, 2002, p. 101 e 119).

O ecletismo foi um instrumento poderoso no uso da história da arquitetura. Diferentemente do historicismo, a vertente eclética recorreu aos conhecimentos históricos como matéria-prima na hora de projetar, por meio de uma produção arquitetônica de abordagens múltiplas, não mais de um único estilo e uma arquitetura engessada. Além disso, a introdução de novas tecnologias construtivas e a aplicabilidade cada vez mais recorrente de materiais como o ferro e o vidro, decorrentes da revolução industrial, acentuaram ainda mais essa distinção. Assim, Pedone (2002, p. 92), afirma que “com as inovações tecnológicas e a transformação dos antigos modos de vida, a variedade na composição arquitetônica alcançou nova importância”.

Em arquitetura, o ecletismo designa a atitude dos arquitetos do século XIX que utilizaram elementos escolhidos na história com a intenção de produzir uma nova arquitetura. Eles permitiram todas as doutrinas e teorias, pois pretendiam situar a arquitetura no seu tempo: a opção foi de não romper com a história. Assim, o ecletismo dos arquitetos do século XIX não foi uma forma, entre outras, de historicismo, pois enquanto o historicismo buscou reviver um passado e construiu representações da história inscrevendo a arquitetura moderna em um estilo antigo, o ecletismo usou elementos e sistemas da história para inventar uma arquitetura adaptada aos novos tempos (PEDONE, 2002, p. 08).

Diante desse contexto, Pedone (2002, p. 08), aponta que “o ecletismo é uma atitude do espírito. A existência dessa atitude está relacionada a uma busca da verdade e da beleza sem se submeter a nenhuma doutrina imposta pela tradição, moda ou autoridade”. O eclético, da mesma forma que na filosofia, arquitetura e nas artes em geral, tem a referência estética formada a partir de duas ou mais fontes que não tem semelhanças, definindo-se um certo tipo de produção. Basta que o resultado seja coerente em relação a si mesmo e haja um diálogo entre as referências utilizadas (D’ELBOUX, 2005).

No panorama do século XIX, considera-se o marco inicial da arquitetura eclética a Revolução de Julho de 1830, na França, fortemente ligada aos ideais liberais e que resultara em uma nova maneira de pensar a arquitetura por parte dos arquitetos. Anteriormente, no final do século XVIII, quem denotava as teorias arquitetônicas eram os arquitetos do rei, então membros da *Academie d’Architecture*, local onde ensinava-se arquitetura para homens, a fim de que eles pudessem ordenar e renovar a construção. A partir da Revolução Francesa começa o ecletismo, pois não havia mais Academia para ditar a teoria, acadêmicos que praticassem a arquitetura em nome do rei ou a proteção do poder sobre os mesmos (PEDONE, 2002).

O ecletismo é pragmático, concreto, eficaz, moderno. Ele caracteriza essa démarche dos arquitetos do século XIX que, depois da monarquia de Julho na França (1830-1848) até o final do século e praticamente até a Guerra de 1914, perseguem um vasto debate sobre a técnica, a história e a sociedade. Seus argumentos, frequentemente aproximativos, às vezes contraditórios ou especiosos, servem para justificar a arquitetura de seu tempo, 1830-1914, momento do ecletismo em arquitetura, ou, de preferência, período que, entre tantos outros na história da arquitetura, é caracterizado por essa démarche dos construtores curiosos, pouco preocupados com dogmas e audaciosos na transgressão das regras (ÉPRON, apud, PEDONE, 2002, p. 114).

A vertente eclética fora uma resposta à conjuntura institucional e política singular do começo do século XIX, com novos rumos tomados a partir da Revolução de Julho na França e da Revolução Industrial. Há a consolidação do poder da burguesia, visto que a monarquia fora destituída, e novas perspectivas de modernidade, apoiadas nos novos ideais e inovações industriais. Segundo Pedone (2002, p. 19), “o ecletismo então pôde ser visto como expressão que se contrapôs aos antigos valores monárquicos e que legitimou o discurso de modernidade e progresso colocados pela nova classe dominante ao conjunto da sociedade”.

Nesse contexto, a industrialização trouxera novas necessidades para as cidades industriais, o que resultou no surgimento de edificações de tipos antes desconhecidos, conseqüentemente sem uma convenção construtiva óbvia, além da propagação de novos empreendimentos e programas. Obras como palácios e igrejas deixaram seus lugares principais nas prioridades dos arquitetos e deram espaço para projetos destinados à indústria e comércio, como: fábricas, estações ferroviárias, mercados públicos, moinhos, edifícios para escritórios e lojas de departamento; assim como edifícios voltados para a população, como: bancos, cassinos, bibliotecas, museus, teatros, palácios de exposições e até prisões. Com isso, criou-se, através da multiplicidade de temas, um pluralismo de significados decorrente da substituição de formas integradas e hierarquias do passado, que interagiam entre si (PEDONE, 2002).

Por meio do êxodo rural, consequência também da revolução industrial, houvera um aumento populacional gigantesco nas cidades que ocasionara uma expansão urbana. Nesse panorama, pessoas de origens e culturas distintas precisaram conviver, se relacionar e até morarem juntas. A arquitetura eclética proporcionara edificações capazes de suprir a necessidade de moradia da crescente população urbana, com a utilização de novos materiais, conhecimentos técnicos e avanços hidráulicos, além de possibilitar, através do uso de diversos estilos, a aproximação de pessoas de origens distintas com obras em que a sua cultura estivesse representada. César Daly, em seu tratado *L'architecture privée au XIX siècle* – A arquitetura privada no século XIX – de 1872, descrevera as diferenças entre os imóveis para três classes distintas destinadas a aluguel:

Os imóveis de primeira classe não tinham mais de quatro pavimentos com apartamentos de dupla orientação; os de segunda classe tinham cinco pavimentos com dois apartamentos por andar, sendo que os dois primeiros pavimentos eram destinados ao comércio; os de terceira classe tinham cinco pavimentos servidos por uma única escada. As instalações sanitárias foram sendo incorporadas aos imóveis ao longo do século (GUERRAND, apud, PEDONE, 2002, p. 88).

A arquitetura eclética trouxera consigo a bagagem histórica e somou a isso o aporte técnico do século XIX, resultando em uma renovação da linguagem arquitetônica e a construção de um estilo único. O ecletismo possui vastas características devido a sua multiplicidade de elementos e formas, como explicita Lorenzoni (2015, p. 01): “são formas que englobam linguagens do classicismo Greco-romano, passando pelo renascimento, até o Barroco e Rococó”. E acrescenta “vale-se de liberdade e pluralidade compositiva, não se atendo unicamente a essa ou aquela escola. Incorpora a multiplicidade de elementos produzidos em série, decorrentes da Revolução Industrial”.

Devido ao surgimento de novos materiais, o uso do ferro, vidro e, posteriormente, do aço, passam por inúmeras experimentações na busca de descobrir como funcionam e qual a utilização mais adequada de cada um. Com isso, é possível identificar em algumas edificações ecléticas a procura pela essência dos materiais, seja em elementos estruturais ou estéticos. Nota-se o emprego do ferro na execução de vigas e pilares, assim como também na confecção de gradis, esquadrias e cúpulas, além do uso de vidro e utensílios de cimento. Sendo assim, as inovações arquitetônicas consequentes do surgimento dos novos materiais e suas tecnologias proporcionou um estilo distinto que o diferencia dos estilos anteriores (D’ELBOUX, 2005; LORENZONI, 2015).

Os novos materiais, o ferro, e depois de 1860, o aço, tornaram possíveis construções mais altas, a construção de vãos muito mais amplos do que até então e o desenvolvimento de plantas-baixas mais flexíveis. O vidro, em combinação com o ferro e o aço, permitiu aos engenheiros construir tetos e paredes inteiramente transparentes. O concreto armado, introduzido no final do século, combinou a resistência à tração, do ferro, com a resistência à compressão, da pedra (PEVSNER, 1999, p. 371-372).

Diante desse contexto, Pedone (2002, p. 93), constata que “o ecletismo então propôs a conciliação entre os estilos, tornando-se um veículo estético eficiente para a assimilação das importantes inovações tecnológicas do período”. Com a renovação da linguagem no ecletismo não havia uma produção uniforme, fixa, com regras claras e indissolúveis, visto que tinha-se a disposição um leque de possibilidades estilísticas combinadas à materiais que dispunham de inúmeras funcionalidades construtivas. Dessa forma, o arquiteto detinha o poder de entregar-se a todas as combinações possíveis e composições imagináveis para responder as demandas de seus clientes.

Colunas e ordens gregas, frontões, frisos, arcos plenos, abatidos e ogivais misturam-se sem restrições. O sistema de hierarquia, simetria e ritmo também segue os padrões clássicos empregados desde a Grécia antiga, assim como o uso das ordens clássicas. A divisão da edificação em base, corpo e coroamento segue a mesma do Renascimento, que por sua vez remeteu-se aos ideais clássicos. Os elementos seguem os mesmos, porém dessa vez seu uso é exaustivo, muito mais do que o empregado anteriormente no Renascimento, Barroco e Rococó. Há agora uma profusão de frisos, balaústres, estatuária, colunas e arcos de todos os tipos, ânforas e liras misturados. O coroamento apresenta platibanda e essa é recheada de enfeites aplicados, floreios e grupos escultóricos, ânforas, medalhões, anjos, balaústres, estatuárias e rococós. A demarcação da hierarquia do acesso principal, através do uso do frontão grego na platibanda das edificações, empregadas por Palladio no Renascimento é repetido no Eclético (LORENZONI, 2015, p. 03).

Nesse panorama, escolher e misturar tornou-se a premissa da arquitetura eclética, resultando em infinitas escolhas arquitetônicas. Contudo, nota-se algumas características marcantes na definição desse estilo, presentes majoritariamente em suas obras, como a simetria dos espaços, o uso de ornamentos, a utilização de estátuas e a presença do luxo e da riqueza. Além disso, tem-se a sofisticação e a dramaticidade nas edificações, a classificação rígida dos ambientes internos e o crescimento das atividades relacionadas ao design de interiores. Como características principais tem-se, obviamente, a mescla de dois ou mais estilos arquitetônicos em uma mesma obra e a introdução do ferro e vidro na arquitetura.

Observa-se outra característica do ecletismo, principalmente na arquitetura residencial, apontada por Lorenzoni (2015, p. 06): “outra contribuição, que diferencia o estilo Eclético na arquitetura é a transição da bidimensionalidade das edificações para a visão tridimensional. As construções são descoladas das empenas”. Ou seja, cria-se os afastamentos laterais e aumenta-se a visão tridimensional das obras. Além disso, há uma preocupação maior com o entorno e a utilização da escala torna-se instrumento para métodos de trabalho e soluções de problemas.

No ecletismo, diferentemente do historicismo, buscou-se a releitura de estilos passados através de uma visão funcional, o que levou a forte tendência eclética de orientar o estilo principal a ser adotado de acordo com o caráter da edificação. Dessa forma, tem-se barroco para equipamentos de lazer, clássico para museus, gregos para bancos, renascença para edifícios e gótico para as igrejas, por exemplo, onde os estilos carregam com seus elementos os tipos de edificações pertencentes. Assim, surge o que a Academia denominara de “arquitetura falante”, uma arquitetura que expressa a função a que se destina (PEDONE, 2002).

O uso do patrimônio arquitetural de referência em busca de elementos para as novas composições, passava por uma análise que tinha por objetivo compreender o princípio, o funcionamento, a construção, o estilo e a decoração das edificações, a fim de poder considera-los como sistemas. [...] As edificações eram decompostas, em suas partes, por elementos estruturais, elementos funcionais, recorte pragmático, inventário

comparativo; cada recorte correspondia a uma maneira de desenhar o edifício (PEDONE, 2002, p.155).

Diante da multiplicidade de elementos e das inúmeras novidades no campo tecnológico, o modo de projetar e construir adquirira novos métodos de atuação e esses conhecimentos precisavam ser transmitidos para todos os profissionais. Isso se deu através de revistas de arquitetura, que disseminavam essas informações por meio de desenhos de obras da época, crônicas sobre os materiais, ilustrações das ferramentas e procedimentos utilizados, informações sobre legislação e, assim, incitavam também discussões acerca de como pensar o projeto. Pedone (2002, p. 181), afirma que “no lugar de descrever a figura do edifício projetado, o projeto de arquitetura deveria tornar-se o meio de antecipar tanto a aparência final do objeto a construir, como a concepção da relação entre as partes do edifício, a sua tecnologia e seu modo de construção”. Percebe-se então, nesse período, que o projeto de arquitetura deve ser um documento de referência comum para todos os profissionais da construção civil envolvidos (PEDONE, 2002).

Para os arquitetos do ecletismo, o projeto deveria se apresentar como um conjunto coerente, com a unidade do edifício testemunhando tanto a coordenação dos elementos como a ordem imposta pelo arquiteto. O edifício a conceber deveria formar um todo composto de elementos diversos, técnicos ou decorativos, tirados de um corpus de referência em constante transformação (PEDONE, 2002, p.175).

O ecletismo transporta em si a renovação da linguagem arquitetônica da antiguidade, a pluralidade e liberdade compositivas e a multiplicidade de elementos de estilos distintos conversando em uma mesma obra. Apresenta-se como uma expressão da atmosfera do século XIX, repleta de incertezas, anseios e necessidades, além de inovações e novos conhecimentos. Uma busca pela identidade do período, através da combinação entre os saberes e certezas da antiguidade com as novidades e o ambiente da época. Com características singulares, trouxera a riqueza estética e construtiva que necessitava-se e que conduziu a história da arquitetura até a arquitetura moderna.

3.1 As doutrinas dos primeiros arquitetos e grandes obras da arquitetura eclética na Europa

O ecletismo trouxera consigo um novo olhar sobre a arte de projetar e construir, e os arquitetos do período ansiavam ter conhecimento acerca das recentes formas, métodos e materiais. A Escola de Belas-Artes de Paris (*École des Beaux Arts*), inaugurada oficialmente em 1819, fora a pioneira no ensino do ecletismo em escolas de arquitetura. Seus alunos praticavam o

que fora denominado “estilo *Beaux-arts*”, uma arquitetura com fortes inspirações clássicas que era repleta de ornamentos e destacava o papel artístico da arquitetura.

Um grande arquiteto a favor da construção de uma nova ciência arquitetônica fora Jean-Nicolas-Louis Durand (1760-1834). O arquiteto defendera a geometria formal e princípios rígidos de representação gráfica, além da sistematização do conhecimento arquitetônico, através de teorias que romperam com a composição e tradição clássica. Projetar era visto como uma composição, uma combinação de métodos e procedimentos cientificamente explicativos com elementos previamente determinados. Pedone (2002, p. 79), diz que “o motivo fundamental de seus planos é a divisão regular do retângulo por meio de combinações de um sistema de coordenadas perpendiculares”, onde não se dedica a representação do volume da edificação, mas sim em desenhar as elevações e seções a partir da planta baixa. Pedone (2002, p. 80), afirma ainda que, para Durand, “a arquitetura estava condicionada pela demanda social, pela conveniência e pela economia. Perseguiu critérios de pura simetria, geometria simplificada e regularidade, sustentando que eram qualidades ideais porque remetiam à economia de meios”. Além disso, acreditava que o uso do quadrado e cubo eram alternativas de projeto mais realizáveis, baseado em noções de utilidade e custo mínimo, e propôs que os elementos funcionais de uma edificação deviam ser evidenciados (PEDONE, 2002).

Durand codificou um método de projetar graças ao qual um classicismo racional pode ser levado a adequar-se às novas exigências sociais, e catalogou exemplares de todos os períodos da história da arquitetura, dando início à ideia de conjunto de referências, tão importante no espírito do ecletismo (PEDONE, 2002, p. 83).

A arquitetura eclética possui ainda uma grande geração de arquitetos considerados os fundadores do movimento, como: Duc le Grec, Duban le Poméien, Labrouste, Vaudoyer le Romain, conhecidos como “os quatro grandes”, além de Viollet-le-Duc, Jacques-Émile Narcisse Gilbert e Jacques Ignace Hittorff. Eles possuíam a visão liberalista que não permitia seguir inteiramente as regras de uma determinada instituição ou doutrina, buscando soluções que caminhavam entre a tradição e a modernidade, sendo assim conhecidos também como os militantes da arquitetura (PEDONE, 2002).

Jacques-Émile Narcisse Gilbert (1795-1874), aluno exemplar de Durand na *École Polytechnique* e frequentador da *École des Beaux-Arts*, recuperara ideais humanitários e sociais na busca de introduzir na arquitetura novos conteúdos e destacara-se no projeto de asilos, hospitais e prisões. Juntamente com Gilbert, Jacques Ignace Hittorff (1792-1867), fora pioneiro na reformulação arquitetônica do século XIX, além de amante da prática do classicismo e arqueologia greco-romana. Viollet-le-Duc (1814-1879), principal expoente do racionalismo

estrutural, manifestou teorias sobre a autenticidade na arquitetura através da crença de que as formas arquitetônicas deveriam se apresentar não da manipulação de um repertório, mas sim da aplicação de princípios corretos. Contribuiu ainda com uma análise estrutural do edifício, onde a própria estrutura torna-se a base do significado arquitetônico e demonstrou a importância da racionalidade do procedimento construtivo. Já Pierre-François-Henri Labrouste (1801-1875), pioneiro dos “quatro grandes”, sendo a geração elementar de arquitetos do ecletismo formada por ele e seus primeiros alunos, estudou também na *École des Beaux-Arts*, onde deu início a um atelier que consagrou a revolta contra a ditadura da Academia e a busca pela libertação das doutrinas (PEDONE, 2002).

Diante de um novo estilo arquitetônico, emblemático e importante no século XIX como uma forma de identificação com a época, grandes obras tornaram-se símbolos do movimento eclético na Europa e no mundo. Um edifício ícone da arquitetura eclética é a Ópera de Paris, encomendada por Napoleão III, por meio de um concurso em 1861, no qual o arquiteto Charles Garnier fora o vencedor. Iniciada a obra em 1862 e inaugurada apenas em 1875, a Ópera fora construída a partir de materiais como pedra e ferro, e traz características principalmente neobarrocas, com uma fachada monumental revestida de mármore e adornada com inúmeras esculturas angelicais, muitas colunas que exibem a simetria da edificação e uma cúpula centralizada.

Figura 4 - Fachada da Ópera de Paris, Charles Garnier, 1875



Fonte: Revista Vitruvius, foto de Victor Hugo Mori, 2019

Destaca-se ainda o design de interiores deslumbrante da obra, com uma imensa escadaria em mármore que conduz aos auditórios, objetos folheados a ouro, candelabros pomposos, peças em veludo vermelho, esculturas de parede ornamentadas e tetos que abrigam

diversas pinturas. Além disso, nota-se também a simetria na arquitetura interna do edifício, como visto no acesso às escadas.

Figura 5 - A grande escadaria da Ópera de Paris



Fonte: site EPOCHTIMES⁵

O Museu D'Orsay, de Paris, é outra grande obra francesa representante do movimento eclético. Atualmente o local funciona como um museu, entretanto, em meados de 1900, ele fora projetado, por Victor Laboux, para a Exposição Universal de Paris, como a Estação de Ferro D'Orsay. Situado no VII arrondissement da capital francesa, às margens do rio Sena, a edificação possui a fachada de pedra confeccionada no estilo eclético, com forte presença da simetria, uso de arcos, colunas, cúpulas e adornos, além da presença de torres de relógios e esquadrias de ferro e vidro. Em 1986, o prédio passa a funcionar como um museu histórico, abrigando diversas artes históricas para a cidade.

Figura 6 - Fachada do atual Museu D'Orsay



Fonte: site HISOUR⁶

⁵ Disponível em: <<https://www.epochtimes.com.br/teatro-opera-de-paris-o-opera-garnier-obra-prima-da-arquitetura/>> Acesso em: 31 de Maio de 2022.

⁶ Disponível em: <<https://www.hisour.com/pt/musee-dorsay-paris-france-6852/>> Acesso em: 31 de Maio de 2022.

No interior da edificação, nota-se a utilização de muitas estruturas metálicas e a ideia de conexão com o exterior através de esquadrias de vidro. Além disso, a cobertura em formato curvo é proporcionada pela aparente estrutura metálica, com áreas que possuem ainda uma decoração dourada. O atual museu tem três níveis, diversas escadas em pedra e passarelas metálicas, com o térreo disposto em um corredor central e alas laterais, terraços no nível intermediário que conduzem as salas expositivas e o andar superior, onde há um grande relógio adornado em ouro.

Figura 7 - Interior do atual Museu D'Orsay



Fonte: Jornal USP⁷, foto de Wikimedia Commons, 2016

O Palácio da Justiça de Bruxelas, na Bélgica, é considerado a obra mais importante do arquiteto Joseph Poelaert. Através de um decreto, em 1860, instaurou-se a necessidade da construção de uma nova edificação que abrigasse todos os tribunais belgas e o projeto acabara na responsabilidade do então arquiteto municipal Joseph Poelaert, que faleceu em 1879 e não chegou a presenciar a obra concluída em 1883. Considerado o maior edifício construído no século XIX, o palácio possui 26.000 metros quadrados, com altura de 116 metros, largura de 177 metros e um comprimento total de 186 metros, que abrigava bibliotecas, mais de 245 salas e 27 grandes tribunais (UNESCO, 2008).

⁷ Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/dorsay-e-museu-de-desafios-e-inspiracoes/>> Acesso em: 31 de Maio de 2022.

Figura 8 - Palácio da Justiça de Bruxelas, Joseph Poelaert



Fonte: site Mundo Vasto Mundo⁸

Esta obra é uma grande representante do ecletismo na Europa, contendo inspirações em elementos clássicos, góticos, assírio-babilônicos e egípcios. Nota-se forte simetria nas fachadas, uso de frontão, colunas de diversas ordens e pilares de modelo palmiforme egípcio, uso de esculturas, imponentes escadarias e estátuas monumentais, além de uma grande cúpula ao centro, feita de cobre. Percebe-se, na arquitetura do interior do edifício, a hierarquização dos ambientes por meio do layout dos tribunais de justiça – os mais importantes encontravam-se nos pavimentos térreo e primeiro andar, enquanto os menores estavam locados no primeiro subsolo – uma forte característica eclética. Somado a isso, tinha-se uso de materiais como pedras de múltiplas cores, alvenaria, ouro e estruturas metálicas que possibilitaram grandes vãos, mas que encontravam-se escondidas na estrutura da obra e nos ornamentos (UNESCO, 2008).

⁸ Disponível em: <<https://mundovastomundo.com.br/bruxelas/palacio-da-justica/>> Acesso em: 31 de Maio de 2022.

Figura 9 - Escadaria no interior do Palácio da Justiça de Bruxelas



Fonte: site Receita de Viagem, 2019⁹

Nesse contexto, o Palácio de Reichstag, de Berlim, na Alemanha, é sede do parlamento alemão e outra grande obra eclética da Europa. Inaugurado em 1864, após 12 anos de construção, a edificação projetada pelo arquiteto Paul Wallot trouxe as inovações da época com a utilização de aço e vidro, somados ao estilo neoclássico. Na fachada percebe-se a presença de simetria, frontão e colunas, além do uso da pedra, esquadrias de vidro e uma cúpula central. Após um incêndio ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, o prédio fora restaurado e ganhara uma nova cúpula de vidro, visto que a original de metal fora destruída (BITTENCOURT et al., 2017).

Figura 10 - Palácio de Reichstag de Berlim, Alemanha, 1864



Fonte: site Metalica¹⁰

⁹ Disponível em: <<https://www.receitadeviagem.com.br/o-que-ver-em-bruxelas-palacio-de-justica/>> Acesso em: 31 de Maio de 2022.

¹⁰ Disponível em: <<https://metalica.com.br/o-palacio-de-reichstag/>> Acesso em: 31 de Maio de 2022.

A Galeria Vittorio Emanuele, de Giuseppe Mengoni, em Milão, teve sua construção iniciada em 1865, após um concurso da prefeitura que almejava uma galeria que interligasse a Praça Duomo e a Praça Scala. Inaugurada apenas em 1887, o projeto previa uma planta em formato de cruz, com dois corredores longos e dois corredores mais curtos, e uma cúpula central que unisse os quatro braços. A fachada possui forte simetria, uso de arcos, colunas e adornos, com esquadrias em vidro e paredes em pedra.

Figura 11 - Fachada da Galeria Vittorio Emanuele, Giuseppe Mengoni, 1887



Fonte: Revista Vitruvius, foto de Victor Hugo Mori, 2017

O interior da galeria revela a riqueza de detalhes nas molduras das esquadrias, nas sacadas e por toda a extensão dos corredores. A cobertura, inspirada no Palácio de Cristal, fora construída com ferro e vidro e seguiu o movimento de arco, culminando em uma grande cúpula central também realizada com esses materiais. O piso da edificação é trabalhado com mosaicos que representam os brasões das três capitais do reino da Itália e, no centro, há um touro que simboliza a sorte. Símbolo da arquitetura eclética, a Galeria Vittorio Emanuele tornou-se um grande ponto turístico para Milão.

Figura 12 - Galeria Vittorio Emanuele, Giuseppe Mengoni, 1887



Fonte: Revista Vitruvius, foto de Victor Hugo Mori, 2017

Na Hungria, um icônico exemplo de ecletismo é o Parlamento de Budapeste, de Imre Steindl, inaugurado em 1896 após um concurso para comemorar o milênio do país. A fachada do edifício apresenta elementos de estilo neogótico, simetria, monumentalidade, torres, arcos, esquadrias em vidro, diversos adornos, como estátuas e escudos, além de uma cúpula central. Já o interior traz princípios do renascimento e barroco, onde ostenta-se riqueza com detalhes em ouro, pisos e paredes em mármore, esculturas e afrescos e uma grande escadaria que leva a cúpula principal. As novas técnicas e materiais construtivos, somados aos elementos de antigos estilos arquitetônicos, culminaram em um prédio importante para o ecletismo e a Hungria.

Figura 13 - Parlamento de Budapeste, de Imre Steindl, 1896



Fonte: Parlamento de Budapeste, galeria de fotos

3.2 As principais Exposições Universais do século XIX

As Exposições Universais foram eventos internacionais onde cada país apresentava as suas inovações industriais e tecnológicas a fim de compartilhar conhecimento entre as nações participantes. A arquitetura apresentou a nova vertente eclética, principalmente, por meio de edificações construídas para a realização das exposições, com o uso dos novos materiais e técnicas construtivas em diferentes projetos. Com isso, percebeu-se os progressos arquitetônicos e de engenharia através de cada Exposição Universal.

Anteriormente à primeira Exposição Universal, eventos dessa categoria ocorriam apenas nacionalmente, visto que os países ainda detinham fortes limitações ao comércio externo. A partir de 1850, as nações relaxam as barreiras alfandegárias, a começar pela França, e a perspectiva de maior comércio internacional impulsiona a universalização dos eventos que já acontecem na Inglaterra. Assim, somente em 1851, ocorre a primeira Exposição Universal, em Londres, por iniciativa de Henry Cole e o príncipe consorte Alberto (BENÉVOLO, 2001).

As feiras com caráter de exposição e comércio já vinham sendo praticadas desde o fim do século XVIII na França e início do XIX na Inglaterra. Mas eram eventos locais, com interesses mais regionais de trocas comerciais e incrementos na agricultura e indústria e não incluíam as técnicas úteis descobertas e usadas nas colônias (SANTOS, 2013, p. 03).

Diante disso, as exposições de âmbito mundial propuseram a transmissão universal de conhecimento, do progresso, da ciência, da técnica e da razão, através de visões voltadas para a indústria, o comércio e o potencial moderno decorrente do sistema fabril. Apresentava-se novos produtos, novas máquinas e ainda novas ideologias pautadas no modo de se viver em uma sociedade desenvolvida. As Exposições Universais atuaram, segundo Mattos (2009, p. 99), “como elemento de difusão de ideias e crenças pertinentes ao imaginário burguês, constituíram-se numa importante ferramenta de divulgação da imagem de realização e bem-estar que o capitalismo se propunha a oferecer”.

As nações participantes expõem os progressos do seu país e buscam conhecimento, tecnologia e máquinas dos demais para avançar ainda mais industrialmente. Adiciona-se também o caráter político às exposições, uma vez que o nacionalismo se apresentava através do exibicionismo de cada nação em demonstrar seu desenvolvimento. Aliado a isso, tem-se o poder econômico da burguesia que ansiava pela expansão comercial (SANTOS, 2013).

A arquitetura atua nas Exposições Universais como a exemplificação da modernidade, por meio do uso dos novos materiais e técnicas, assim como grandes vitrines do poder e progresso do país sede. Santos (2013, p. 02), afirma que “os prédios faziam parte do próprio espetáculo da nova era tecnológica que as exposições pretendiam forjar. A cada nova exposição, surgia um novo prédio ou monumento para mostrar o progresso material da cultura ocidental”. Com isso, as Exposições Universais trouxeram para a arquitetura exemplares inovadores e emblemáticos do século XIX que enriqueceram os conhecimentos construtivos, os acervos arquitetônicos e guiaram a história da arquitetura para a modernidade.

A primeira Exposição Universal acontece em Londres, em 1851 e traz como principal obra o Palácio de Cristal. Em 1850 realiza-se um concurso internacional com 245 competidores, a fim de escolher o melhor projeto para sediar a exposição londrina. O vencedor fora Horeau, com o projeto de um armazém em ferro e vidro, que posteriormente mostrou-se inexequível, visto que detinha elementos não recuperáveis após a demolição do edifício. Com isso, a vitória fora do jardineiro Joseph Paxton, construtor de estufas, com o projeto do Palácio de Cristal (BENÉVOLO, 2001).

Figura 14 - Palácio de Cristal, Joseph Paxton, 1851



Fonte: PEVSNER, 2002

Conhecido como o primeiro grande edifício público em que não há referências a estilos anteriores, o Palácio de Cristal apresenta-se como um parâmetro de construção tecnológica com o uso padronizado de elementos em ferro e vidro. Com mais de 550 metros de comprimento e apenas 21,5 metros de largura forma-se um vasto pavilhão envidraçado que transmitiu a sensação de espaço, transparência e luminosidade. Além disso, o prédio criou uma nova visão construtiva, pois mostrou não apenas o uso dos novos materiais como também a técnica que permitiu que a obra fosse realizada em um curto espaço de tempo, apesar de sua grandiosidade (SANTOS, 2013).

O que faz da obra de Paxton o exemplo mais importante da arquitetura de ferro e vidro dos meados do século XIX é mais o seu tamanho imenso – 556 metros de comprimento, ou seja, muito maior do que o do Palácio de Versalhes –, a ausência de quaisquer outros materiais e o uso de um engenhoso sistema de pré-fabricação dos elementos de ferro e vidro assentados numa armação envolvente de 8 metros que abrange tudo (PEVSNER, 1995, p. 128).

Figura 15 - Interior do Palácio de Cristal, Exposição Universal de 1851



Fonte: site Royal Collection Trust¹¹, pintura de David Roberts

Nesse contexto, o Palácio de Cristal trouxe inegáveis contribuições para o ramo da arquitetura e fomentou discussões acerca do seu papel como arte e ciência. Pedone (2002, p. 216), diz que “o Palácio de Cristal acentuou a dicotomia entre a arquitetura como ciência e a arquitetura como arte. A standardização foi essencial no conceito do projeto e proporcionou a difusão do uso do ferro e do vidro em uma nova imagem espacial”. Assim, a edificação apresentara a utilização desses elementos de modo inovador através da ciência, resultando em inspiração para outras exposições, como a de Nova Iorque em 1853 e de Munique em 1854.

A importância do Palácio de Cristal é inegável, seja para Londres, para a arquitetura, para a indústria e para a sociedade. Para Benévolo (2001, p. 132), ela é encontrada “no novo relacionamento que se estabelece entre os meios técnicos e os fins representativos e expressivos do edifício”. Fora um projeto emblemático, admirável e inovador o qual permitiu que após o término da Exposição de 1851 fosse desmontado e remontado em Sydenham, onde é destruído em um incêndio em 1937 (BENÉVOLO, 2001).

Em 1855 ocorre, em Paris, a primeira Exposição Universal francesa, promovida por Napoleão III durante a Guerra da Criméia, a fim de fortalecer o prestígio do país e exibir os progressos da indústria francesa. Há então a construção do *Palais de l'Industrie*, na *Champs-Élysées*, prédio que originalmente seria composto apenas de ferro e vidro, mas que devido a

¹¹ Disponível em: <<https://www.rct.uk/collection/407143/the-inauguration-of-the-great-exhibition-1-may-1851>> Acesso em: 31 de Maio de 2022.

indústria francesa não possuir condições de prover as solicitações do projeto, resultou no uso do ferro somente na cobertura (BENÉVOLO, 2001).

Figura 16 - Palais de l'Industrie, Exposição Universal de 1855



Fonte: site Expositions Universelles¹², Sylvain Ageorges

Figura 17 - Palais de l'Industrie, vista aérea, Exposição Universal de 1855



Fonte: site Paris 1900¹³

O *Palais de l'Industrie*, obra do arquiteto Victor Viel e do engenheiro Alexis Barrault, é considerado a edificação com o maior vão livre coberto de ferro da época, sendo 48 metros. Trata-se de um prédio retangular, com 192 metros de comprimento e 48 metros de largura, uma nave central ladeada de galerias, uma cúpula de ferro e vidro, alvenaria como vedação, além da cobertura de ferro e vidro em arco. Com isso, criou-se um ambiente que transmite uma grande sensação de espaço. A fachada eclética, feita de pedra, detinha um grande

¹² Disponível em: < <http://www.expositions-universelles.fr/1855-exposition-universelle-paris.html>> Acesso em: 02 de Junho de 2022.

¹³ Disponível em: < http://paris1900.lartnouveau.com/paris00/lieux/constructions_detruites/palais_de_l_industrie.htm> Acesso em: 02 de Junho de 2022.

pórtico em arco do triunfo com cornija decorada e esculturas, inúmeras esquadrias, além de pavilhões grandiosos nas esquinas. O *Palais de l'Industrie* manteve-se em uso até o ano de 1897 quando fora demolido para a construção do *Grand-Palais* (PEDONE, 2002).

Figura 18 - Interior do Palais de l'Industrie, Exposição Universal de 1855



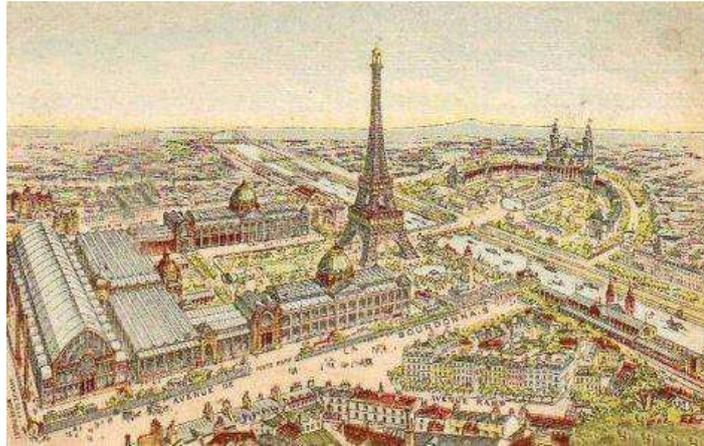
Fonte: site Expositions Universelles¹⁴, Sylvain Ageorges

Paris volta a sediar uma Exposição Universal apenas em 1867, com um edifício oval no *Champ de Mars*, composto por 7 galerias concêntricas a um jardim central e um pavilhão. Depois disso, somente em 1878, a França retorna como sede e apresenta o *Palais du Trocadéro*. Até o ano de 1889, quando sedia novamente, as exposições são realizadas em Sydney no ano de 1879, Melbourne em 1880, Amsterdã em 1883, New Orleans em 1885 e Barcelona e Bruxelas em 1888 (BENÉVOLO, 2001).

A Exposição Universal de 1889, de novo em Paris, acontece no centenário da queda da Bastilha e é considerada uma das mais emblemáticas e importantes para a arquitetura. Trouxe o conjunto de 3 edificações situados no *Champ de Mars*, sendo elas a *Galerie des Machines*, um palácio em formato de U e a torre de 300 metros, mais tarde conhecida como Torre Eiffel. O palácio fora um projeto de J. Formigé e detinha uma cúpula repleta de ornamentos, resultando em uma obra complicada e pesada (BENÉVOLO, 2001).

¹⁴ Disponível em: <<http://www.expositions-universelles.fr/1855-exposition-universelle-paris.html>> Acesso em: 02 de Junho de 2022.

Figura 19 - Vista Geral da Exposição Universal de Paris em 1889



Fonte: site L'Art Nouveau¹⁵

A *Galerie des Machines*, projetada pelo arquiteto Ferdinand Dutert, juntamente com os engenheiros Contamin, Pierron e Charton, faz uso da engenharia e dos materiais para criar grandes vãos livres, sustentados por arcadas de ferro com 3 charneiras. Com dimensões de 420 metros por 115 metros, o edifício é flanqueado por galerias e naves laterais, com uma estrutura central que possui sustentáculos de ferro graciosamente curvados, resultando em leveza. Além disso, o ferro encontra-se nas colunas, grades, balaústres e na cúpula, enquanto o vidro é utilizado nas paredes, na fachada multicolorida e na abóbada vedada com vidros brancos e azulados. A combinação dos materiais resultou em um espaço luminoso, leve e dinâmico. A edificação fora um sucesso até ser demolida em 1910 (BENÉVOLO, 2001; PEDONE, 2002).

Figura 20 - Fachada da Galerie des Machines, Exposição Universal de Paris em 1889



Fonte: site L'Art Nouveau¹⁶

¹⁵ Disponível em: <http://lartnouveau.com/belle_epoque/paris_expo_1889.htm> Acesso em: 02 de Junho de 2022.

¹⁶ Disponível em: <http://lartnouveau.com/belle_epoque/paris_expo_1889.htm> Acesso em: 02 de Junho de 2022.

Figura 21 - Detalhe das Estruturas de Ferro da Galerie des Machines



Fonte: PEVSNER, 1995

O marco do ecletismo francês deu-se, entretanto, com a construção da Torre Eiffel, ícone de Paris e da arquitetura mundial. Desenvolvida pelo engenheiro Gustav Eiffel e o arquiteto Stephen Sauvestre, a torre, de mais de 300 metros de altura, utiliza a padronização das ferramentas e dos materiais junto aos novos métodos construtivos e de desenho para projetar com dinamismo, de modo que resista, principalmente, a ação do vento. Assim, com o uso do ferro forjado para uma obra dessa magnitude, reforça-se as infinitas possibilidades que o material oferece para as construções (BENÉVOLO, 2001).

Figura 22 - Torre Eiffel, Exposição Universal de Paris em 1889



Fonte: PEVSNER, 1995

A Torre Eiffel constitui-se, basicamente, de treliças de ferro forjado e uma base de 4 pilares que seguem em formato de pirâmide até o topo, contando com 3 pavimentos em sua extensão. Com mais de 300 metros de altura, a obra possui uma escadaria e 4 elevadores que permitem aos visitantes subirem aos pavimentos e desfrutarem de vistas panorâmicas da cidade de Paris. A Torre quase fora demolida no início do século XX, mas transformou-se em um dos maiores ícones arquitetônicos e turísticos do planeta.

Figura 23 - Torre Eiffel atualmente



Fonte: Site UOL¹⁷, foto de iStock

Diante do exposto, nota-se que as grandes Exposições Universais foram um marco para o século XIX e para a arquitetura eclética. Com a disseminação do conhecimento e o exibicionismo do progresso tecnológico de cada país, as exposições representaram os ideais econômicos e políticos da época, além de evidenciar a eminência de novos padrões construtivos. Segundo Pedone (2002, p. 121), “os arquitetos venceram o desafio de integrar todos os condicionantes técnicos construtivos na composição de seus projetos e, desse modo, sustentaram a preponderância do papel do arquiteto na elaboração dos projetos” e afirma ainda que “tais exposições foram uma expressão do espírito eclético e representaram uma espécie de marco no ecletismo na arquitetura”. Com isso, percebe-se que as Exposições Universais resultaram no aperfeiçoamento do uso dos novos materiais e na aplicabilidade das novas técnicas para a arquitetura eclética e futuramente moderna.

¹⁷ Disponível em: <<https://www.uol.com.br/nossa/viagem/noticias/2019/09/04/torre-eiffel-nao-agrada-a-todos-veja-os-piores-comentarios-no-tripadvisor.htm>> Acesso em: 02 de Junho de 2022.

3.3 As transformações urbanísticas do século XIX: o plano de Haussmann

As cidades do século XIX, após o surgimento da Revolução Industrial, encontram-se perdidas quanto ao próprio desenvolvimento e organização. A presença do urbanismo e, conseqüentemente, do planejamento urbano, são fundamentais para o ordenamento das cidades e melhores condições de vida para seus habitantes. Com isso, executam-se planos urbanos, como o de Haussmann, a fim de transformar as novas cidades industriais em locais mais belos e funcionais. Eis, então, o papel fundamental do urbanismo no século XIX.

O *The Dictionary of Urbanism* (Cowan, 2005, p. 06), define urbanismo como “o estudo ou apreciação do processo de mudanças nas cidades; fazer as cidades funcionarem; planejamento das cidades. O processo de se tornar urbano”. O designa ainda como “o produto do planejamento ou desenvolvimento da cidade. Padrões de vida social característicos de áreas urbanas. Arquitetura no contexto urbano”¹⁸. Trata-se do estudo das relações entre o espaço e a sociedade que nele vive, do funcionamento e ordenamento das cidades. O urbanismo é entender e coordenar o organismo vivo que é o espaço urbano.

As cidades industriais do século XIX apresentam um desenvolvimento desordenado. Há o adensamento social, principalmente da classe operária, em habitações miseráveis e cortiços – resultado do intenso deslocamento da população rural para a zona urbana em busca do trabalho fabril, gerando vários problemas, dentre eles as epidemias. As habitações sofrem com a ausência de infraestrutura e desenvolve-se uma notória segregação social. Além disso, crescem os problemas de trânsito, devido ao aumento da circulação de pessoas e mercadorias em ruas com qualidade e quantidade insuficientes (PONGE et al., 2014).

A partir dos primeiros decênios do século XIX, amplificam-se a denúncia contundente dessa situação e a compreensão da necessidade de encontrar soluções à deterioração crescente das cidades, tanto em termos de iniciativas para promulgação de legislações sanitárias e urbanísticas eficientes como âmbito de reformulações urbanas, maiores ou menores, nas cidades existentes (PONGE et al., 2014, p. 72).

Diante disso, nota-se que a velocidade de crescimento da cidade encontra-se desalinhada com a implementação de ações que coordenem o avanço das mesmas, de modo que ampliam-se os problemas de densificação no centro, de falta de infraestrutura e de saturação de tráfego. A cidade industrial necessita de reformas que gerem melhorias para a insuficiência dos

¹⁸ No original: The study or appreciation of the processes of change in towns and cities; making towns and cities work; town (UK) or city (US) planning. The process of becoming urban. The product of town planning or development. Patterns of social life characteristic of urban areas. Architecture in an urban context.

seus sistemas e de leis que norteiem e auxiliem tais reformas. “As primeiras leis sanitárias são o modesto começo sobre o qual será construído, pouco a pouco, o complicado edifício da legislação urbanística contemporânea” (BENÉVOLO, 2001, p. 91).

A França, assim como os demais países europeus que viviam a “Era Industrial”, enfrentava tais problemas urbanos. Em 1848 ocorrem movimentos revolucionários que resultam no maior controle do Estado, agora comandado por Luís Napoleão Bonaparte, conhecido como Napoleão III, sobre a sociedade e a economia. Durante esse período, o urbanismo torna-se um grande instrumento de poder e inicia-se uma série de reformas em Paris (BENÉVOLO, 2001).

Napoleão III deseja conquistar o povo, corroborado pelo temor de revoluções socialistas, e por essa razão demonstra grande interesse na execução de obras públicas. A capital francesa mostra-se cada vez mais despreparada para abarcar as necessidades da cidade industrial, desde os sistemas de infraestrutura até a própria malha urbana. Sendo assim, Napoleão III designa Haussmann a tomar frente do planejamento urbanístico de Paris, o que resulta no Plano Haussmann (BENÉVOLO, 2001).

Georges-Eugène Haussmann (1809-1891), foi advogado, funcionário público, político e administrador francês. De 1853 a 1870 conduziu, como prefeito, o Plano de Reforma de Paris, a pedido do Imperador Napoleão III. Por meio de motivações políticas, econômicas e sociais, visou-se, principalmente, o fortalecimento e popularidade do poder vigente, a superioridade da capital francesa em relação as demais capitais europeias e a ordem para inibir manifestações (PONGE et al., 2014).

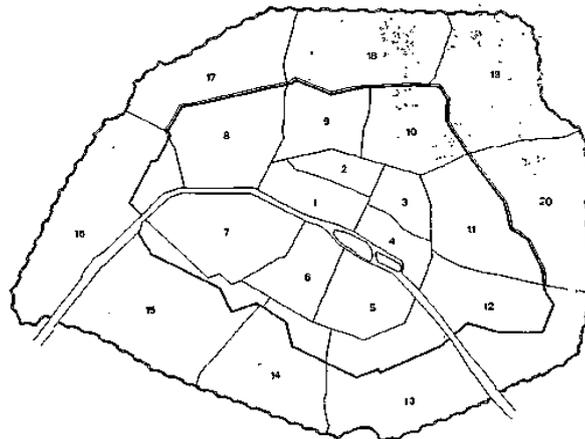
O Plano Haussmann, diante das condições de vida da sociedade parisiense, intervém, a princípio, nos problemas decorrentes do adensamento populacional nos grandes centros para, posteriormente, atuar na criação de uma cidade moderna. Baseado nos ideais do século XIX, busca-se o progresso, mas mantém-se ligado a cidade já existente, utiliza-se das inovações da ciência e da técnica para melhores soluções e criam-se leis urbanísticas que visem facilitar o processo. Aspira-se a melhora do deslocamento na cidade, das condições de infraestrutura, da arborização, do embelezamento e ordenamento e a valorização de monumentos (PONGE et al., 2014).

Na França, as leis de 1841, sobre obras públicas, e as de 1850, sobre habitações [...] davam ao Conselho Municipal, por intermédio dos tribunais, a autoridade necessária para desapropriar a terra. De comum, davam aos inspetores sanitários e planejadores urbanos o poder de cobrar multas, impostos, taxas e contribuições de melhoria, a ter livre acesso à propriedade para inspecioná-la e julgá-la, e, por fim, até mesmo requisitar terrenos (CARDOSO, 2004, p. 11).

As intervenções do novo urbanismo parisiense voltaram-se para a reformulação da malha da cidade e das vias, a padronização das edificações, a importância de áreas verdes e a implantação de sistemas de infraestrutura. Como consequência, Paris torna-se mais bela, funcional e desenvolvida. Além disso, a “receita urbanística” parisiense, conhecida como reforma “haussmanniana”, transforma-se em modelo urbanístico para as demais cidades.

Nesse panorama, em 1859, Haussmann altera a malha urbana de Paris ao anexar 11 comunas aos 12 *arrondissements* (distritos) existentes, resultando em uma nova divisão, agora com 20 *arrondissements*, os quais detém funções administrativas próprias, embora sem autonomia. Através dessa medida, as fronteiras da cidade são deslocadas, passam a coincidir com os limites das antigas fortificações e a extensão do município muda de 3370 hectares para 7088 hectares. Com isso, o desenho da cidade muda de configuração, tanto na organização quanto no tamanho (BENÉVOLO, 2001; PONGE et al., 2014).

Figura 24 - Os novos limites administrativos de Paris em 20 arrondissements



Fonte: BENÉVOLO, 2015, p. 93

Concomitantemente a reestruturação da malha de Paris, trabalha-se com a reformulação das vias da cidade através do redimensionamento de ruas e abertura de grandes avenidas. Segundo Benévolo (2001, p. 98), “é sobreposto ao corpo da antiga cidade uma nova malha de ruas largas e retilíneas, formando um sistema coerente de comunicação entre os principais centros da vida urbana e as estações ferroviárias”. A antiga malha não é eliminada totalmente, entretanto a nova malha é sobreposta a ela e mescla-se ambas.

Figura 25 - As 12 amplas vias radiais partindo do Arco do Triunfo



Fonte: site Tendence¹⁹

Napoleão apoiou fortemente as intervenções viárias de Haussmann, visto que havia uma preocupação com revoluções populares e com o mantimento de seu poder. Porto et al. (2007, p. 2714), aponta que “segundo os interesses de Napoleão de assegurar a popularidade da capital, e de tornar mais difíceis as futuras revoluções, demoliu as antigas ruas medievais estreitas, dando lugar a artérias largas e retilíneas para o melhor movimento de suas tropas”. Cardoso (2004, p. 05), acrescenta ainda: “aliás, era essa a estratégia principal, imediata, do projeto de Haussmann, a neutralização do proletariado revolucionário de Paris, a destruição da estrutural arterial urbana que servia aos motins populares de rua”.

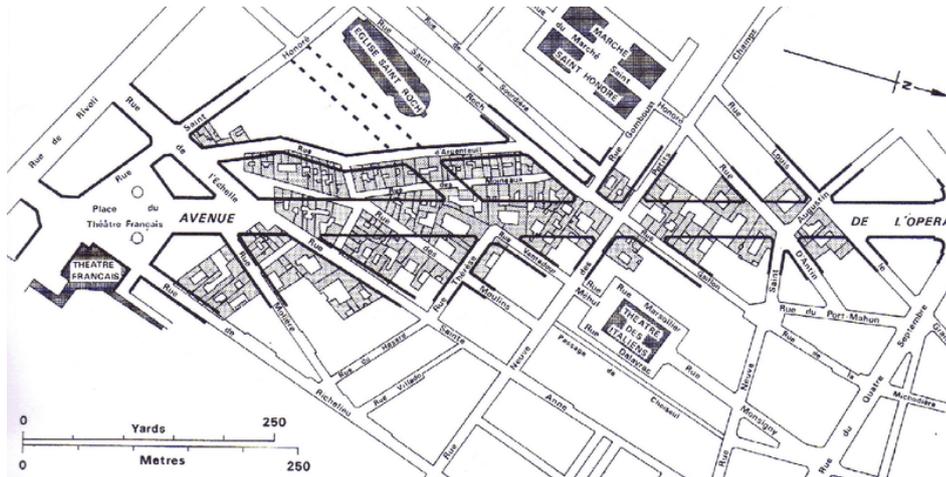
O plano de Georges-Eugène *Haussmann* para a reforma de Paris, em 1860, apagou grande porção da cidade medieval. Considerada imprópria aos “novos tempos”, seu traçado espontâneo de becos e vielas foi substituindo por um desenho “moderno”, que na verdade foi uma continuidade à tradição barroca já presente no palácio de Versalhes. Estão claras neste plano as intenções estratégicas e totalitárias de Napoleão III. De seu palácio, com ampla visão, recebe o povo ao mesmo tempo em que o controla (LOTUFO, 2012, p. 233).

As obras viárias de Haussmann baseiam-se na abertura de grandes avenidas, *boulevares* e ruas largas retilíneas que interliguem os principais centros de vida urbana às estações ferroviárias. Instalam-se diversos anéis e cruzamentos, visando a fluidez e eficiência do trânsito entre distritos, os monumentos são postos como ponto de fuga ao final das vias e os quarteirões, delimitados pelas novas aberturas, tornam-se permeáveis. No centro da cidade, que possui 384 quilômetros de ruas, criam-se 95 quilômetros e suprime-se 49 quilômetros, enquanto

¹⁹ Disponível em: < <http://tendencee.com.br/2019/05/5-fatos-que-voce-nao-sabia-sobre-o-arco-do-triunfo-de-paris/>> Acesso em: 02 de Junho de 2022.

nos subúrbios, que detém 355 quilômetros de ruas, criam-se 70 quilômetros e suprime-se 5 quilômetros. Além disso, segundo o Plano Haussmann, as novas vias construídas tem 18 metros de largura e as grandes avenidas e boulevares tem de 30 metros a 40 metros (BENÉVOLO, 2001; PONGE et al., 2014; PORTO et al., 2007).

Figura 26 - Representação da abertura da Avenue de L'Opéra e os lotes desapropriados



Fonte: BENÉVOLO, 2015

Figura 27 - Avenue de L'Opéra, tela de Camille Pissarro, 1898



Fonte: SILVA, 2020

Figura 28 - Avenue de L'Opéra atualmente, com a Ópera de Paris ao fundo



Fonte: site Epochtimes²⁰

Os *boulevares* são um símbolo do urbanismo de Paris do século XIX e do Plano Haussmann. O *The Dictionary of Urbanism* (Cowan, 2005, p. 37), os definem como “uma rua larga ladeada de árvores”²¹. Diferentemente das avenidas comuns, eles detém, além de grande largura, um trabalho paisagístico, que os torna mais atrativos não só para os automóveis como também para os pedestres. A presença dos *boulevares* engrandece ainda mais a estética de Paris. Segundo Silva (2020, p. 18-19), o que Haussmann faz é “incorporar as características definidoras da avenida no *boulevard* (reto, comercial, dirigido a pontos focais, marcado ritmicamente pela vegetação) e apagar a distinção entre eles”.

Figura 29 - Champs-Élysées Boulevard atualmente



Fonte: site TripSavvy²², foto Taylor McIntyre

²⁰ Disponível em: <<https://www.epochtimes.com.br/teatro-opera-de-paris-o-opera-garnier-obra-prima-da-arquitetura/>> Acesso em: 02 de Junho de 2022.

²¹ No original: (UK) A broad street lined with trees.

²² Disponível em: <<https://www.tripsavvy.com/guide-to-the-champs-elysees-neighborhood-1618684>> Acesso em: 02 de Junho de 2022.

No panorama das obras viárias, se por um lado diversas demolições e expropriações mostraram-se necessárias para que a nova malha viária pudesse ser sobreposta a antiga, por outro, diversos terrenos tornaram-se valorizados, resultando em uma especulação imobiliária. Terrenos em áreas periféricas foram urbanizados devido as novas vias, assim como construiu-se edifícios ao longo delas. As novas edificações, as margens das grandes aberturas, contaram com o projeto dos arquitetos mais ilustres da época, como Labrouste e Hittorf, que trouxeram o repertório da arquitetura eclética aplicada em suas múltiplas possibilidades e variáveis (BENÉVOLO, 2001).

Diante disso, criam-se leis e normas a fim de nortear os trabalhos construtivos das edificações do Plano Haussmann. Em 1852 faz-se obrigatório a apresentação de um requerimento de construção para as obras que ocorrerem ao longo das novas ruas e em 1859 há a modificação do regulamento antigo dos edifícios parisienses, com o estabelecimento de no máximo 45° de inclinação para as coberturas e novas relações entre a altura das casas e a largura das ruas. Busca-se a precisão por meio da padronização das alturas: ruas de 20 metros ou mais de largura devem possuir 20 metros de altura com no máximo 5 pavimentos, enquanto as ruas mais estreitas, tem o limite de altura de até uma vez e meia a largura (BENÉVOLO, 2001; PONGE et al., 2014).

Figura 30 - Fachadas padronizadas segundo Plano Haussmann



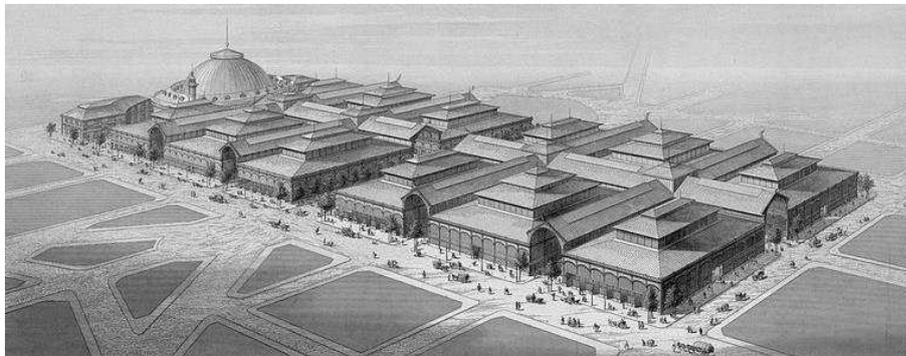
Fonte: SILVA, 2020, p. 18. Foto de Thierry Bézecourt, 2005

Hausmann deseja a unidade do conjunto urbano e a padronização faz-se presente, também, nas fachadas dos edifícios, vistas como as molduras das avenidas e ruas. Nota-se a regularidade e horizontalidade, forte simetria, uso de molduras, frontões, pilastras e dos novos materiais, principalmente, nos balcões de ferro. A harmonia estética é concebida com fachadas de mesma altura, cor, material e estilo. Muitos prédios foram reformados para adequar-se às novas exigências, enquanto outros muitos foram construídos tanto pelo poder público quanto pela iniciativa privada (PONGE et al., 2014).

Compete à Administração a construção dos edifícios públicos nos novos bairros e nos velhos submetidos às transformações já mencionadas: escolas, hospitais, prisões, escritórios administrativos, bibliotecas, colégios, mercados. O Estado, por outro lado, encarrega-se dos edifícios militares e das pontes (BENÉVOLO, 2001, p. 98).

O poder público, então, foi responsável por diversas obras para uso da população, dentre elas a grande Ópera de Paris, de Charles Garnier, ícone do ecletismo e o Mercado Central (*Les Halles*). O mercado, projeto do arquiteto Victor Baltard, era um edifício de 12 pavilhões metálicos interligados por duas ruas cobertas, com esquadrias em vidro e colunas de ferro, que em 1970 foi demolido (PONGE et al., 2014).

Figura 31 - Les Halles de Paris, Victor Baltard, 1863



Fonte: Wikimedia Commons ²³

Por outro lado, a iniciativa privada encarregou-se dos prédios de apartamentos, lojas de departamento e ferrovias, como a Estação Norte e a Estação Orléans que foram reconstruídas. A arquitetura eclética mostra-se nas lojas de departamentos, como as famosas *Au Louvre*, *Au Printemps*, *Au Bom Marché*, *La Belle Jardinière* e o *Bazar de l'Hôtel de Ville*. Já os apartamentos são tidos como vantajosos investimentos, visto que cresce a especulação imobiliária, principalmente próximo as grandes vias. Trata-se de edifícios com fogões em ferro, número maior de lareiras e instalações de água e esgoto (PONGE et al., 2014).

²³ Disponível em: < https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Halles_de_Paris,_1863.jpg > Acesso em: 02 de Junho de 2022.

Nesse contexto, as classes mais baixas da sociedade, por outro lado, enfrentam problemas de moradia decorrentes da incapacidade econômica de efetuar as novas exigências sanitárias do Plano Haussmann. Napoleão III inaugura, então, o primeiro projeto de casas populares, a *Cité Napoléon*, localizado na *Rue Rochechouart*, que possui os requisitos básicos de infraestrutura e higiene, água encanada, uma latrina e uma pia por pavimento, uma creche e um banho público. Em 1851 abrigava cerca de 500 pessoas que pagavam ao Estado alugueis bem abaixo dos preços do mercado (BENÉVOLO, 2001; PONGE et al., 2014; PORTO et al., 2007).

Figura 32 - Cité Napoléon, 1850



Fonte: site Musee²⁴

Os avanços da engenharia e da ciência foram essenciais para o desenvolvimento dos sistemas de infraestrutura e instalações. Apesar de, em sua maioria, serem obras “invisíveis” aos olhos da população, têm grande importância para o funcionamento adequado das cidades. Haussmann investiu bastante nessa vertente, resultando em novos reservatórios e aquedutos, duplicação da rede hidráulica, implantação de novo modelos de esgoto, aumento de fontes públicas, dentre outros.

Por meio da ajuda do engenheiro François Eugène Belgrand, o fornecimento de água passa de 112.000 metros cúbicos por dia para 343.000 metros cúbicos por dia, a rede hidráulica aumenta de 747 quilômetros para 1545 quilômetros, a nova rede de esgotos passa de 146 quilômetros para 560 quilômetros de extensão e triplica-se as instalações de iluminação, que vão de 12.400 bicos de gás para 32.320 bicos de gás. Além disso, em 1854, reordena-se o serviço de transporte público através da *Compagnie Générale des Omnibus* e em 1855 regulariza-se um serviço de veículos de praça (BENÉVOLO, 2001).

O Plano urbanístico de Haussmann prioriza a existência, na cidade, de áreas públicas, com vegetação, destinadas ao lazer, à qualidade de vida e ao refúgio da vida industrial.

²⁴ Disponível em: < <https://musee-hlm.fr/ark:/naan/a011475845206WOaMoY> > Acesso em: 02 de Junho de 2022.

Cardoso (2004, p. 5), pontua que “praças foram abertas ao grande público, concebidas como núcleos de verdor ou pulmões localizados em lugares muito cêntricos do tráfego”. Além das praças, os parques públicos e jardins apresentaram-se na nova malha urbana.

Hausmann almeja a implantação de novos espaços públicos em Paris, que até então possuía apenas 4 parques: os *Champs-Élysées*, o *Champ de Mars*, o *Jardin des Tuileries* e o Jardim de Luxemburgo. Com inspiração nos jardins ingleses, inicia-se a recuperação da floresta localizada entre as fortificações e o rio Sena, ao leste, próximo as áreas mais abastadas, que transforma-se no *Bois de Boulogne*. Ao oeste concebe-se o *Bois de Vincennes* como um “presente” do Imperador às classes mais populares, ao norte faz-se o *Buttes-Chaumont* e ao sul o *Parc Montsouris*. Ao longo da cidade, Hausmann executa ainda 24 squares, que são pequenos jardins (BENÉVOLO, 2001; PONGE et al., 2004).

Figura 33 - Espaços Públicos implantados por Hausmann na Malha Urbana de Paris



Fonte: de PAULA, 2017

Figura 34 - Bois de Boulogne após recuperação de Hausmann



Fonte: King's Court Galleries²⁵

²⁵ Disponível em: < <https://www.kingscourtgalleries.co.uk/product/prints/prints-views/lac-du-bois-de-boulogne-c1850>> Acesso em: 02 de junho de 2022.

Nesse panorama, a reforma de Haussman para Paris contara com inúmeras intervenções urbanísticas. Abre-se largas vias que culminam em rotatórias detentoras de monumentos ou edificações importantes, modifica-se a malha da cidade resultando em quarteirões com formas irregulares e triangulares que possuem seus interiores como complementação dos serviços do quarteirão e os lotes apresentam edificações padronizadas, com estilos arquitetônicos pré-definidos. Há melhorias nos serviços de infraestrutura e aumento dos espaços públicos verdes. Com isso, o estilo “haussmanniano” de urbanismo torna-se modelo para as demais cidades europeias e do mundo.

A concepção haussmanniana de cidade foi de grande influência no mundo todo e se definiu como propulsora de uma linha de raciocínio modernista que teve continuidade até os dias de hoje. O modo de pensar a articulação da cidade através de grandes avenidas, somada à tendência de valorizar o transporte rodoviário, inspirou inúmeros projetos que marcaram profundamente o rumo do crescimento das grandes metrópoles do século XX (LOTUFO, 2012, p. 233).

Figura 35 - Foto de Paris nos dias atuais



Fonte: site Freepik²⁶

Benévolo (2001, p. 92), aponta que “pela primeira vez, um conjunto de determinações técnicas e administrativas, ampliáveis a toda uma cidade que já ultrapassou um milhão de habitantes, são formulados e colocados em prática coerentemente em um tempo bastante curto”. A partir de 1870 observa-se a influência do Plano de Haussmann em outras cidades francesas, em Bruxelas, na Cidade do México e na Itália. Além disso, surgem outros

²⁶ Disponível em: < https://br.freepik.com/fotos-premium/bela-vista-panoramica-de-paris-do-telhado-do-arco-do-triunfo-vista-da-torre-eiffel_24230953.htm > Acesso em: 02 de junho de 2022.

planos urbanísticos seguindo os preceitos de Paris, como o de Cerdá para Barcelona em 1859 e o de Lindhagen para Estolcomo em 1866 (BENÉVOLO, 2001).

A capacidade de Haussmann de aderir sem ressalvas à realidade de seu tempo é também, a chave para compreender, tanto o grande sucesso de seus métodos e as numerosas imitações, quanto a discussão sempre viva sobre a sua figura e sobre sua obra, até os dias de hoje (BENÉVOLO, 2001, p. 106).

O modelo urbanístico de Paris, proposto por Haussmann, mostra-se importante para o desenvolvimento adequado da cidade industrial do século XIX, a representação da arquitetura eclética como parte fundamental do modelo e o entendimento do urbanismo como área de conhecimento e seu papel dentro das relações habitantes e cidade. Por essa razão, serve de exemplo até os dias atuais para os arquitetos e urbanistas, além de referência de beleza urbana para o mundo.

4 O MOVIMENTO ECLÉTICO NO BRASIL E EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO

O estilo eclético, surgido na Europa no século XIX, deixou contribuições em vários países, chegando também ao Brasil e, posteriormente, à São Luís - MA. Este capítulo aborda o contexto brasileiro antes do movimento, as transformações urbanísticas e as principais edificações do período, explanando a influência do ecletismo nesses processos. Por fim, explana-se a trajetória do estilo até as terras ludovicenses, onde estuda-se o contexto urbano e analisa-se obras ecléticas da cidade, a fim de compreender o significado do ecletismo para a cidade de São Luís do século XX.

4.1 A paisagem urbana brasileira e a arquitetura eclética

O Brasil do século XVIII encontrava-se na situação de colônia portuguesa, dividida em capitânicas hereditárias, sob trabalho com mão-de-obra escrava e com a sociedade formada, basicamente, por uma elite portuguesa, os escravos africanos e os indígenas. Diante disso, as cidades apresentavam uma arquitetura baseada nos conceitos europeus, nesse caso o colonialismo português, representada, principalmente, pelos sobrados, casas térreas e chácaras. Segundo Reis Filho (2000, p. 32), “a habitação urbana tradicional correspondeu a um tipo de lote padronizado e este a um tipo de arquitetura bastante padronizada, tanto nas suas plantas, quanto nas suas técnicas construtivas”.

As técnicas construtivas utilizadas na arquitetura colonial ainda eram arcaicas, onde usava-se pedra e barro nas paredes das habitações mais importantes, enquanto as de menor destaque constituem-se de adobe, pau-a-pique e taipa de pilão. As edificações dispunham-se nos lotes sem recuos laterais, os telhados detinham apenas duas águas, sem calhas e exigia-se a uniformidade visual através do alinhamento e da padronização de dimensões e elementos, em busca da aparência da cidade portuguesa. Além disso, os espaços verdes eram raros, sejam particulares ou públicos, assim como ruas com calçamento e passeios adequados (REIS FILHO, 2000).

As salas da frente e as lojas aproveitavam as aberturas sobre a rua, ficando as aberturas dos fundos para a iluminação dos cômodos de permanência das mulheres e dos locais de trabalho. Entre estas partes com iluminação natural, situavam-se as alcovas, destinadas à permanência noturna e onde dificilmente penetrava a luz do dia. A circulação realizava-se sobretudo em um corredor longitudinal que, em geral, conduzia da porta da rua aos fundos. Esse corredor apoiava-se a uma das paredes laterais, ou fixava-se no centro da planta, nos exemplos maiores (REIS FILHO, 2000, p. 24).

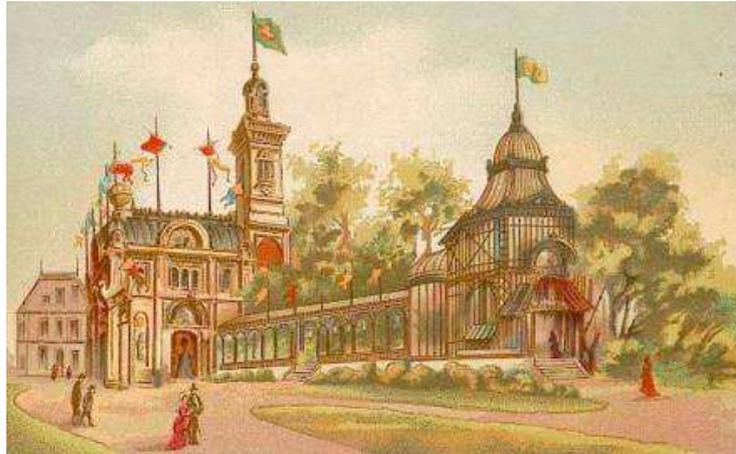
Já o cenário brasileiro do século XIX é de intensa mudança, pois representa a ruptura abrupta de colônia exploratória para sede da monarquia portuguesa. A chegada e instalação da corte, em 1808 no Rio de Janeiro, fizera com que a cidade sofresse diversas intervenções pautadas no urbanismo europeu, em busca por maior refinamento, modernidade e progresso industrial. Além disso, a coroa portuguesa incentivou a vinda de artistas franceses na Missão Artística Francesa de 1816, responsável por promover uma “ação civilizatória” nos brasileiros e que resultara, posteriormente, em 1826, na abertura da Academia de Belas-Artes no Brasil, por Grandjean de Montigny, local do primeiro curso de arquitetura do país (D’ELBOUX, 2005).

As contribuições de Grandjean de Montigny e dos franceses em geral, foram significativas para a arquitetura, com noções de como projetar, enxergar o projeto, executá-lo de modo hábil, e para o urbanismo, com um melhor entendimento sobre planejamento urbano. Suas intervenções, sob forte influência neoclássica, pautavam-se no edifício e no seu entorno, com construções grandiosas (como palácios, bibliotecas e praças) e a reformulação das vias que levavam a eles. Por meio de rigoroso ordenamento dos espaços urbanos e da monumentalidade das obras, executou-se diversos projetos urbanísticos, como o Projeto de Remodelação do Centro do Rio de Janeiro em 1825 (D’ELBOUX, 2005).

O Projeto previu a demolição de inúmeras edificações para o alargamento das vias, a implantação de um eixo monumental entre o Largo do Rocio e o Palácio Imperial, além de um sistema de praças que trouxesse a regularização dos espaços públicos. Através de ideais trazidos da reforma urbana de Paris, Plano Haussmann, tratou-se a paisagem como perspectivas traçadas a partir dos grandes eixos. Dentre as obras propostas, tem-se ainda a Praça Imperial, dois bosques laterais ao palácio, a Praça Leopoldina, a grande avenida *Rue Imperiale*, dentre outros (D’ELBOUX, 2005).

Nesse panorama, o botânico francês Auguste François Marie Glaziou fora responsável por suas contribuições de cunho paisagístico para as intervenções em espaços públicos e de cunho eclético, com a utilização do ferro em suas obras. Também inspirado em Haussmann e nos jardins ingleses, buscou a harmonia em seus projetos, tais como: a Praça Tiradentes, os Jardins do Palácio do Catete, a Praça Dom Pedro II e o Campo de Santana. Além disso, fora pioneiro no uso de espécies nativas, como a palmeira imperial, e responsável pelos jardins no pavilhão brasileiro da Exposição Universal de Paris em 1889. Glaziou, assim, consolidou o modelo chamado “jardim paisagista”, presente nas obras urbanas até meados do século XIX (D’ELBOUX, 2005).

Figura 36 - Pavilhão brasileiro na Exposição Universal de Paris, 1889



Fonte: D'Elboux, 2005

A proclamação da República e a abolição da escravatura apresentam-se como outros dois fatores preponderantes para novas transformações urbanísticas no Brasil. A partir delas, almeja-se a afirmação do país como nação economicamente independente perante o comércio mundial e para isso a economia brasileira pauta-se na produção cafeeira. Essa produção fora responsável por alavancar a indústria nacional e, conseqüentemente, promover intervenções urbanas, devido à mudança de atmosfera e aparecimento de novas necessidades nas cidades (BONAMETTI, 2006; D'ELBOUX, 2005).

O século XIX, herdeiro direto das tradições arquitetônicas e urbanísticas do período colonial, assistiria à elaboração de novos esquemas de implantação de arquitetura urbana, que representariam um verdadeiro esforço de adaptação às condições de ingresso do Brasil no mundo contemporâneo e que podem ser vistas como etapas de transição entre aquelas tradições e a situação presente (REIS FILHO, 2000, p. 34).

Diante do fim do monopólio português, do início do trabalho livre e assalariado, da abertura dos portos, da produção em larga escala do café, do aumento do potencial de exportação e implementação do modelo industrial, tem-se a ascensão da economia brasileira e maior desenvolvimento das cidades. Entretanto, surgem novas necessidades urbanas, decorrentes do aumento populacional, da mudança do modelo econômico e a busca por um novo modelo social, pautado nas características europeias e influenciadas pelos inúmeros imigrantes presentes no Brasil. Nota-se a necessidade da construção de mais moradias, escolas, hospitais, estações, lojas, fábricas, além da melhoria dos transportes e das condições de infraestrutura e saneamento básico (MATTOS, 2004).

Nesse contexto, as cidades brasileiras começam a apresentar a insuficiência das suas estruturas urbanas, devido ao aumento populacional e ao modelo industrial. Além disso, torna-se frequente a disseminação de graves epidemias, como febre amarela, cólera e peste

bubônica. Esse cenário modifica o meio urbano, que anseia por maior saneamento, e a população, que migra dos casarões coloniais do centro para áreas mais afastadas, em busca de uma vida mais tranquila e saudável, originando novos bairros (MATTOS, 2004).

As diversas intervenções na paisagem das cidades no século XIX são pautadas, principalmente, na modificação dos centros, na criação de áreas verdes e no surgimento de novos bairros em áreas mais afastadas. Cruz e Tavares (2018, p. 1140), afirmam que “as reformas urbanas que se implementaram no Brasil, a partir do final do século XIX, foram responsáveis por lançar as bases de um modelo urbanista moderno, ou progressista, associado a um cruel ingrediente de periferização, orientado por um processo de diferenciação social”. Nota-se que, o crescimento populacional, somado a modernização dos centros e inviabilidade dos mesmos abarcarem moradia para todos, resultam na disseminação dos cortiços em áreas mais afastadas, onde vivia a massa populacional excluída e marginalizada (BONAMETTI, 2006).

Há também uma crescente valorização da natureza, trazida da influência europeia, que culmina na construção de parques, jardins e passeios arborizados no país. Introduz-se a função de contemplação e lazer aos espaços públicos, alterando a funcionalidade dos antigos largos coloniais, hábito disseminado no modelo urbano de Haussmann. Posteriormente, já no século XX, surgem os parques privados, que oferecem, além da natureza, diversão por meio de exposições ou exibição de animais (BONAMETTI, 2006).

No campo arquitetônico, Mattos (2004, p. 01), aponta que “a construção de estradas de ferro e de rodagem, fábricas, estaleiros e portos, edifícios monumentais, obras de saneamento e outros serviços públicos, favoreceu a situação dos engenheiros e arquitetos, que ainda aqui se encontravam em número reduzido”. De fato, as intervenções na arquitetura brasileira ocorrem de modo lento, até mais da metade do século XIX, quando a arquitetura colonial e os métodos construtivos antigos dão lugar à arquitetura eclética e às novas tecnologias. A indústria cafeeira e a abertura dos portos, fatores determinantes para a adoção das mudanças, viabilizam a importação de novos materiais e dos conhecimentos europeus, disseminados através dos imigrantes e da difusão do ecletismo (D’ELBOUX, 2005).

A introdução do ferro no campo da arquitetura e da engenharia ocorreu com a utilização do novo material, proveniente da Revolução Industrial e componente importante da vertente eclética, na construção de novas ferrovias e das primeiras pontes metálicas do Brasil. Proveniente, principalmente, da Inglaterra, o novo material fora trazido juntamente com profissionais que compreendessem as técnicas, o que favoreceu para que seu uso fosse expandido para diversas obras. Tem-se como exemplo a primeira ferrovia: a Estrada de Ferro

do Cantagalo, datada de 1860, com uma extensão de 152 quilômetros, que ligava o Porto de Caxias, em Itaboraí, até Cantagalo (MENDONÇA, 2014).

Nesse panorama, a inserção das novidades construtivas na construção de edificações ocorre de modo a transformar, gradativamente, a arquitetura colonial vigente em uma arquitetura eclética. A princípio, inicia-se o uso de platibandas, calhas, vidros nas esquadrias e, em alguns casos, a substituição de telhados de duas águas para quatro águas. Além disso, há a transição dos sobrados e casas térreas para a casa de porão alto, já com porões mais elevados que demandam uma escada, situada logo após a entrada principal e que leva a um patamar em mármore quase sempre xadrez, seguido de uma porta de meia altura de madeira ou vidro (ARAGÃO, 2010; REIS FILHO, 2000).

Fabris (1993, p. 135), diz que “a afirmação do ecletismo no Brasil não implica em conhecimento da tradição anterior e sim o rechaço radical dos vestígios coloniais que persistiam no país, apesar do neoclassicismo da Missão Artística Francesa”. A afirmação pode ser traduzida como uma verdade quando considera-se o desaparecimento da uniformidade das residências, traço marcante da arquitetura colonial, decorrente do uso de afastamentos laterais e frontais. Por meio de diversas modificações nos elementos tradicionais, nas plantas baixas e implantações, percebe-se a influência eclética do período (REIS FILHO, 2000).

Nas maiores edificações introduziu-se jardins laterais, permitido pelo novo afastamento, como objetivo sanitário de proporcionar melhor ventilação e iluminação, porões altos para maior intimidade quanto à altura das esquadrias em relação à rua, varandas com colunas de ferro e escadas em mármore para os jardins. Já as residências menores não detinham os jardins, apenas uma entrada lateral descoberta acessada por meio de um portão de ferro. A busca por melhores condições de saneamento em todas as edificações resultou em banheiros com água corrente e uso de venezianas. Além disso, substituiu-se os assoalhos por madeira serrada, implementou-se a construção com tijolos e o uso de telhas Marselha (ARAGÃO, 2010; REIS FILHO, 2000). Sobre a divisão interna das maiores edificações, Reis Filho diz:

A parte fronteira, abrindo para a rua, era reservada para as salas de visitas. Dispunham-se os quartos em torno de um corredor ou sala de almoço (varanda), na parte central, ficando cozinha e banheiro ao fundo. Em inúmeros casos, o alpendre de ferro iria funcionar, até certo ponto, como um corredor externo. Para ele abriam as portas das salas de visitas e almoço, janelas ou portas de alguns quartos e, por vezes, mesmo as portas da cozinha (REIS FILHO, 2000, p. 46).

A partir do século XX, no Brasil, nota-se mais claramente a influência do ecletismo nas construções e nos modelos de transformação urbanística. As cidades do Rio de Janeiro, capital do país na época e de São Paulo, centro econômico pela produção cafeeira, ganham

destaque com mudanças urbanas e arquitetônicas significativas para a nova configuração de cidades industriais e modernas. Com isso, aplicam-se reformas visando o urbanismo europeu e realizam-se obras inspiradas na arquitetura eclética.

O então Presidente Rodrigues Alves fora o responsável pelas intervenções urbanas na capital Rio de Janeiro, por volta de 1900. Buscou-se a remodelação da cidade, com a criação de avenidas largas, como a Avenida Central e o aprimoramento do saneamento básico. Em 1903 o Prefeito Pereira Passos assume a função de coordenar o processo, sob a defluência do Plano de 1903 que, conforme Mattos (2004, p. 03), refletia “uma sociedade nova, capitalista, reorganizada e moderna, que reclamava melhoramentos urbanos, como transporte eficiente e rápido e embelezamento, o que permitia oferecer uma fachada “desenvolvida” e mais moderna para a capital, adotando-se para tal o padrão europeu”.

A presença do Eclétismo como a nova imagem da cidade, aliado à transformação urbana, enfatiza a necessidade de reformulação da capital carioca, o sonho com o modelo europeu – a Paris de Haussmann –, iniciado com a transformação do centro do Rio de Janeiro ainda no final do século XIX, para se concretizar na primeira década do século XX, com a abertura da Avenida Central e o concurso de fachadas (MATTOS, 2004, p. 05).

Há uma ânsia de romper com o passado e adentrar os novos tempos. Sob influência do modelo de Haussmann, Pereira Passos coloca em prática uma operação chamada bota-abaixo, que, através de um conjunto de medidas sanitárias, realiza intensas transformações urbanísticas e arquitetônicas na cidade. Com o apoio de Rodrigues Alves e a ajuda do sanitarista Oswaldo Cruz, o prefeito do Rio de Janeiro realiza, na área central, obras de saneamento e infraestrutura – como a substituição dos lampiões a gás por iluminação elétrica, erradica as epidemias, instala praças e parques, redesenha o traçado por meio da abertura e remodelação de ruas e amplas avenidas, alarga as calçadas e as pavimenta – trocando os paralelepípedos coloniais de pedra, e reconstrói, assim como constrói, edificações utilizando o novo modelo arquitetônico da época (BONAMETTI, 2006).

Dentre as principais mudanças, tem-se a transformação do sistema viário, que passa a ser composto por ruas e grandes avenidas arborizadas que conduzem o trânsito do centro às áreas mais afastadas. O maior exemplo é a Avenida Central, construída entre 1904 e 1911, que trouxera o imaginário de transformação da cidade colonial para a moderna, cosmopolita, semelhante às europeias. Dada a sua importância, o trabalho arquitetônico nas fachadas dos edifícios ao longo da via deu-se através de um concurso e diversas casas e comércios foram demolidos para a abertura da mesma. Semelhante à Paris, após as reformas, o centro é

valorizado e apropriado pela burguesia, que desloca as classes mais baixas para as periferias de mangue e morros, onde criam-se novos bairros (MATTOS, 2004; PORTO et al., 2007).

Pereira Passos decidiu pôr em ordem os abusos e dotar a capital de fisionomia e serviços modernos. Exigiu que toda via aberta à circulação fosse devidamente pavimentada e munida de canalizações de água, gás e esgotos, mas seu esforço essencial incidu no traçado de grandes artérias monumentais que facilitaram as comunicações e romperam o esquema intrincado do plano anterior. Duas vigorosas diagonais dispostas em "V", a Avenida Central (hoje, Rio Branco) e a Avenida Mero de Sá, cortaram o xadrez das ruelas do centro da cidade, e não se vacilou em arrasar o pequeno morro que se encontrava no percurso, inaugurando um processo que iria ser repetido várias vezes em outra escala: assim as duas extremidades do porto (reformado totalmente para poder absorver um tráfego em plena expansão) foram ligadas diretamente à Avenida Beira-Mar, cujo lançamento ao longo da baía serviu de base para o desenvolvimento da zona sul, que iria tornar-se a mais elegante do Rio (BRUAND, 1991, p. 334).

O alargamento das vias e melhoria da pavimentação resultou no desempenho mais adequado dos novos meios de transporte individuais e coletivo: os automóveis e bondes. Somado a isso, Pereira Passos trouxe também a implantação das primeiras redes de esgoto e de água. Já as transformações de cunho paisagístico, inspirados nos parques franceses, constituem-se de praças ajardinadas, parques, espaços públicos arborizados, boulevard, além da infraestrutura das orlas, sendo a Praia de Copacabana o primeiro parque-praia do país (BONAMETTI, 2006).

A arquitetura, assim como o urbanismo, também ganhou atenção do prefeito que, ao lado do arquiteto Paulo de Frontin, lançou um concurso para a escolha das fachadas das edificações da nova Avenida Central, atual Avenida Rio Branco. Os projetos, apesar da liberdade compositiva, precisavam conter três pavimentos, sendo o térreo destinado a estabelecimentos comerciais, e as fachadas com larguras de 10 metros, 15 metros, 20 metros ou 25 metros. O vencedor, dentre 138 candidatos, fora o engenheiro italiano Rafael Rebecchi, contudo o responsável pela maior quantidade de fachadas na avenida fora o arquiteto Adolfo Morales (BRUAND, 1991).

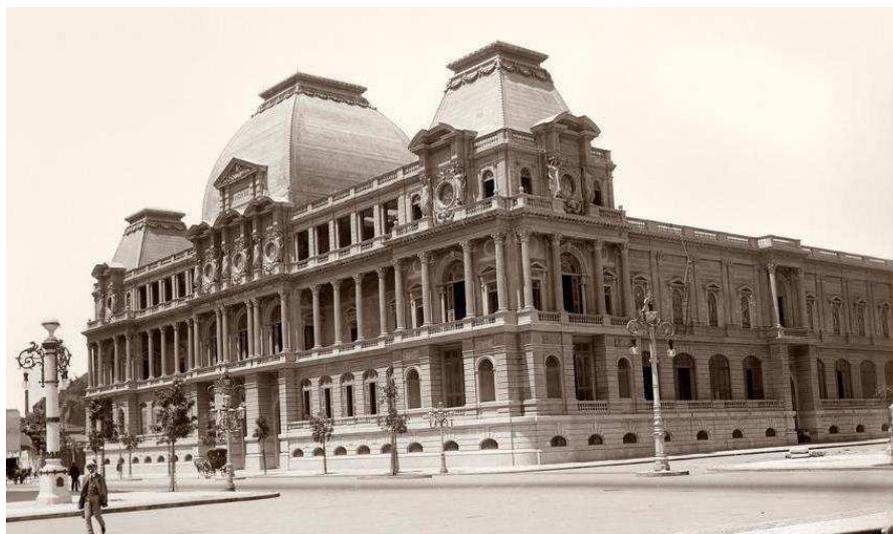
Figura 37 - Construção de Fachadas na Avenida Central



Fonte: GALDAMEZ e GALIZA, 2013

Nesse contexto, a Avenida Central foi palco ainda para grandes edificações ecléticas, que, de modo geral, apresentavam simetria, ornamentação, uso de colunas, frontões, dentre outros. As principais obras são: a Escola e Museu Nacional de Belas Artes, o Theatro Municipal e a Biblioteca Nacional. A Escola e Museu Nacional de Belas Artes, 1906-1908, fora uma obra de Adolfo Morales, inspirado no Museu do Louvre francês, que passara por intervenções durante a construção e resultara em um edifício eclético. Na fachada nota-se a presença de simetria, colunas e muitos elementos decorativos, como as esculturas femininas que atuam também como pilares para os frontões, enquanto no interior é forte o uso de adornos, como mosaicos, mármore e cristais.

Figura 38 - Escola e Museu Nacional de Belas Artes, 1908



Fonte: Acervo do Instituto Moreira Salles, coleção Gilberto Ferrez, foto Marc Ferrez

O Theatro Municipal, ícone do ecletismo brasileiro e marco da abertura da Avenida Central, fora projetado por Francisco de Oliveira Passos, entre 1903 e 1909. Inspirado na Ópera de Paris, utilizou amplamente o ferro e o aço para a cobertura e estrutura, além do mármore e bronze para a decoração. Na fachada percebe-se a simetria, uso de grandes colunas, inúmeros elementos decorativos, arcos, esquadrias em vidro, balaústres, uso de cúpulas enfeitadas e a presença de uma grande escadaria em pedra que dá acesso à entrada principal. Seu interior é igualmente rico, com vitrais feitos por artesãos europeus, uso de ouro, itens decorativos, além de diversas obras artísticas (BRUAND, 1991).

Figura 39 - Theatro Municipal do Rio de Janeiro na Avenida Central, 1910



Fonte: Acervo do Instituto Moreira Salles, coleção Gilberto Ferrez, foto Marc Ferrez

Figura 40 - Fachada Theatro Municipal do Rio de Janeiro atualmente



Fonte: site Archtrends²⁷, foto Elvis Boaventura

²⁷ Disponível em: < <https://archtrends.com/blog/arquitetura-ecletica/#:-:text=Localizado%20na%20Cinel%20A2ndia%2C%20o%20Theatro,edifica%C3%A7%C3%A3o%20foi%20inaugurada%20em%201909.> > Acesso em: 25 de Junho de 2022.

A Biblioteca Nacional, projetada por Francisco Marcelino de Souza Aguiar, fora construída entre 1905 e 1910 e conta com cinco andares de estruturas metálicas. A cobertura é feita com telhas francesas e claraboias que auxiliam na iluminação, além da presença de uma cúpula de cobre. Na fachada nota-se forte simetria, uso de arcos, muitas colunas, um grande frontão central, balaústres, adornos e esquadrias em vidro, enquanto no interior há auditórios, salões, armazéns e até jardins, todos ricamente construídos. No saguão principal há uma escadaria em mármore com gradis em bronze, um busto de D. João VI, imensas colunas, arandelas, candelabros, balaústres e um grande vitral colorido na claraboia (BIBLIOTECA NACIONAL, 2018).

Figura 41 - Fachada Biblioteca Nacional



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional

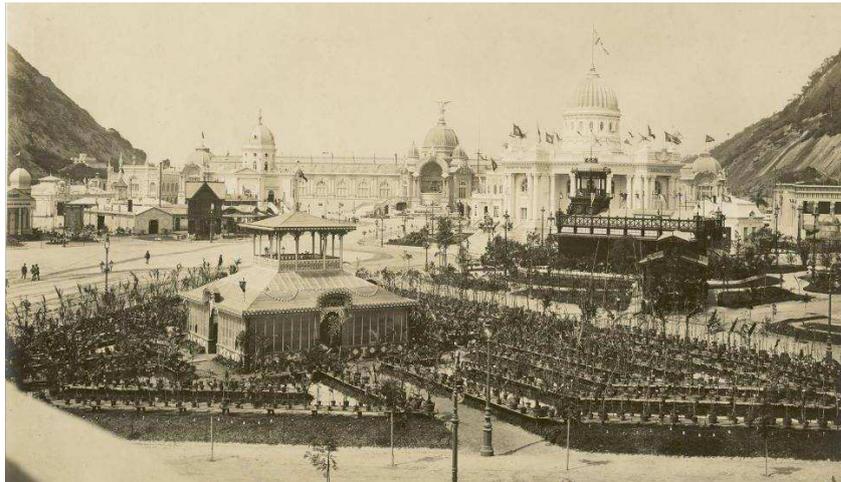
Figura 42 - Detalhe Escadaria do Saguão da Biblioteca Nacional



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional

Vale ressaltar que a arquitetura eclética com fortes influências europeias em grandes edificações fora visto anteriormente na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1908, organizada por Afonso Pena. Com o intuito de comemorar os 100 anos da abertura dos portos brasileiros, em 1808, a exposição contou com diversas obras que traziam o ecletismo como estilo. Além disso, celebrou-se o comércio, a modernização e industrialização do país.

Figura 43 - Exposição Nacional do Rio de Janeiro, 1908



Fonte: Acervo Museu da República, foto de Augusto Malta

O Rio de Janeiro, então capital do país, recebeu um acervo eclético importantíssimo para o processo evolutivo arquitetônico brasileiro. Por se tratar de um local miscigenado, diverso e dinâmico, a adesão de uma arquitetura que fundiu estilos de inúmeros lugares é reflexo também da pluralidade cultural da população. Sobre isso, Bonametti (2006, p. 03), pontua que “a arquitetura eclética interpreta e acentua essa diversidade, possibilita uma *viagem romântica* sonhadora e fantasista”.

Ao final do século XIX, São Paulo é uma das cidades brasileiras mais importantes economicamente, devido à produção de café. O crescimento populacional é impulsionado pela chegada de inúmeros imigrantes para trabalhar nas plantações e nas indústrias, os quais abrigam-se, em sua maioria, em cortiços no centro da cidade, formando grandes amontoados insalubres. Por essa razão, São Paulo é alvo de intervenções urbanas e arquitetônicas, majoritariamente no século XX, que visam não só o embelezamento da cidade, mas principalmente sanar os problemas de ordem sanitária e de comportamento da população (LUCCHESI, 2015).

Almeja-se a construção da imagem de uma São Paulo industrial, que respira progresso e civilidade. Segundo LUCCHESI (2015, p. 03-04), “a crença no progresso era o que direcionava as modificações do espaço da cidade” e acrescenta que “as transformações urbanas

que acontecem na cidade a partir do século XIX são um reflexo da necessidade de conferir à metrópole uma imagem positiva, tanto do ponto de vista estético como do ponto de vista higiênico e salubre”. Com isso, percebe-se a preocupação não somente com a higiene, mas também com a estética urbana.

As intervenções urbanas paulistas não se diferem das realizadas no Rio de Janeiro, visto que ambas detêm a mesma influência. Até então, a paisagem da cidade com residências alinhadas aos lotes compridos e estreitos, ruas tortuosas e de acesso precário mantinha-se quase intacta. A partir disso, a reforma engloba a reformulação da malha urbana através da melhoria e criação de ruas e avenidas, a promoção da arborização, o aperfeiçoamento dos calçamentos e construção de redes de abastecimento (ARAGÃO, 2010).

Nesse panorama, visando modernizar e embelezar a cidade, investe-se na construção de parques e jardins. O Jardim América, de 1912, foi considerado o mais moderno da época e seguiu o modelo europeu de cidade jardim. Além dele, há o parque D. Pedro II, destinado a recreação e contemplação, o complexo paisagístico do Vale do Anhangabaú e o Parque Trianon. Segundo Bonametti (2006, p. 06), “mais do que nunca a elite procurava se distanciar do centro da cidade, vivendo costumes e padrões europeus, sendo eleito o ecletismo arquitetônico e paisagístico, o agente conceitual deste pensamento de época”.

O sistema viário, assim como no modelo Haussmann e nas medidas adotadas pelo Rio, é um dos pilares das reformas urbanísticas dos séculos XIX e XX. Em São Paulo, criou-se, em 1930, o Plano de Avenidas, de Francisco Prestes Maia, que propusera um sistema articulado de vias radiais e perimetrais, com circulações entre o centro e os bairros, e os bairros entre si. Juntando-se a já existente Avenida Paulista, estende-se a Avenida São João, abre-se a Avenida Anhangabaú e pavimenta-se as estradas com asfalto ou concreto de cimento, a fim de promover a remodelação urbana (BONAMETTI, 2006).

As condições das habitações ganham destaque, especialmente, nas ações de combate à insalubridade da cidade, que ocorrem, em sua maioria, nos cortiços. Tratam-se de construções de muita aglomeração, sem acesso a saneamento básico, foco das epidemias e, para alguns, um local de vício e promiscuidade. Neles habitam os operários das fábricas e muitos outros trabalhadores de classe baixa que não detinham condições de arcar com os altos alugueis das casas unifamiliares (LUCCHESI, 2015).

A presença dos cortiços no cenário urbano da capital era um incômodo higiênico e social. Ao mesmo tempo em que a falta de abastecimento sanitário e o pouco cuidado com a limpeza e circulação de ar dos cortiços fazia destas moradias focos de doenças - que acabaram tornando-se endêmicas em São Paulo -, o amontoamento dos cortiços

também representava uma ameaça à beleza e à ordem social do centro da cidade que era considerada a locomotiva do Brasil (LUCCHESI, 2015, p. 03).

Diante desse contexto, a demolição dessas edificações apresenta-se como a solução mais prática e definitiva no combate à propagação de doenças. Entretanto, nenhuma alternativa que vise o bem estar das famílias que ali moram é realizado. As vilas operárias projetadas para abrigar essa população são insuficientes, apresentam um custo maior do que a classe pode arcar e localizam-se em áreas distantes, de difícil acesso e precário de transporte público (LUCCHESI, 2015).

Entre o final do século XIX e o início do século XX surgem o Código Sanitário e o Código de Posturas, a fim de implementar medidas que visem um padrão higiênico e estético para habitações, espaços urbanos e instalações sanitárias. Em 1875 cria-se o primeiro Código de Posturas do Município, que dita o modo de funcionamento, utilização e construção dos equipamentos urbanos, além de horários, como se portar e outros elementos que disciplinassem os hábitos das classes mais baixas que viessem a frequentar o local. Já o Código Sanitário atua sob normas mais técnicas, com os cinco primeiros capítulos acerca da regulamentação das habitações, onde proíbe-se a existência dos cortiços, e sua influência no urbanismo. Contudo, mesmo com as medidas adotadas, não foi possível conter a proliferação dessas habitações, pois o contingente populacional era grande e não havia alternativa viável suficiente para abrigá-los, motivo pelo qual o poder público impediu a formação dos cortiços no centro e os enviou para áreas mais afastadas e marginalizadas da cidade (LUCCHESI, 2015).

Diante desse contexto, além dos cortiços, a arquitetura residencial era formada por sobrados de dois pavimentos, casas térreas, ambas de taipa, e pelas chácaras, propriedades da classe mais alta localizadas em áreas mais rurais. Contudo, a expressão do ecletismo deu-se, mais visivelmente, por meio de grandes obras, dentre elas a Estação da Luz, o Mercado Municipal e o Teatro Municipal, sendo as duas últimas obras do arquiteto Paulo Ramos de Azevedo, grande nome do ecletismo em São Paulo. Este arquiteto foi responsável por inúmeros projetos, como a reforma do Paço Municipal (1886), a construção dos edifícios gêmeos das Secretarias das Finanças e da Justiça (1886-1896), da Escola Normal (1894) e da Escola Politécnica (1897) (ARAGÃO, 2010; BRUAND, 1991).

A Estação da Luz, inaugurada em 1901, foi um projeto do arquiteto britânico Charles Henry Driver, que visava conectar as fazendas de café paulistas ao Porto de Santos. Com forte influência da arquitetura inglesa, inclusive com seus materiais importados diretamente da Inglaterra, e do ecletismo vigente, a edificação inspira-se no Palácio de Westminster e faz uso dos novos materiais em sua construção. A cobertura é feita de ferro e aço, o prédio utiliza alvenaria de

tijolos, nota-se a simetria nas fachadas, traços góticos nas torres, uso de arcos e bastante vidro, que permite a entrada de luz.

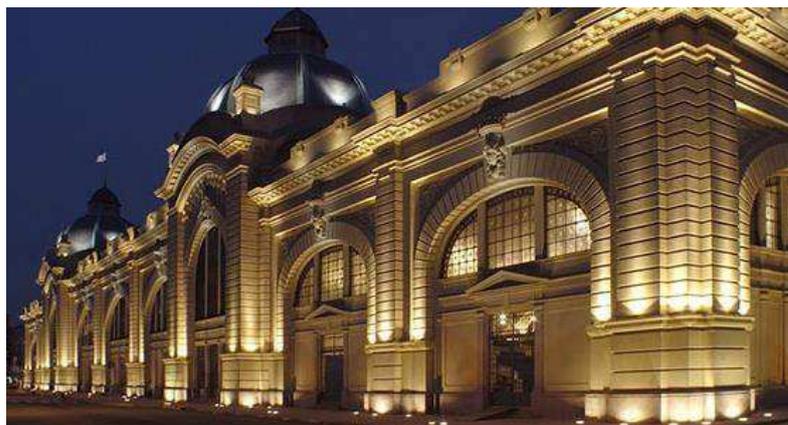
Figura 44 - Estação da Luz, São Paulo



Fonte: Archdaily²⁸, foto Rodrigo Soldon

O Mercado Municipal, inaugurado em 1933, fora criado não só para atender às necessidades comerciais da população, mas também para consolidar a imagem de metrópole cafeeira. A arquitetura eclética faz-se presente por todo o edifício, com o grande uso de vidros nas claraboias, nas telhas, na cobertura e nos inúmeros vitrais, importados da Alemanha. Além disso, nota-se na fachada colunas, arcos, frontões, adornos e abóbadas na cobertura.

Figura 45 - Mercado Municipal de São Paulo



Fonte: Prefeitura de São Paulo, 2018

O Teatro Municipal (1903-1911), é um grande clássico da arquitetura eclética paulista, localizado no centro, próximo da Praça da Sé. Com clara inspiração na Ópera de Paris,

²⁸ Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/878921/restauro-do-museu-da-lingua-portuguesa-utiliza-materiais-reciclados-do-incendio>> Acesso em: 25 de Junho de 2022.

a obra contém a mistura de elementos clássicos e barrocos. Assim como o edifício francês, o teatro contém uma fachada de mármore, com muitas colunas, forte simetria e diversos adornos, além do seu interior possuir uma escadaria central igualmente majestosa, decoração em ouro, veludo vermelho e esculturas espalhadas pela edificação.

Figura 46 - Fachada Teatro Municipal de São Paulo



Fonte: site Flickr²⁹, foto Serlunar

Figura 47 - Escadaria Principal Teatro Municipal de São Paulo



Fonte: Theatro Municipal, 2018

Diante do exposto, percebe-se a riqueza arquitetônica que o ecletismo trouxe para a cidade de São Paulo e a modernização trazida pelas transformações urbanísticas pautadas nas reformas europeias. A busca pelo crescimento econômico, social e urbanístico representa a

²⁹ Disponível em: < <https://www.flickr.com/photos/serlunar/12224625363/in/photostream/> > Acesso em: 25 de Junho de 2022.

necessidade de romper com o passado colonial e alcançar o mundo contemporâneo, industrial e desenvolvido. Essa corrente percorre o Rio de Janeiro, São Paulo, as demais cidades brasileiras, até chegar, no século XX em São Luís do Maranhão.

4.2 As transformações urbanas e a arquitetura eclética em São Luís no século XX

São Luís, capital do estado do Maranhão, foi fundada em 08 de setembro de 1612 por franceses, com destaque para Daniel de La Touche, que visava transformar a ilha em França Equinocial. Assim chamada para homenagear o rei da França Luís XIII, a cidade foi posteriormente conquistada pelos portugueses, em 1615, que sofreram com a invasão holandesa de 1640, mas os expulsaram em 1645. A partir daí a colonização portuguesa em São Luís se inicia com mais afinco, com contribuições econômicas, sociais e arquitetônicas.

Até a independência do Brasil, no século XIX, a cidade detém grande importância nacional na produção e exportação de algodão e arroz. Nesse panorama, diversas transformações ocorrem no âmbito urbano, decorrentes das mudanças políticas e econômicas na capital maranhense, que até o século XX apresenta três ciclos econômicos principais: a economia colonial, a industrial e a do babaçu. A primeira, ainda no final do século XVIII, busca a inserção do agronegócio maranhense no cenário de exportação mundial, por meio da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão (CGCGPM), criada pelo Marquês de Pombal, que incentiva as atividades agrárias, portuárias e mercantis, principalmente do arroz e do algodão (IBGE, 2017; NASCIMENTO 2020).

A partir desse período, percebe-se as primeiras melhorias urbanas, iniciadas na área central, atual centro histórico, com o intuito de modernizar a cidade. As intervenções, segundo Silva (2012, p. 17), “se espalharam pelas estreitas ruas da capital, seguindo o trajeto dos logradouros elegantes, sendo adornados por belas praças e canteiros, como também de serviços essenciais (iluminação, água e esgoto)”. Ele acrescenta ainda que (2012, p. 18), “em meados do século XIX, a cidade possuía um teatro, várias igrejas, um hospital militar, tipografia, grandes sobrados com até quatro pavimentos e solares, atestando a sua importância no contexto econômico nacional”.

A malha urbana é acrescentada devido ao crescimento populacional, que crescera ortogonalmente seguindo o traçado linear já existente do engenheiro Francisco Frias de Mesquita, o que exige a construção e regularização de vias, somados a melhoria dos calçamentos existentes. Além disso, o investimento em infraestrutura e saneamento ganha destaque com a implantação de determinados serviços: em 1825 instalam-se as primeiras

luminárias à base de azeite, trocadas por lampiões à base de álcool em 1843, estes por iluminação a hidrogênio em 1858, substituídos por gás carbônico em 1863 até chegar a instalação de rede elétrica em 1918; em 1856 inicia-se o serviço de abastecimento de água, em 1874 disponibiliza-se água encanada para as edificações e em 1890 surge a primeira companhia telefônica; em 1872 surgem os bondes de tração animal, em 1896 implanta-se os bondes a vapor até serem substituídos, em 1924, pelos bondes elétricos. Ressalta-se que essas intervenções ocorrem, em sua maioria, na área central e mais nobre, incentivando a segregação socioeconômica das pessoas de classe mais baixa que vivem em locais mais afastados (NASCIMENTO 2020).

O século XIX foi marcado pelo grande desenvolvimento econômico, decorrente do agronegócio, e pelo início de ações voltadas para a melhoria do serviço de saneamento e infraestrutura urbana, resultando em transformações na cidade. Já no final do período os anseios industriais chegam à capital maranhense, com a instituição de fábricas e a busca por modernidade, constituindo o segundo ciclo econômico. Monte (2014, p. 31), explana que, nesse momento, “há um crescimento do número de indústrias no Estado, principalmente em São Luís. Em 1854, a reforma da Casa das Tulhas em edifício comercial destaca a Praia Grande como área de comerciantes ricos e promove a concentração das mais variadas lojas no local”.

Nesse panorama, instalou-se um conjunto de quinze indústrias, financiadas pela alta sociedade, voltadas para tecelagem, em sua maioria. Construídas próximas aos centros comerciais e em áreas mais afastadas que detivessem infraestrutura e saneamento, as fábricas contribuíram para o aperfeiçoamento dos sistemas de água, esgoto e iluminação das regiões adjacentes, além do advento dos primeiros bairros proletários. Entretanto, as intervenções urbanas no início do século XX, sob a economia industrial, ocorrem, em suma, em locais da cidade frequentados pela elite, o que resulta no aparecimento de diversas epidemias, decorrentes da escassez de boas condições de saneamento. Essa realidade incentiva o surgimento do Código Sanitário Municipal, em 1904, que visa regulamentar a situação sanitárias das edificações, tanto nas novas obras, quanto nas já existentes, através de reformas (NASCIMENTO, 2020).

Os prédios onde funcionaram as fábricas têxteis de São Luís após o período da expansão da economia algodoeira no Estado constituem-se em exemplares ímpares da arquitetura industrial de meados do século XIX. Apresentem elementos arquitetônicos de grande beleza, tais como as estruturas dos telhados, o revestimento de azulejos das fachadas, aberturas em arco, componentes estruturais metálicos, além de oferecerem espaços internos amplos, apropriados ao remanejamento de usos (ANDRÈS, 1998, p. 78).

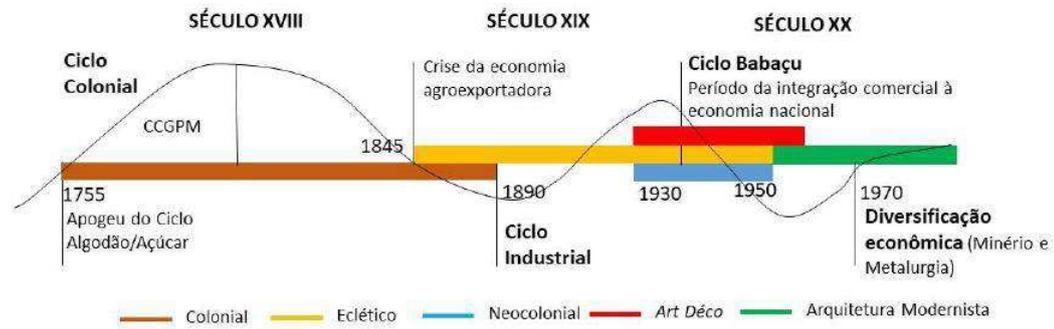
Em 1936, sob a presidência e indicação de Getúlio Vargas, Paulo Ramos inicia o mandato de Governador do Maranhão e implementa reformas administrativas, econômicas e urbanísticas. Aumenta-se a fiscalização das contas públicas, recupera-se as finanças e realiza-se inúmeras intervenções urbanas, visando o desenvolvimento e modernização do estado. Ganha destaque a construção de estradas e a melhoria do sistema viário, a fim de aperfeiçoar o transporte de mercadorias, interligando centros de produção. Além disso, inspirado na reforma urbana do Rio de Janeiro, o governador visa reformular o traçado urbano, adequando aos novos meios de locomoção, dentre eles os automóveis (FEITOSA e PFLUEGER, 2008).

Dentre as modificações na malha urbana, destaca-se a abertura da via Magalhães de Almeida, anteriormente denominada Avenida 10, fundamental no fluxo viário do centro da capital. Marco do urbanismo moderno, ela interliga a atual Avenida Beira-Mar ao centro da cidade, com uma extensão de 380 metros – que vai do Largo do Carmo até o Mercado Central – duas faixas de 6,50 metros cada e passeios de 4 metros de largura, além de um canteiro central arborizado. Em contrapartida, a construção necessitou que parte da atual Rua Grande fosse demolida, assim como diversos exemplares arquitetônicos coloniais (FEITOSA e PFLUEGER, 2008; NASCIMENTO, 2020).

Outra grande via decorrente das transformações urbanísticas do século XX foi a Avenida Getúlio Vargas, que interligava o aclamado centro ao inacessível subúrbio. Com sua abertura, diversas famílias deslocaram-se do centro para instalarem-se às margens e arredores dela, contribuindo para o êxodo da área central para o resto da cidade. Paulo Ramos realizou ainda, dentro de seus dois planos: o Novo Plano da Cidade e o Anteprojeto de Remodelação, diversas obras públicas, como o Palácio do Comércio, o Palácio da Justiça, o Palácio da Educação, o Banco do Estado do Maranhão, a Maternidade Benedito Leite, além de reformar a Praça João Lisboa e a Biblioteca Pública (IPHAN, 2007; NASCIMENTO, 2020; SILVA, 2012).

A partir dos anos de 1950, a importância da produção e comércio do babaçu implementam o terceiro ciclo econômico maranhense, marcado pela forte participação do mercado do estado na economia nacional. Nesse período, as reformas urbanísticas ficaram de posse do engenheiro Ruy Mesquita, sob o Plano da Expansão da Cidade de São Luís, primeiro documento de diretrizes para o crescimento e reorganização urbana, que propunha a ocupação de novas áreas da cidade. Ademais, cria-se o Plano Rodoviário de São Luís, a fim de promover a construção de pontes e vias que facilitem o acesso às regiões mais afastadas, além de rodovias que interliguem o estado a outras regiões brasileiras, conseqüentemente favorecendo o mercado do babaçu (NASCIMENTO, 2020; SILVA, 2012).

Figura 48 - Linha do tempo entre os séculos XVIII e XX



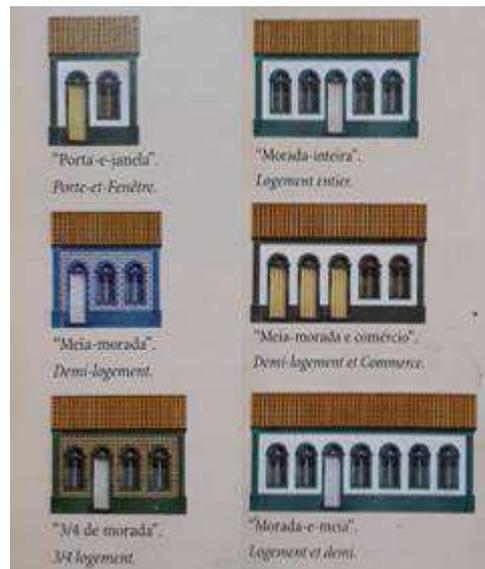
Fonte: NASCIMENTO, 2020

A ilha de São Luís, assim como as demais capitais do Brasil, sofrera intensas modificações urbanas nos séculos XIX e XX, resultado de um panorama global industrial, que visa a industrialização, modernização e reformulação das cidades. Semelhante ao urbanismo, a arquitetura também passa por transformações ao tentar traduzir o panorama social e econômico em que está inserido. Dessa forma, nota-se que a capital ludovicense adquire edificações com novos estilos, assim como recebe intervenções nas obras de arquitetura colonial portuguesa existentes, uma vez que busca-se a modernização do tradicionalismo.

O conjunto de edificações de arquitetura tradicional portuguesa, tradição dos séculos anteriores e ícone de São Luís, é composto, basicamente, pelas moradas térreas e os casarões, sendo este último dividido entre solares e sobrados. As moradas térreas são edificações, como o próprio nome diz, térreas, que abrigam pessoas que vão desde a classe média até a classe baixa, como operários e funcionários públicos, devido ao parcelamento do lote, principalmente da tipologia “porta e janela”, que por ser estreito permite diversas famílias mais humildes morarem mais perto de seus locais de trabalho. As moradas térreas são divididas, quanto a tipologia em: “porta e janela”, a unidade mínima, com fachada de apenas uma porta e uma janela; “meia morada”, com uma porta seguida de duas janelas; “morada inteira”, fachada com uma porta central e duas janelas de cada lado; além de algumas variações como: “3/4 de morada”, “meia morada e comércio” e “uma morada e meia” (ANDRÈS, 1998).

Essa unidade mínima era composta de sala, localizada na parte da frente da casa, as alcovas, que eram os quartos dos moradores, e o comedor/cozinha. Interligando a sala ao comedor/cozinha poderia existir um corredor, pois havia casos de casas bastante estreitas em que o corredor era suprimido e a ligação entre a sala e cozinha era realizada pelas alcovas, onde se verifica uma boa permeabilidade, mas uma falta de privacidade nos ambientes “privativos” (NASCIMENTO, 2020, p. 52).

Figura 49 - Tipologias Têrreas Coloniais



Fonte: ANDRÈS, 1998, modificação autora

Já os casarões, representados pelos sobrados e solares, possuem de dois até quatro pavimentos e pertencem, em sua maioria, à classe mais alta, onde reproduz-se nos pavimentos superiores a mesma planta baixa do pavimento térreo. Os sobrados são edificações de uso misto, com o térreo destinado ao comércio e serviços, enquanto os níveis superiores são usados para habitação. Alguns possuem mirantes e sua maioria apresentam sacadas em pedra de lioz e balcões com gradis de ferro em todas as esquadrias. Já os solares são edificações destinados ao uso residencial, que detêm as características semelhantes aos sobrados, mas que valoriza o embelezamento, a opulência e os acabamentos (ANDRÈS, 1998).

Os solares são sobrados residenciais erguidos pela alta burguesia do século XVIII que primavam pela suntuosidade e apuro no acabamento, apresentando portadas em pedras de cantaria, algumas de feições neoclássicas com frontões triangulares, balcões sinuosos, sacadas em pedra de lioz, com guarda-corpos em gradis de ferro forjado ou fundido, em desenhos apurados. Internamente, no pavimento térreo, um grande vestíbulo, com piso geralmente decorado em seixo de rio e pedra de lioz, dá acesso à escada principal que conduz aos pavimentos superiores, onde realmente a família habitava, pois o térreo era destinado a abrigo de carruagens e dependências (ANDRÈS, 1998, p. 41).

As implantações, tanto das moradas térreas quanto dos casarões, são delimitadas pelo tamanho do lote, visto que não há afastamentos laterais e frontais, o que resulta na fachada como único elemento entre a rua e a edificação. As edificações são dispostas no lote em formato de L ou U, apresentam pátios internos, algumas fachadas com azulejos portugueses, cimalkas trabalhadas, esquadrias do tipo veneziana emolduradas, pisos em assoalho de madeira e grandes pés-direitos. Além disso, as coberturas, de telhas de barro, possuem duas ou três águas apenas,

uma para a frente, outra para os fundo e a terceira para a lateral, sem instrumentos de captação da água pluvial, que cai para a rua e para o quintal através de beirais curtos (ANDRÈS, 1998; NASCIMENTO, 2020).

Diante da herança colonial e da nova atmosfera de mudanças trazidas pelo século XIX, surgiram, mais precisamente a partir da década de 1840, os Códigos de Postura, que norteavam o crescimento, a modernização da cidade e influíam diretamente nas intervenções ocorridas no meio urbano e arquitetônico. De acordo com Figueiredo (2006, p. 55), os códigos apresentavam “normas para a manutenção e ajustes do traçado regular da malha urbana, construções ou reconstruções, disciplina do uso do solo urbano, observando-se, entre outras, as questões relativas à higiene e segurança pública”. Visando o embelezamento urbano e a melhoria da infraestrutura, implementaram-se durante o século os códigos de 1842, 1866 e 1893.

O Código de Postura de 1842 aborda, de modo geral, três grandes vertentes, sendo elas a industrial e comercial, a do espaço público e a da salubridade. Ele regulamenta os estabelecimentos comerciais e industriais existentes, dizendo onde podem atuar e vender, proibindo a instalação das fábricas próximos ao perímetro urbano; a construção de espaços públicos e como se portar neles; e preocupa-se com a salubridade da cidade, através de normas de limpeza das vias, destino do lixo, manutenção de terrenos e utilização de sistemas de água e esgoto, por exemplo. Há uma preocupação com a manutenção do traçado da cidade, ditam-se regras para a abertura de novas vias e a regularização das existentes, dá-se diretrizes de arborização urbana. Além disso, traz normas de construção em terrenos particulares, indica os materiais proibidos de serem usados e preza pela estética urbana, impondo a demolição de edificações em ruínas, por parte dos proprietários, assim como imóveis que estivessem desalinhados com as vias (FIGUEIREDO 2006; NASCIMENTO 2020).

As casas, e muros arruinados, que tenham perdido seu equilíbrio, serão demolidos, sendo para isso compelidos judicialmente os Proprietários pela Câmara, e depois de praticadas as diligências necessárias; e no caso de o não fazerem dentro do espaço de quinze dias depois da citação, relativamente aos edifícios pequenos, e no de trinta, quanto aos maiores, passará a Câmara a manda-los demolir à custa do Proprietário que pagará não só as despesas da demolia, para as diligencias para este fim (SÃO LUÍS, 1842, Art. 3, apud, FIGUEIREDO, 2006, p. 56).

O Código de Postura de 1866 traz três temas à pauta, sendo eles o aformoseamento e regularizações urbanas, segurança e salubridade. O primeiro deles aborda questões como licenças para funcionamento de comércios, indústrias, transportes, dentre outros; o segundo apresenta normas de segurança tanto para a área urbana, com ações de prevenção instalação de

fábricas poluentes e segurança para o trânsito, por exemplo, quanto para área privada, com normas de combate à desabamento de edificações; o terceiro foca em regras de higiene para a comercialização de carnes. Ademais, o código exige licença de aprovação da Câmara para a construção ou reformas de edificações, diz que os dejetos residenciais devem ser despejados ao mar e determina a utilização de calhas para recolhimento das águas pluviais, o que resulta em edificações com platibandas e feições ecléticas (FIGUEIREDO 2006; SELBACH, 2010).

Ficam proibidas as calhas ou goteiras, que reunindo as águas pluviais do telhado as despejam do alto sobre calçadas. Os contraventores pagarão a multa de vinte mil réis, e o dobro nas reincidências, destruindo-se as mesmas a suas custas, quando não as queira prolongar até o passeio, canos de esgoto no interior de suas casas. As que já estiverem construídas são os proprietários obrigados no prazo de oito dias, depois de intimados, retirar-las ou prolongá-las na forma e sob as penas acima estabelecidas (SÃO LUIS, 1866, Art. 61, apud, FIGUEIREDO, 2006, p. 61).

O Código de Posturas de 1893, assim como os demais, detém três ramos principais de discussão, sendo eles a salubridade (sempre presente), mantém a segurança e adiciona as construções. A salubridade traz normas sobre higiene alimentar, poluição fluvial e destino do lixo, por exemplo; a segurança aborda o uso de armas de fogo, fogos de artifício, questões de segurança no trânsito, dentre outros; as construções focam em regras para o embelezamento urbano, abertura de vias, reformas de edificações, conservação de passeios e afins. Adiciona-se novas diretrizes para o alargamento das ruas, para a construção de praças, para o escoamento da água pluvial dentro dos edifícios (agora deve ser feito pelo interior das paredes), para a simetria e composição das fachadas das novas obras (FIGUEIREDO 2006; SELBACH, 2010).

É proibido edificar prédios ou muros no perímetro da cidade e povoações do município, sem que se observem as seguintes condições: § 1º Altura mínima entre a soleira e a linha da base da cornija – quatro metros; § 2º Altura mínima das portas – três metros e das janelas – dois metros; § 3º Altura das cornijas – 0, m 50 e saliência de 0, m 20; § 4º Altura da platibanda entre a 4.º e a 5.º parte da Altura da frente; § 5º Altura das soleiras será máxima e 0, m 20 acima das calçadas, salvo d'aqueles que no próprio prédio forem obrigados a alteração devida ao declive das ruas (SÃO LUIS, 1893, Art.207, apud, FIGUEIREDO, 2006, p. 68).

Vale ressaltar que além dos códigos de 1842, 1866 e 1893, houveram mais dois códigos, já no século XX, sendo eles o de 1936 e 1968. O Código de Postura de 1936 aborda o zoneamento, a fim de ordenar e embelezar a cidade, somado a novas normas de construção de edificações, como a obrigatoriedade dos afastamentos do edifício aos limites do lote e de abertura direta para o exterior em todos os ambientes, visando maior ventilação e, conseqüentemente, melhor condições de higiene. Todos os códigos até o de 1936 apresentam influência direta no aparecimento do ecletismo na arquitetura de São Luís, que permanece na

capital até meados do século XX. Após sua contribuição surge o código de 1968, o mais atual e vigente (NASCIMENTO, 2020).

Em meio à tradicional arquitetura colonial, aos códigos de postura, ao novo contexto econômico e industrial, aos novos materiais e necessidades sociais e urbanas, surge o ecletismo em São Luís, nas últimas décadas do século XIX. “São Luís acompanha as tendências arquitetônicas da época, resultando no aparecimento de exemplares da arquitetura eclética na cidade, uma vez que o Ecletismo vem sempre ao encontro de uma classe burguesa desejosa de manifestar riqueza e luxo” (MONTE, 2014, p. 31). Inspirado no movimento eclético brasileiro, que por sua vez inspirou-se no europeu, o novo estilo busca trazer a modernidade às edificações.

A arquitetura eclética de São Luís apresenta-se na produção de edifícios institucionais da mesma forma como na Europa e no Brasil. Apesar de ser em proporções inferiores, devido à quantidade menor de obras, reproduzem com exatidão os elementos do estilo e o imaginário moderno a que são propostos. Há a influência do estilo colonial, somado à materiais como vidro e ferro, simetria, a utilização de elementos decorativos e de novas técnicas construtivas. A exemplo tem-se o Palácio dos Leões com suas reformas e a RFFSA (NASCIMENTO, 2020).

[...] A essa mudança aliam-se expressões de caráter eclético marcando uma nova fase na história da evolução urbana da capital maranhense. Prédios de natureza institucional se distanciaram da tipologia das habitações, em que se destacam o Palácio dos Leões, o Palácio Episcopal (antigo seminário), a Biblioteca pública, o Teatro União, prédios escolares produzidos em série, além dos armazéns e fábricas (SILVA FILHO, 2010, p. 39).

Figura 50 - Palácio dos Leões atualmente



Fonte: Flickr, foto Isaque Almeida

Figura 51 - Biblioteca Benedito Leite atualmente



Fonte: G1 Maranhão, 2021

Figura 52 - RFFSA em recente reforma



Fonte: O Imparcial, 2020

Nesse contexto, nas edificações residenciais, a arquitetura eclética é sutil, porém significativa. Inicialmente, as intervenções ocorrem apenas nas fachadas, com a utilização de novos elementos, como as platibandas, sobre elementos da arquitetura colonial portuguesa, enquanto o interior dos edifícios permanece igual, sob as normativas tradicionais. Posteriormente, com a expansão da cidade e as novas regras advindas dos Códigos de Posturas, intervenções em demais âmbitos construtivos são instaurados e somados ao estilo eclético ludovicense (NASCIMENTO, 2020).

A fachada da edificação eclética segue a mesma composição tradicional portuguesa, dividida em base, corpo e coroamento. No coroamento implanta-se a platibanda, intervenção mais significativa do estilo e substituta dos beirais, que visa conduzir através de calhas as águas

pluviais, além de esconder o telhado e modernizar a imagem do edifício na cidade. Apresentam-se de diversas formas, podendo ser vazadas ou cheias, com frontões, usos de balaústres e elementos decorativos, como pináculos e esculturas. No corpo da fachada nota-se o uso de vidros nas bandeiras das esquadrias e do ferro nas esquadrias, gradis, adornos, varandas e nas estruturas do edifício, como escadas, pilares e vigas. “Nas edificações que seguiam os preceitos das ordens clássicas pode-se encontrar as colunas (jônicas, dóricas ou coríntias), frontões que demarcavam o acesso principal da edificação, frisos, arcos plenos, abatidos e ogivais, que se misturam sem problemas” (NASCIMENTO, 2020, p. 60-61).

As modificações nas demais esferas da edificação eclética se dão, primeiramente, quanto à implantação no lote, que se expande para as laterais e diminui na extensão de fundo. Através dos Códigos de Posturas, implementa-se o desprendimento da edificação do limite do lote, com a adoção de afastamentos laterais e frontais que possibilitam o surgimento de jardins e pátios internos mais arborizados, importantes na melhoria da ventilação, iluminação e higiene, e a adição de mais fachadas na composição visual da edificação, além de resultarem na adoção de muros e grades para a delimitação do lote que era, anteriormente, delimitado pelas fachadas. Aplica-se o modelo francês de zoneamento interno, dividido em área social, área privativa e área de serviços, presente até os dias atuais. Por meio disso, hierarquiza-se os ambientes da edificação e promove uma separação entre eles, com circulações internas que permitem transitar sem adentrar determinados cômodos, cria-se novas áreas como banheiros com sistemas de água e esgoto, substitui-se as alcovas por dormitórios e as esquadrias em rótulas por janelas envidraçadas, além da implementação de mais águas nos telhados (ARAGÃO, 2010).

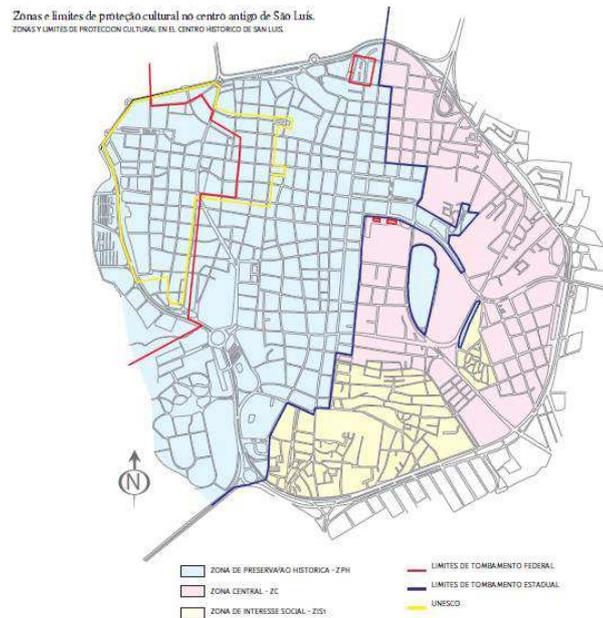
Diante do exposto, as principais características observadas no ecletismo das edificações de São Luís, de modo geral, correspondem a modificações na implantação, com os afastamentos, na fachada através de novos elementos, como a platibanda, nos ambientes internos, com a hierarquização e delimitação dos cômodos. Com isso, a arquitetura eclética modifica, a seu modo e com as principais intervenções nas fachadas, a paisagem urbana da cidade, contribuindo para o novo ar de modernidade almejado no século XX. O movimento resiste até meados da década de 1950, quando a arquitetura moderna começa a dar os primeiros sinais.

4.3 Catalogação de exemplares ecléticos na Rua do Sol

As edificações remanescentes da arquitetura eclética em São Luís encontram-se localizadas no Centro Histórico, mais precisamente nas áreas de Patrimônio Cultural – Mundial,

Federal e Estadual. Dispõem-se de modo avulso, sem concentração em um determinado ponto, coexistindo com edificações de outros estilos, mas compondo o rico e vasto acervo arquitetônico do centro da cidade. Além disso, a maioria de seus exemplares são edificações civis, residenciais ou comerciais, com algumas obras institucionais.

Figura 53 - Mapa do Centro Histórico, Zonas e Limites de Proteção de Patrimônio



Fonte: São Luís Ilha do Maranhão e Alcântara, 2008

O recorte escolhido para catalogação corresponde a edificações ecléticas presentes por toda a extensão da Rua do Sol. A Rua do Sol foi uma das principais vias para interligar o centro à região leste, área de expansão da época, além de atualmente ser uma importante via, dentro do traçado urbano tradicional de São Luís, que conecta a Praça Deodoro ao Largo do Carmo, dois importantes espaços públicos do centro da cidade. Ademais, ela apresenta edificações de diversos estilos, tipologias e enquadra-se nos três âmbitos de patrimônio cultural.

Figura 54 - Recorte dos Estilos da Rua do Sol, Mapa de Estilos



Fonte: São Luís Ilha do Maranhão e Alcântara, 2008, recorte da autora

O critério estabelecido para a escolha das edificações se deu, principalmente, pela presença de platibanda, somado ao uso dos materiais ferro e vidro e elementos decorativos. Buscou-se abordar o maior número possível de tipologias diferentes presentes no recorte e para isso, houve uma pesquisa em campo para escolha e análise das obras, além da produção de acervo fotográfico. Com isso, visa-se um resultado mais fiel a atualidade, um acervo rico e conclusões mais concisas.

O imóvel número 660, localizado na esquina da Rua do Sol com a Rua Santa Rita (Figuras 55, 56 e 57), pertence ao tombamento estadual, apresenta estilo eclético com tipologia de sobrado de 2 pavimentos mais porão alto e uso institucional. Sede da Fundação Municipal de Patrimônio Histórico, encontra-se em estado ruim de conservação, com vandalismo, umidade na pintura, esquadrias descaracterizadas e vidros quebrados. Nota-se nas suas fachadas a divisão clara entre base, corpo e coroamento, destacada pela diferenciação de acabamento entre a área do porão e o corpo, e os adornos entre o corpo e o coroamento. Há o uso do ferro no portão à meia altura instalado na porta de entrada principal, na bandeira onde há o nome de seu provável primeiro morador, nas gateiras, na parte mais baixa das esquadrias do primeiro nível do corpo e no portão na fachada da Rua Santa Rita que dá acesso aos fundos da edificação, evidenciando a adesão aos afastamentos do lote. O vidro é utilizado nas esquadrias, tanto na parte móvel quanto em suas bandeiras, juntamente com venezianas, a fim de levar iluminação e ventilação para o edifício. As esquadrias do nível superior e as da fachada chanfrada apresentam pequenos guarda-corpos balaustrados, as vergas são retas e apresentam pequenas sobrevergas, com exceção das esquadrias da fachada chanfrada que possui vergas em arco pleno. Nota-se a presença da platibanda balaustrada, elemento chave do ecletismo, além de cimalha trabalhada, pingadeiras, cornijas e pináculos.

Figura 55 - Fachada Chanfrada, Sobrado Eclético, Esquina Rua do Sol com Rua Santa Rita, nº 660



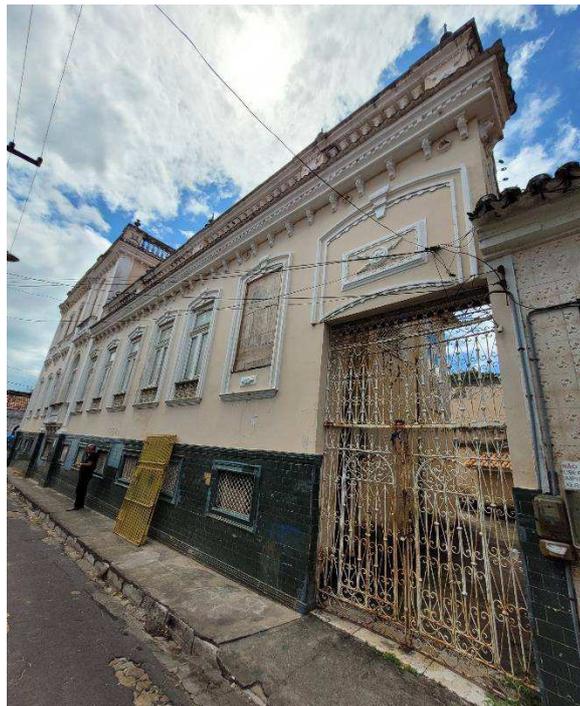
Fonte: Arquivo pessoal, 2022

Figura 56 - Fachada Frontal, Sobrado Eclético, Rua do Sol, nº 660



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

Figura 57 - Detalhe Portão, Fachada Lateral, Sobrado Eclético, Rua Santa Rita, nº 660



Fonte: Arquivo pessoal, 2002

O imóvel número 655, localizado na Rua do Sol (Figura 58), é uma morada inteira descaracterizada de estilo eclético, de uso comercial e pertencente ao tombamento estadual. A edificação não apresenta afastamentos laterais ou frontais, o acabamento da base é em pedra, enquanto o corpo e coroamento são revestidos com azulejos portugueses. As esquadrias são compostas por venezianas, bandeiras em vidro, molduras levemente saltadas, vergas em arco pleno e gradis em ferro por toda a extensão das mesmas. O coroamento apresenta platibanda com cornija, três adornos pontuais em formato circular e cimalha. À esquerda encontra-se um portão em madeira para provável acesso à garagem que descaracteriza a tipologia original.

Figura 58 - Fachada Morada Inteira Descaracterizada, Eclética, Rua do Sol, nº 655



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

O imóvel número 544, localizado na Rua do Sol (Figuras 59 e 60), é um sobrado de estilo eclético, atualmente em reforma e pertencente ao tombamento estadual. A fachada apresenta a base em revestimento de pedra, o corpo e coroamento pintados nas cores rosa e verde, originalmente eram brancos. As esquadrias do térreo são em vidro e de madeira com venezianas e vidro, atualmente pintadas em azul, com bandeiras em arco pleno de vidro e com balaústres no parapeito. Entre as esquadrias há elementos decorativos em estuque, que saltam da parede e enriquecem a edificação. O acesso acontece pela porta lateral gradeada com ferro pintado de azul, que com uma pequena escada dá acesso a um corredor lateral aberto possibilitado pelo afastamento lateral, característica eclética. Este acesso possui aberturas possibilitadas pelos espaços entre os pilares adornados que sustentam arcos plenos e tem em sua base balaústres.

Figura 59 - Fachada Sobrado Eclético, Rua do Sol, nº 544



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

O pavimento superior possui um corredor lateral que acompanha o corredor do térreo e segue com os mesmos elementos, com diferença apenas na distância entre os pilares e no formato reto da abertura superior. As esquadrias frontais desse pavimento são diferentes das esquadrias térreas, com o formato reto e leves curvas nas bordas, apesar de também serem compostas de vidro e venezianas azuis, onde as duas esquadrias das extremidades possuem balaústres em seus parapeitos, enquanto as duas centrais abrem para um balcão conjunto entalado, protegido com gradis em ferro, pintados também de azul. Os espaços entre elas são adornados com elementos em verde e a marcação entre os pavimentos é identificada através de cornijas. O coroamento é dotado por uma bela platibanda, composta por um frontão adornado e pináculos, somados a presença de uma cimalha trabalhada. Anexa a edificação, no mesmo lote, há uma edificação residencial em estilo *Art Déco*.

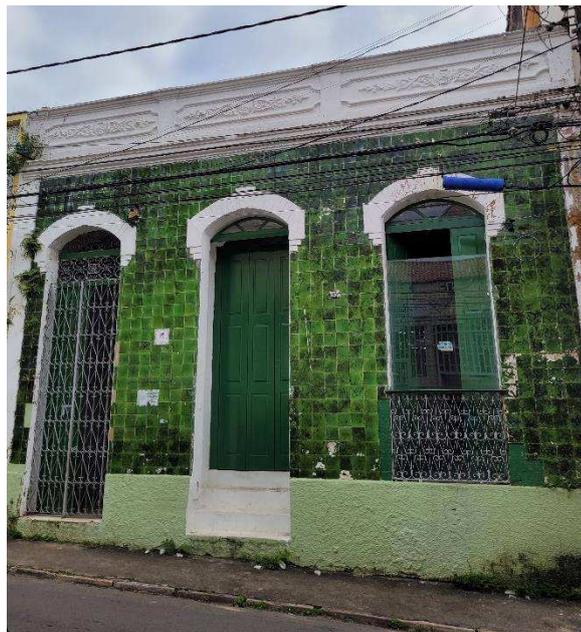
Figura 60 - Sobrado Eclético com Edificação Anexa, Rua do Sol, nº 544



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

O imóvel número 535, localizado na Rua do Sol (Figura 61), ao lado do imóvel anterior, é uma meia morada descaracterizada de estilo eclético, em estado de conservação regular e pertencente ao tombamento estadual. Sem afastamentos, a fachada é composta por duas portas à esquerda e uma janela à direita. A porta na extremidade esquerda é pintada de verde, protegida com gradil de ferro que percorre toda a sua abertura, uma bandeira trabalhada em ferro e em formato de arco. A porta central também verde, precedida de uma pequena escada de quatro degraus, não possui gradil e sua bandeira arqueada é em vidro, semelhante a bandeira da janela à direita, composta por folhas verdes, protegidas por um vidro (provavelmente adicionado posteriormente) que se encontra com o parapeito trabalhado em ferro. A base da edificação é pintada em verde, o corpo azulejado com um lindo verde e o coroamento, formado por uma platibanda contínua e adornada com desenhos que saltam levemente da parede, pintado de branco, juntamente com as vergas que adornam as esquadrias e a escada.

Figura 61 - Fachada Meia Morada, Eclética, Rua do Sol, nº 535

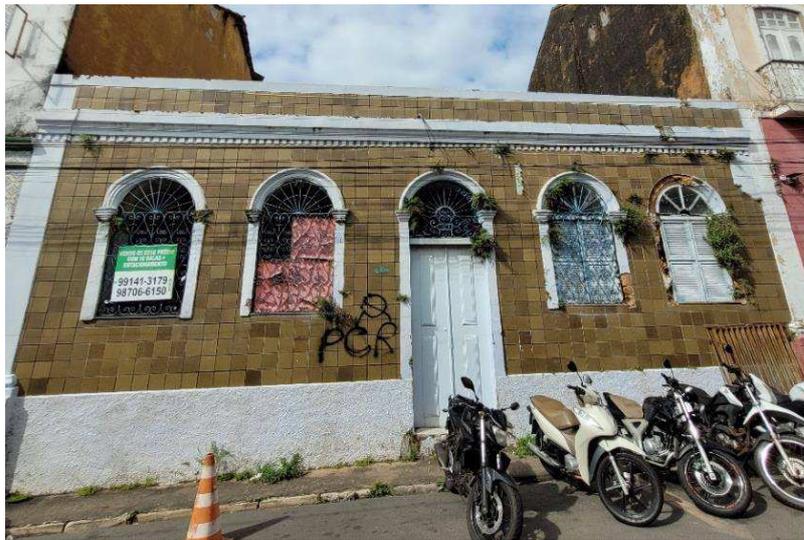


Fonte: Arquivo pessoal, 2022

O imóvel número 655, localizado na Rua do Sol (Figura 62), é uma morada inteira de estilo eclético, aparentemente sem uso e pertencente ao tombamento estadual. A edificação sem afastamentos, apresenta a divisão entre base, corpo e coroamento bem nítidas, por meio da diferenciação de acabamentos entre a base, pintada de branco, o corpo, revestido de azulejos marrons e o coroamento, que apesar de ser revestido do mesmo azulejo é separado do corpo pela cimalha pintada de branco. Nota-se a utilização de uma platibanda simples, sem vazios ou adornos. As janelas, pintadas de branco, possuem venezianas e bandeiras em vidro, com

formato de arco pleno, sendo adornadas por molduras brancas que saltam da fachada e gradis de ferro trabalho azuis. A porta possui um batente alto que dá acesso à edificação, é pintada de branco, assim como a moldura, e detém uma bandeira, também em arco pleno, trabalhada em ferro, que tem inscrita a data “1900”, possivelmente o ano de sua construção. A edificação encontra-se em um estado de conservação ruim, com a presença de vandalismo, vegetação crescente nas esquadrias e molduras faltantes.

Figura 62 - Fachada Morada Inteira, Eclética, Rua do Sol, nº 655



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

O imóvel número 460, localizado na Rua do Sol (Figura 63), é uma morada inteira com mirante de estilo eclético, uso residencial, estado de conservação regular e pertencente ao tombamento estadual. A fachada apresenta quatro esquadrias em seu corpo constituídas de vidro e venezianas, parapeitos adornados com ferro e bandeiras em vidro, molduras levemente saltadas e vergas em arco pleno. A porta detém os mesmos elementos, entretanto sua bandeira é trabalhada em ferro e é protegida inteiramente por um portão de ferro, além de contar com dois degraus para o acesso ao interior do edifício. O coroamento ganha destaque nessa edificação pela presença da platibanda eclética balaustrada, de cimalkas trabalhadas e, principalmente, pela presença do mirante central. O mirante acrescenta a fachada uma esquadria semelhante as janelas da base, mas com proporções menores, contendo o mesmo tipo de material para a bandeira, a esquadria, o parapeito e a moldura. Sua cobertura segue as características coloniais, com telhados aparentes e beirais, entretanto, contém uma calha de cada lado, instaladas após a sua construção.

Figura 63 - Fachada Morada Inteira com Mirante, Eclética, Rua do Sol, nº 460



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

O imóvel número 450, localizado na Rua do Sol (Figura 64), é uma morada inteira descaracterizada de estilo eclético, uso residencial e pertencente ao tombamento estadual. A fachada apresenta uma porta de madeira branca estreita e muito alta, que dá acesso a uma escada, composta por um portão de ferro à meia altura e uma bandeira em arco pleno igualmente trabalhada em ferro, onde há inscrita o número da residência. A moldura é sutil e a verga que acompanha o arco salta da fachada com belíssimos adornos, assim como nas janelas ao lado. Estas são elaboradas com venezianas e vidros coloridos, juntamente com as bandeiras em arco que apresentam desenhos feitos com os vidros coloridos, além de deterem parapeitos de ferro. O coroamento é constituído pela platibanda alta balaustrada, cornijas e cimalkas. À esquerda da fachada há uma garagem (resultado da demolição de duas janelas originais) com portão de ferro e uma grande sacada, que descaracterizam a edificação. O estado de conservação do edifício é ruim, com vidros faltosos, presença de umidade, descascamento da pintura, rachaduras e vandalismo.

Figura 64 - Fachada Morada Inteira Descaracterizada, Eclética, Rua do Sol, nº 450



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

O imóvel número 412, localizado na esquina da Rua do Sol com a Rua das Flores (Figura 65), é uma morada inteira de estilo eclético, uso institucional, ótimo estado de conservação e pertencente a área de tombamento estadual, federal e inscrição na Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO. Sede do Conselho Estadual de Educação do Maranhão, a edificação em esquina, possui duas fachadas com base, corpo e coroamento bem definidos. Na fachada frontal, na Rua do Sol, a porta de madeira pintada de cinza não possui gradis de ferro, detém uma bandeira de vidro em arco pleno, uma verga com a moldura branca que delimita nitidamente as esquadrias no corpo do edifício. As janelas seguem o mesmo padrão, com venezianas de madeira, bandeiras em vidro em arco pleno, molduras e vergas brancas e sem gradis. A base é delimitada pela pintura na cor cinza escuro, enquanto o corpo se apresenta na cor rosa claro e o coroamento separa-se do restante por meio de inúmeros elementos decorativos. O coroamento é composto por uma sequência ritmada de cheios e vazios, com um frontão central em arco que possui o brasão do estado (adição recente, juntamente com a placa vermelha com o nome do conselho), cornijas, cimália muito trabalhada e diversos elementos decorativos, como mísulas. A fachada lateral segue as mesmas características, contendo onze janelas e uma porta.

Figura 65 - Fachada Morada Inteira, Eclética, Rua do Sol, nº 412



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

O imóvel número 297, localizado na Rua do Sol (Figura 66), é uma morada inteira de estilo eclético, aparentemente sem uso e pertencente a área de tombamento estadual, federal e inscrição na Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO. A fachada apresenta uma porta central acessada por dois degraus instalados na calçada, gradis de ferro por toda sua extensão, inclusive na bandeira em arco pleno, seguida por uma moldura nos mesmos parâmetros da edificação

anterior. As janelas são constituídas por venezianas de madeira, vidro, bandeiras em vidro no mesmo arco da porta, assim como as molduras, e parapeitos em gradis de ferro. A base é pintada de uma tonalidade mais escura do que o corpo para diferenciar a área. O coroamento é composto por uma platibanda balaustrada, elementos decorativos nas extremidades e no frontão central em formato curvo, além de cimalha. A edificação, que não apresenta afastamentos, encontra-se em um estado ruim de conservação, com problemas no reboco, umidade nas paredes, vandalismo e falta de partes das molduras.

Figura 66 - Fachada Morada Inteira, Eclética, Rua do Sol, nº 297



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

O imóvel número 231, localizado na Rua do Sol (Figura 67), é uma edificação de estilo eclético sem tipologia definida, de uso residencial, bom estado de conservação e pertencente a área de tombamento estadual, federal e inscrição na Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO. A fachada apresenta uma base em pedra, quatro pequenas gateiras, embaixo de cada uma das janelas, para ventilação, um corpo composto por uma porta na extremidade direita, acessada por dois degraus, que possui um portão de ferro de cima abaixo, uma bandeira levemente curvada também em ferro, adornada com uma verga que se interliga com as vergas das janelas por meio de diversos elementos decorativos na fachada. As janelas são de venezianas na parte baixa, protegidas por gradis de ferro, e de madeira com bastante vidro na parte de cima, assim como também é de vidro as bandeiras levemente curvas. O coroamento apresenta uma platibanda balaustrada, com frontão central curvo, adornos nas extremidades, cornijas, cimalha e ainda dois sistemas de tubulação que descem nas laterais do edifício, sem afastamento, levando a água pluvial para a rua.

Figura 67 - Fachada Eclética, Sem Tipologia Definida, Rua do Sol, nº 231



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

O imóvel número 223, localizado na Rua do Sol (Figura 68), é uma meia morada de estilo eclético, uso comercial, bom estado de conservação e pertencente a área de tombamento estadual, federal e inscrição na Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO. A fachada apresenta base, corpo e coroamento bem definidos, com uma base delimitada pela pintura na cor verde escuro, o corpo revestido de azulejos coloniais e o coroamento pintado na cor branca. As janelas são compostas por venezianas na parte mais baixa, protegidas por gradis de ferro pintados de verde escuro, e na parte mais alta tem-se o uso do vidro. As bandeiras, em arco pleno, apresentam vidros coloridos que contrastam bem com a moldura trabalhada e pintada de branco. A porta, que dá acesso a uma escada de quatro degraus, é protegida por um portão de ferro pintado de verde, assim como é a bandeira de ferro, também em arco pleno e adornada com uma moldura branca. No coroamento há uma cimalha, seguida de uma platibanda balaustrada alta, com cornijas e pináculos simetricamente distribuídos.

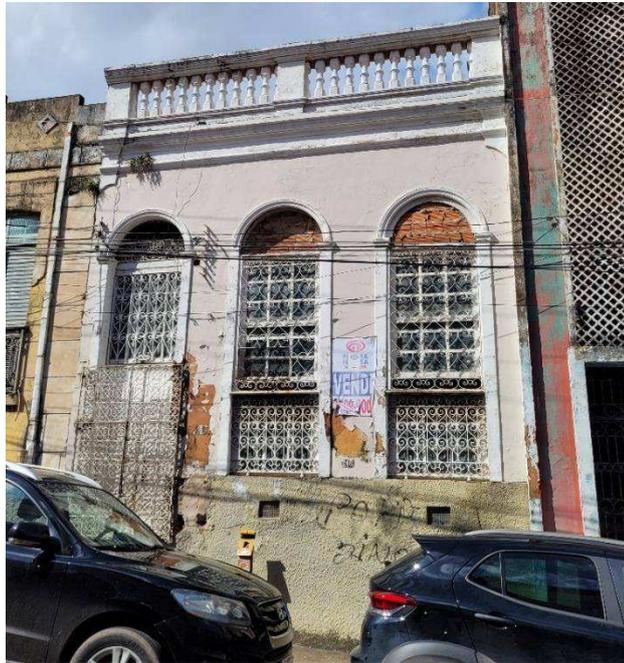
Figura 68 - Fachada Meia Morada, Eclética, Rua do Sol, nº 223



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

O imóvel número 246, localizado na Rua do Sol (Figura 69), é uma meia morada de estilo eclético, aparentemente sem uso e pertencente a área de tombamento estadual, federal e inscrição na Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO. Seu estado de conservação é ruim, pois apresenta vandalismo, crescimento de vegetação, deterioração do reboco e ao fechamento das bandeiras das janelas com tijolos, visto que as mesmas não se encontram mais presentes. As esquadrias de vidro encontram-se protegidas por toda sua extensão com gradis de ferro trabalhados e são emolduradas com elementos que formam arcos plenos na parte superior. A porta detém os mesmos elementos de moldura, possui um portão de ferro distinto dos gradis das esquadrias, que protege a abertura, e uma bandeira com os gradis das esquadrias, que apresenta a inscrição “1908”, provável data de construção. A base da edificação é bem alta e detém dois pequenos óculos para arejar o porão. O coroaamento é composto por uma platibanda balaustrada, sem adornos, seguida por uma cimália.

Figura 69 - Fachada Meia Morada, Eclética, Rua do Sol, nº 246



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

O imóvel número 218, localizado na Rua do Sol (Figura 70), é uma morada inteira de estilo eclético, aparentemente sem uso e pertencente a área de tombamento estadual, federal e inscrição na Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO. A base da edificação é alta, representada na fachada com uma pintura azul clara e possui dois pequenos óculos abaixo de cada janela. O corpo é revestido por lindos azulejos azuis e apresenta quatro janelas constituídas de venezianas e vidro, protegidas com gradis de ferro por toda sua extensão, com exceção das bandeirassems arco abatido e vidro. As molduras das janelas, assim como a da porta, são sutis, com uma saliência apenas na parte da verga. A porta de madeira possui um degrau de acesso, um portão de ferro à meia altura e uma bandeira trabalhada em ferro, separada da porta por uma moldura, que contém a inscrição “JMR 1853”, fazendo referência ao dono e ao ano de construção, provavelmente. O coroamento é dotado de uma platibanda cheia, sem áreas vazadas, pintada com um azul escuro e adornada com um desenho simétrico que se repete quatro vezes de um lado a outro, além de cinco pináculos e uma cimalha trabalhada. O edifício encontra-se mal conservado, apresentando vandalismo, vegetação no coroamento, deterioração das molduras e áreas faltantes de azulejos.

Figura 70 - Fachada Morada Inteira, Eclética, Rua do Sol, nº 218



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

O imóvel número 117, localizado na esquina da Rua do Sol com a Rua Godofredo Viana (Figura 71), é um sobrado de 2 pavimentos de estilo eclético, uso institucional, com boa conservação e pertencente a área de tombamento estadual, federal e inscrição na Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO. Edifício da Universidade Federal do Maranhão e antiga Faculdade de Direito, datada de 1908, a fachada principal apresenta três portas largas de madeira no nível térreo, com portões de ferro à meia alturas nas duas das extremidades, bandeiras de ferro em formato de arco, assim como as vergas brancas, que se conectam formando uma linha divisória no corpo da fachada. Abaixo dela as paredes são de pedra pintadas da mesma cor do resto da edificação, com exceção da base. No primeiro nível há três esquadrias, que seguem o mesmo alinhamento das portas, constituídas, em sua maioria, por vidro, assim como a bandeira, com parapeitos balaustrados e molduras levemente arqueadas formada por um conjunto de recortes. Esses recortes se repetem nas laterais da fachada, tanto no primeiro quanto no segundo pavimentos. Acima de uma cornija que divide os pavimentos, há o segundo pavimento, com três esquadrias que seguem os mesmos elementos das presentes no primeiro pavimento, apenas com alturas menores. O telhado é oculto por uma platibanda sem adornos e cimalha. Nota-se a presença de sistemas de captação da água de chuva que descem pela lateral da fachada.

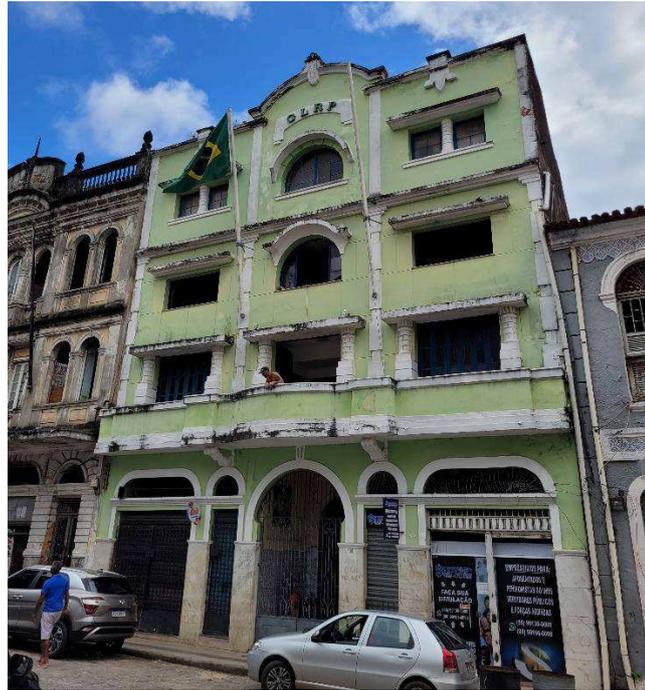
Figura 71 - Sobrado Eclético, Rua do Sol, nº 117



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

O imóvel número 55, localizado na Rua do Sol, em frente à Praça João Lisboa (Figura 72), é um sobrado de 4 pavimentos de estilo eclético, com boa conservação e pertencente a área de tombamento estadual, federal e inscrição na Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO. Antiga sede da diretoria do Grêmio Littero Recreativo Português, a edificação é data de 1938 e é a que menos apresenta características coloniais em sua composição. O pavimento térreo possui cinco aberturas de três dimensões e formatos distintos, sendo a central de acesso aos demais pavimentos, protegida por um grande gradil de ferro, e as demais para acessar o térreo, aparentemente de uso comercial. Uma grande sacada divide o térreo dos demais pavimentos e uma cornija divide o terceiro do último, sendo o segundo e o terceiro sem divisão. As esquadrias superiores apresentam bastante vidro, com as do segundo pavimento retilíneas, com vergas largas e uma coluna detalhada de cada lado. As do terceiro e quarto apresentam formas iguais, com as da extremidade retangulares e vergas retas, e as centrais em arco, com grandes vergas seguindo o mesmo sentido. O coroamento é composto por uma platibanda que apresenta um frontão central curvo, onde olha-se as inscritas “GLRP”, sigla do clube.

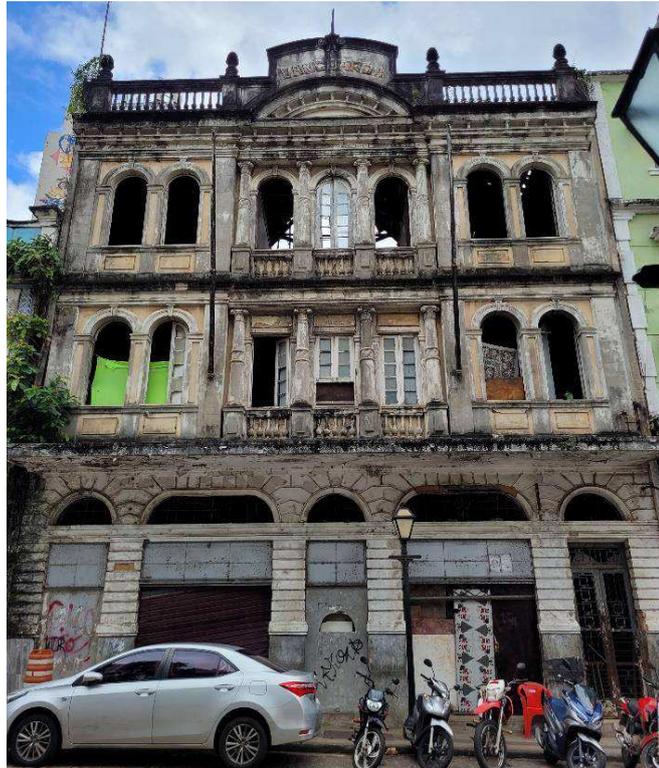
Figura 72 - Sobrado Eclético, Rua do Sol, nº 55



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

Por fim, o imóvel número 39, localizado na Rua do Sol, em frente à Praça João Lisboa (Figura 73), é um sobrado de 3 pavimentos de estilo eclético, bastante degradado e pertencente a área de tombamento estadual, federal e inscrição na Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO. Através da fachada deteriorada, ainda se percebem cinco portas com bandeiras curvas, de duas dimensões distintas e intercaladas, no térreo, que divide-se do pavimento superior por meio de uma grande estrutura que saca da fachada, funcionando como uma cobertura para o térreo. As esquadrias dos segundo e terceiros pavimentos apresentam os mesmos desenhos curvilíneos, molduras e parapeitos, com exceção das três esquadrias centrais de cada pavimento. Nesse caso, as do segundo são retilíneas, enquanto as do terceiro acompanham as demais, embora ambas apresentem colunas entre si e balaústres em suas bases. Algumas esquadrias ainda contém a estrutura de madeira com vidro, dando a entender que as demais também eram dessa forma, visto que o edifício apresenta grande simetria e ritmo. O coroamento possui uma cimalha muito trabalhada, seguida de platibandas balaustradas, com adornos em suas extremidades e um frontão central curvo onde se lê “vanguarda” abaixo de um pináculo central.

Figura 73 - Sobrado Eclético, Rua do Sol, nº 39



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

Diante da análise das edificações escolhidas, percebe-se que, dentre as 16 unidades catalogadas, 5 correspondem as tipologias sobrados (3 unidades de dois pavimentos, 1 unidade de quatro pavimentos e 1 unidade de três pavimentos) 6 são moradas inteiras (2 unidades descaracterizadas), há 1 morada com mirante, 3 meias moradas e 1 edificação sem tipologia definida. Os usos variam entre residencial, comercial e institucional, com alguns exemplos onde não foi possível identificar e outros que estavam abandonados. Já os níveis de conservação são diversos e variam de acordo com cada edifício, embora a maioria dos exemplares apresente alguma patologia. Vale ressaltar que, devido à grande extensão da Rua do Sol, todas as edificações encontram-se protegidas e há a presença das três esferas de tombamento patrimonial, mesmo as que não foram abordadas no recorte.

A atuação da arquitetura eclética nas edificações deu-se, principalmente, pela presença da platibanda, unânime nas 16 unidades catalogadas, onde 4 unidades apresentam platibanda balaustrada simples ou adornada, 3 unidades possuem platibanda balaustrada com frontão central, 1 unidade detém platibanda balaustrada com um mirante, 3 unidades tem platibanda contínua sem adorno, 2 unidades apresentam platibanda contínua com adornos, 2 unidades possuem platibanda contínua com frontão e 1 unidade tem platibanda com cheios e vazios, somados a um frontão central. Além disso, todas as edificações utilizam nas esquadrias

o ferro e o vidro, seja nas janelas, nos portões, gradis e bandeiras. Em contrapartida, apenas 2 unidades possuem afastamentos do lote, o que propicia o entendimento de que a maioria dos exemplares receberam modificações pontuais de elementos ecléticos nas edificações coloniais já existentes, visto ainda que quase todos possuem características claras da arquitetura colonial em suas fachadas.

Diante disso, conclui-se que a arquitetura eclética, apesar de atuar de modo pontual nas fachadas das edificações da Rua do Sol, fez-se significativa e presente por toda a sua extensão. Apenas 16 unidades foram abordadas, mas outros edifícios ecléticos existem na rua escolhida, assim como em diversas outras ruas pelo centro da cidade. A incorporação do ecletismo no tradicionalismo português trouxe a modernidade que a cidade procurava, a melhoria de vida e saúde para a população, o incremento das técnicas construtivas e o conhecimento necessário para aprimorar a arquitetura para o estilo modernista seguinte.

5 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho foi possível perceber a importância do ecletismo na história da arquitetura e suas contribuições para as cidades. Analisou-se o percurso do movimento desde à origem europeia até a chegada em São Luís, no final do século XIX. Diante disso, compreendeu-se as características e a forma de atuação arquitetônica no panorama urbano da cidade, principalmente no século XX, quando ocorre as maiores manifestações.

Por meio da contextualização histórica do século XIX, período transitório ao modernismo com inúmeras inovações, constatou-se que a Revolução Industrial foi um pilar importante para o surgimento do ecletismo, visto que possibilitou os avanços necessários para a utilização de novos materiais, além de exigir mudanças urbanas e incitar na população o anseio por algo novo, diferente e moderno. Paralelamente, com a abordagem do historicismo, entendeu-se as características da retomada de estilos antecessores no exercício da arquitetura, contribuindo para a conceituação da arquitetura eclética.

A partir disso, compreende-se o ecletismo e suas particularidades ao conceituá-lo como um movimento onde utiliza-se de diversos elementos de estilos anteriores em uma combinação única na mesma edificação. Com a adição das novidades tecnológicas e técnicas do período, constrói-se um estilo rico e inovador, resultando em uma renovação da linguagem arquitetônica. Através da exemplificação de obras ecléticas percebe-se a pluralidade compositiva, devido a multiplicidade de elementos, presente no estilo, evidenciadas em eventos como as Exposições Universais.

Com o estudo acerca das intervenções urbanísticas ocorridas em Paris, com o Plano de Haussmann, entende-se de modo mais claro as mudanças ocorridas nas cidades, exigidas pelo contexto histórico do período. Percebe-se que as contribuições urbanas foram significativas e importantes ao servirem de modelo para as demais cidades do mundo, inclusive às cidades brasileiras. Com a conseguinte abordagem do Brasil nos séculos XIX e XX e a análise histórica e urbanística das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, nota-se como a arquitetura e o urbanismo europeus influenciaram a formação da arquitetura e do urbanismo nacional, com destaque para a utilização do modelo de Haussmann e da construção de obras ecléticas.

Por meio da discursão do âmbito nacional, entende-se a influência das demais cidades brasileiras na construção urbana de São Luís nos séculos XIX e XX, além de compreender a inserção da arquitetura eclética na cidade como uma busca por modernidade, pautada nos ideais europeus e seguidos no Brasil. No âmbito urbanístico, há a criação de leis,

listados nos códigos de posturas, que objetivam a infraestrutura, a salubridade, o embelezamento e até mesmo o modo correto de se portar, além de nortear a aplicação da arquitetura. Diante da arquitetura tradicional portuguesa do período, nota-se que ecletismo apresenta-se em obras institucionais e civis, sendo nesta última com mais afinco nas fachadas, fator preponderante para a escolha da rua da pesquisa de campo.

A partir do recorte traçado, catalogam-se dezesseis exemplares ecléticos da Rua do Sol. Através da observação no local e da análise das fotografias retiradas das fachadas, compreende-se a forma de atuação da arquitetura eclética em São Luís. Percebe-se a presença unânime da platibanda, resultando no entendimento de que é o elemento determinante para a identificação do estilo eclético em meio ao estilo tradicional português, atendendo, principalmente, o artigo nº 61 do Código de Postura de 1866. Além disso, todas as edificações fazem uso de elementos em ferro e vidro, já existentes no estilo tradicional, mas reforçados com o ecletismo. Em contra partida, poucos foram os exemplares que apresentaram afastamentos laterais.

Dessa forma, compreende-se que a arquitetura eclética em São Luís – MA ocorrera, principalmente, na adaptação da arquitetura tradicional portuguesa aos elementos mais modernos, inovadores e tecnológicos, especialmente nas fachadas. Embora de modo sutil, a participação do movimento na cidade fora significativa e abrangente, resultando em diversos exemplares espalhados por todo o centro histórico. Nesse panorama, conclui-se que a arquitetura eclética em São Luís foi um importante vetor para a modernização da capital, que almejava o progresso e inspirava-se nos grandes centros urbanos brasileiros, e para a introdução de métodos e materiais novos à construção civil, abrindo espaço para a arquitetura modernista que viria a seguir.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5ª edição revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

A EXPOSIÇÃO universal de Londres de 1851 e o palácio de cristal. **Biblioteca Nacional**, 01 de Mai. de 2020. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/exposicao-universal-londres-1851-palacio-cristal>> Acesso em 26 Jun. 2022.

ANDRÈS, Luiz Phelipe de Carvalho Castro et al. **Centro histórico de São Luís Maranhão: patrimônio mundial**. Audichromo Editora, 1998.

ARAGÃO, Solange de. **Ensaio sobre a casa brasileira do século XIX**. 2ª edição. São Paulo: Edgard Blücher, 2017.

BARBOSA, Ian; COSTA, Kenya Soares da; IBIAPINA, GEISANE. A transformação urbana de São Luís do maranhão no início do século XX. In: **Anais do 11º mestres e conselheiros: educação para o patrimônio**. Anais. Belo Horizonte (MG) UFMG, 2019. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/11mestreseconselheiros/161330-A-TRANSFORMACAO-URBANA-DE-SAO-LUIS-DO-MARANHAO-NO-INICIO-DO-SEculo-XX>> Acesso em 22 Jun. 2022.

BENÉVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BIBLIOTECA NACIONAL inaugura nova fachada. **Biblioteca Nacional**, 18 de Jun. de 2018. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2018/06/biblioteca-nacional-inaugura-nova-fachada>> Acesso em 25 Jun. 2022.

BITTENCOURT, Anne Caroline Fischdick. et al. Análise do edifício Reichstag considerando sua história na arquitetura nacional germânica. **5º Simpósio de Sustentabilidade e Contemporaneidade nas Ciências Sociais**. p. 1-5, 2017. Disponível em: <<https://www.fag.edu.br/upload/contemporaneidade/anais/5953e4c76b1b1.pdf>> Acesso em 20 Jun. 2022.

BOHM, Mauro Fernando Normberg. **Ecletismos e a construção da cidade contemporânea: um olhar sobre o Historicismo na arquitetura em Pelotas**. 2015. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2015. Disponível em: <https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR_c3f70d5a950224206a68a069e36b1a44> Acesso em 25 Jun. 2022.

BONAMETTI, João Henrique. A arquitetura eclética e a modernização da paisagem urbana brasileira. **Revista científica/FAP**, 2006. Disponível em: < <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1741>> Acesso em 17 Jun. 2022.

BRANDÃO, Lena Carolina Andrade Fernandes Ribeiro. **Morada Ludovicense: tradição e adaptação**. 2011. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/21/teses/778452.pdf>> Acesso em 12 Jun. 2022.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CARDOSO, Reginaldo Luiz. Capital e Espaço: Aproximações analíticas entre o «modelo Haussmann» e o planejamento estratégico da cidade. In: **VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de ciências sociais**. Universidade de Coimbra. Coimbra. 2004. Disponível em: <<https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel74/ReginaldoLuizCardoso.pdf>> Acesso em 10 Jun. 2022.

Cidades históricas; inventário e pesquisa: São Luís - Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. 570 p. Edição Senado Federal, Vol. 85, 2007.

COWAN, Robert; ROGERS, Lucinda. **The dictionary of urbanism**. Tisbury: Streetwise press, 2005.

CRUZ, Mônica da Silva; TAVARES, Regina Lúcia Gonçalves. O planejamento urbano no século XX: ressonâncias das escolas urbanísticas no contexto pós revolução industrial e a historicização da ideia de cidade no Brasil. **Revista de Direito da Cidade**, v. 10, n. 2, p. 1116-1153, 2018. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/32323>> Acesso em 15 Jun. 2022.

DA LUZ, John Kennedy Ferreira. **A face popular da arquitetura do espetáculo**. Disponível em: < http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/151023_John_Kennedy_Ferreira_da_Luz.pdf> Acesso em 09 Jun. 2022.

D'ELBOUX, Roseli Maria Martins. **Manifestações neoclássicas no Vale do Paraíba: Lorena e as palmeiras imperiais**. 2005. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: < <https://doi:10.11606/D.16.2005.tde-13072005-231248>> Acesso em 27 Mai. 2022.

DE PAULA, Daniela. **Usos e desusos de parques urbanos contemporâneos: estudo de caso parque da cidade – Serra/ES**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração Cidade e Impactos no Território) – Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/161373097.pdf>> Acesso em 25 Mai. 2022.

DUCHER, Robert. **Características dos Estilos**. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2001.

ESPÍRITO SANTO, José Marcelo do. **Tipologia da arquitetura residencial urbana em São Luís do Maranhão**: um estudo de caso a partir da Teoria Muratoriana. 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3475>> Acesso em 27 Jun. 2022.

FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 1, p. 131-143, 1993. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-47141993000100011>> Acesso em 10 Jun. 2022.

FEITOSA, Rodrigo M., PFLUEGER, Grete S. **O Racionalismo Europeu**: Art Déco e Ecletismo, na construção da Avenida Magalhães de Almeida. Bahia: 2008 - 2º Seminário DOCOMOMO, Norte e Nordeste. Disponível em: <http://www.docomobahia.org/AF_Rodrigo%20Feitosa%20e%20Grete%20Pflueger.pdf> Acesso em 30 Jun. 2022.

FIGUEIREDO, Margareth. **Espelho do Tempo**: conservação da autenticidade do espaço público dos conjuntos patrimoniais edificados: O caso do centro histórico de São Luís. 2006. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

FIGUEIREDO, Margareth Gomes de; VARUM, Humberto; COSTA, Aníbal. Aspectos da arquitetura civil edificada no século XIX, em São Luís do Maranhão, Brasil. **Conservar Patrimônio**, n. 15-16, p. 43-68, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5136/513653441003.pdf>> Acesso em 10 Jun. 2022.

GABRIEL, Maria Helena; CASTRAL, Paulo César. O ECLÉTICO COMO PATRIMÔNIO. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 28, n. 42, p. 102-124, 2021. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/27370>> Acesso em: 25 Jun. 2022.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. Museu de Orsay. **História das Artes**, 07 de Mai. De 2022. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/museu-de-orsay/>> Acesso em 15 Jun. 2022.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **São Luís do Maranhão, Corpo e Alma**. 2ª edição ampliada. São Luís: Edição da autora, 2020. Vol I. Edição em recurso digital.

LE PALAIS de Justice de Bruxelles. **Unesco**. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/fr/listesindicatives/5357/>> Acesso em 15 Jun. 2022.

LOPES, José Antônio Viana. **São Luís, capital moderna e cidade colonial**: Antônio Lopes da Cunha e a preservação do patrimônio cultural ludovicense. São Luís: Fundação Municipal de Cultura, 2013.

LOPES, José Antonio Viana (Ed.). **São Luís, Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem**. Sevilha: Consejería de Obras Públicas y Transportes, Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008.

LORENZONI, Hélade de Oliveira. O Eclético. **XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis**. 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/49153347/Modelo_Identificado_ARTIGO_2015.pdf> Acesso em 15 Mai. 2022.

LOTUFO, J. O. Natureza e sociedade: Novos urbanismos e um velho dilema. **Revista LABVERDE**, [S. l.], n. 4, p. 227-254, 2012. DOI: 10.11606/issn.2179-2275.v0i4p227-254. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revistalabverde/article/view/61497>>. Acesso em 25 Mai. 2022.

LUCCHESI, Bianca Melzi de Domenicis. Transformações urbanas e habitação no final do século XIX: proibição e permanência dos cortiços na cidade de São Paulo. **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA-ANPUH**, v. 23, 2015. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945028_b3a7471461b119c96f39dcbc42de66fb.pdf> Acesso em 20 Jun. 2022.

MATTOS, Maria de Fatima da Silva Costa Garcia de. O sentido da Modernidade no imaginário do século XIX. **dObra [s]: revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, v. 3, n. 6, p. 96-103, 2009. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6277821.pdf>> Acesso em 20 Mai. 2022.

MATTOS, Maria de Fatima da Silva Costa Garcia de. Tipologia de edifícios ecléticos entre 1880 e 1920: uma leitura traçada pelo tempo. **XXIV Colóquio CBHA**, 2004. Disponível em: <http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/anais/textos/68_maria_fatima_costa_mattos.pdf> Acesso em 15 Jun. 2022.

MARTINS, Sérgio. O urbanismo: esse (des) conhecido saber político. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n. 3, p. 39-59, 2000. Disponível em: <<http://rbeur.emnuvens.com.br/rbeur/article/view/45>> Acesso em 10 Jun. 2022.

MENDONÇA, Juliana Guelber de. **Arte e Técnica: o ferro na arquitetura do século XIX e início do XX no Rio de Janeiro**. 2014. 170p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura PROARQ. Rio de Janeiro, RJ, 2014.

MERCADO municipal paulistano. **Prefeitura de São Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento/seguranca_alimentar/mercado_paulistano/index.php?p=151237> Acesso em 25 Jun. 2022.

MONTE, Paula Maria Freitas Câmara. **Arquitetura Eclética em São Luís**. BIC/FAPEMA. 2013/2014. Universidade Estadual do Maranhão. Curso de Arquitetura e Urbanismo. 2014.

MORI, Victor Hugo. Do Bosque Vertical de Boeri ao Duomo medieval: passeando pelas belezas arquitetônicas e artísticas de Milão. **Revista Vitruvius**, 11 de Nov. de 2017. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/11.128/6764>> Acesso em 15 Jun. 2022.

MORI, Victor Hugo. Ópera Garnier de Paris: olha para o alto. **Revista Vitruvius**, 15 de Ago. de 2021. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/15.173/8253>> Acesso em 31 Mai. 2022.

NASCIMENTO, Lúcia Moreira do. **São Luís e a Rota do Moderno a Produção Arquitetônica Residencial Moderna Entre 1930-1950, no Maranhão**. 2020. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa (Portugal).

PAIVA, Ricardo A. A Escrita da História da Arquitetura Moderna Brasileira: um palimpsesto. **CEP**, v. 60120, p. 340, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Ricardo-Paiva-3/publication/266907699_A_ESCRITA_DA_HISTORIA_DA_ARQUITETURA_MODERNA_BRASILEIRA_UM_PALIMPSESTO/links/5da5d7cca6fdccdad545f140/A-ESCRITA-DA-HISTORIA-DA-ARQUITETURA-MODERNA-BRASILEIRA-UM-PALIMPSESTO.pdf> Acesso em 05 Jun. 2022.

PATETTA Luciano. Considerações sobre o Ecletismo na Europa. In FABRIS, Annateresa (Org.). **O Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel-Edusp, 1987.

PEDONE, Jaqueline Viel Caberlon. **O espírito eclético**. 2002. 252 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura. Porto Alegre, RS, 2002.

PEVSNER, Nikolaus; HONOUR, Hugh; FLEMING, John. **The Penguin dictionary of architecture and landscape architecture**. Penguin Books, 1998.

PEVSNER, Nikolaus; NETTO, José Teixeira Coelho; GARCIA, Silvana. **Panorama da arquitetura ocidental**. Nikolaus Pevsner; Tradução de José Teixeira Coelho Netto e Silvana Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PEVSNER, Nikolaus. **Os pioneiros do desenho moderno**: de William Morris a Walter Gropius. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PONGE, R.; MACHADO, N. H. N. As transformações urbanísticas de Paris no século XIX: análise e reflexões. **Revista XIX**, [S. l.], n. 1, p. 68–89, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21292>> Acesso em 10 Jun. 2022.

PORTO, Aline LG et al. A influência “haussmanniana” nas intervenções urbanísticas em cidades brasileiras. **Encontro Latino-Americano de Pós-graduação**, v. 7, 2007. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2007/trabalhos/sociais/epg/EPG00214_010.pdf> Acesso em 11 Jun. 2022.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 9ª edição. São Paulo (SP): Perspectiva S.A., 2000.

SANTOS, Paulo César dos. **Um olhar sobre as exposições universais**. 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/42500>> Acesso em 21 Mai. 2022.

SÃO LUÍS, história e fotos. **IBGE**, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-luis/historico>> Acesso em 01 Jul. 2022.

SARAIVA, Silvia K. O.; BRITO, Stella R. S. Patrimônio urbano: os ornamentos de fachadas da arquitetura eclética contida na área inscrita como patrimônio cultural da humanidade, em São Luís_MA. In: **Anais do 4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil**. Anais. Belo Horizonte (MG) Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/simposioicomos2020/241220-PATRIMONIO-URBANO--OS-ORNAMENTOS-DE-FACHADAS-DA-ARQUITETURA-ECLETICA-CONTIDA-NA-AREA-INSCRITA-COMO-PATRIMONIO-CUL>> Acesso em 22 Jun. 2022.

SELBACH, Jeferson Francisco (Org.). **Códigos de Postura de São Luís/MA**. São Luís/MA: EDUFMA, 2010, 304p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=kiC55rKGMwgC&oi=fnd&pg=PA5&dq=SELBACH,+Jeferson+Francisco.+C%C3%B3digo+de+Posturas+de+S%C3%A3o+Lu%C3%ADs/MA.+edufma,+2010&ots=B90x7rKK1m&sig=2j5Wqm3yztT4NPRjSNKaa5HLpUY#v=onepage&q=SELBACH%2C%20Jeferson%20Francisco.%20C%C3%B3digo%20de%20Posturas%20de%20S%C3%A3o%20Lu%C3%ADs%20FMA.%20edufma%2C%202010&f=false>> Acesso em 26 Jun. 2022.

SILVA FILHO, Olavo Pereira da. **Varandas de São Luís - gradis e azulejos**. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2010. 180 p. Edição bilíngue ISBN: 978-85-7334-188-1.

SILVA, Gabriela M. **Traços desejantes da cidade**: o apelo pela modernização de São Luís (1889-1970). Dissertação (Dissertação em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Maranhão UFMA. São Luís, 2012.

SILVA, Ilídio. O discurso haussmanniano sobre o lugar-cidade: Paris como ficção, como retórica e como sofisma. **A Obra Nasce: revista de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Fernando Pessoa**, n. 14, p. 11-20, 2020. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/9881/1/A_Obra_Nasce_14_11-20.pdf> Acesso em 10 Jun. 2022.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.